

HISTÓRIA PÚBLICA EM DEBATE

3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA

28-30 NOV 2016 | UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Programação e Resumos

REDE BRASILEIRA DE HISTÓRIA PÚBLICA **2014-2016**

Comitê gestor

Ana Maria Mauad – Universidade Federal Fluminense
Clarissa C. M. M. de Castro – Laboratório de História Oral e Imagem / UFF
Juniele Rabelo de Almeida – Universidade Federal Fluminense
Ricardo Santhiago – Universidade Estadual de Campinas

Comitê de comunicação

Anita Lucchesi – University of Luxembourg
Bruno Leal – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Luiz Otávio Corrêa – Faculdades Promove/BH
Rodrigo de Almeida Ferreira – Universidade Federal Fluminense
Sônia Wanderley – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Comitê de mobilização regional

Benito Bisso Schmidt – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Maria Elena Bernardes – Centro de Memória – Universidade de Campinas
Miriam Hermeto – Universidade Federal de Minas Gerais

Website: www.historiapublica.com.br
E-mail: rebrahip@gmail.com

3º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA: **HISTÓRIA ORAL EM DEBATE**

REALIZAÇÃO

Rede Brasileira de História Pública
Universidade Regional do Cariri

APOIO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj)
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense
Universidade Regional do Cariri

PARCEIROS

Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF)
Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM-USP)
Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória - URCA)

Sumário

Apresentação, 5

Programação geral, 9

Conferência, 13

Mesas redondas, 17

Oficinas, 21

Lançamentos, 27

Grupos de trabalho, 31

COORDENAÇÃO GERAL

Ana Maria Mauad (UFF)
Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)
Ricardo Santhiago (Unicamp)
Sonia Meneses (URCA)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Anita Lucchesi (University of Luxembourg)
Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Bruno Leal Pastor de Carvalho (UFRJ)
Hebe Mattos (UFF)
José Newton Coelho Meneses (UFMG)
Paulo Knauss (UFF)
Rodrigo de Almeida Ferreira (UFF)
Sonia Wanderley (UERJ)

COMISSÃO LOCAL (URCA)

Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez
Cícero Joaquim dos Santos
Darlan de Oliveira Reis Júnior
Francisco Egberto de Melo
Iarê Lucas Andrade
Josefa Nunes Pinheiro
Paula Cristiane de Lyra Santos
Maria de Fátima Moraes Pinho

COMISSÃO CIENTÍFICA

Andrea Casa Nova Maia (UFRJ)
Dilton Maynard (UFS)
Marcos Silva (USP)
Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ)
Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Unifal)

Apresentação

Prezados participantes,

A Rede Brasileira de História Pública e a Universidade Regional do Cariri têm o prazer de recebê-los no 3º Simpósio Internacional de História Pública: História Pública em Debate, realizado de 28 a 30 de novembro de 2016, na Universidade Regional do Cariri.

O tema aglutinador escolhido para o evento abre-se para um elenco de tópicos bastante instigante e variado, propiciando o cruzamento de fronteiras entre diversas áreas de conhecimento e atuação, acadêmicas e não acadêmicas. Tal intercâmbio intelectual, empreendido entre pesquisadores e profissionais de várias áreas, contribui enormemente para a continuidade da Rede Brasileira de História Pública. Para tanto, este encontro tem como principal objetivo ampliar o espectro de prática social da história pública.

O 3º Simpósio Internacional de História Pública terá, dentre suas atividades conferências, mesas redondas com debatedores convidados, oficinas, apresentações orais em painéis temáticos, sessões de comunicação, apresentações lançamentos de livros e outros trabalhos.

Sejam bem vindos!

Coordenação geral

Programação geral

Quadro de programação

	Segunda-feira, 28 de novembro	Terça-feira, 29 de novembro	Quarta-feira, 30 de novembro
Manhã	8h-12h: Credenciamento	8h às 11h30: Mesa redonda 1: "O historiador como intelectual público"	8h às 11h30: Mesa redonda 3: "História pública em ambiente escolar"
	Intervalo para almoço	Intervalo para almoço	Intervalo para almoço
Tarde	14h-18h: Oficinas	14h às 18h: Grupos de trabalho	14h às 18h: Grupos de trabalho
Noite	18h às 19h: Recepção aos participantes 18h45: Solenidade de abertura 19h: Conferência internacional "O papel da pesquisa social com imagens, na história pública"	18h às 19h: Confraternização e lançamentos de livros 19h: Mesa redonda 2: "História pública e os usos do passado"	18h30: Mesa redonda 4: "História pública em questão - Tudo o que você queria saber sobre história pública e nunca teve coragem de perguntar"

Conferência

Conferência de abertura

Segunda-feira, 28 de novembro, 19h

O papel da pesquisa social com imagens, na história pública

com Lourdes Roca

Em sua conferência de abertura para o 3º Simpósio Internacional de História Pública, a pesquisadora mexicana irá discutir a relação entre a pesquisa histórica e a visualidade, baseando-se no trabalho de investigação instigante que tem desenvolvido nos últimos anos.



Con una formación multidisciplinaria en comunicación, historia y antropología, centró sus primeras investigaciones en los años noventa en la divulgación histórica audiovisual y la realización de documentales de investigación. Después de verse beneficiada por el CONACYT con un proyecto para jóvenes investigadores (2001), sobre "Los usos de lo visual en la investigación social", impulsó la creación de un espacio de investigación colectiva en este campo: el Laboratorio Audiovisual de Investigación Social, que fundó en 2002 en el Instituto. En él se ha dedicado a la investigación social con imágenes y a la construcción de propuestas metodológicas para su incorporación como fuentes de investigación. Es docente de estudios de la imagen y técnicas cualitativas de investigación en la licenciatura y el posgrado del Instituto Mora y ha impartido cursos de especialización en la materia en México, Colombia, Brasil, Chile y Argentina. Ha recibido otros apoyos del CONACYT para la conformación del Laboratorio Audiovisual de Investigación Social (2002-2006) y para el desarrollo de un Sistema de Información para Archivos de Imágenes, El Pescador, que ha permitido poner en línea varias fototecas digitales, impulsando el acceso libre a las imágenes y fomentando su conocimiento e investigación (2007-2012). Recibió la Presea Ducit et Docet y el Premio del ATENALCYT como mejor promedio de la generación de licenciatura en 1990, y mención honorífica por su tesis de doctorado en antropología en el año 2000. Entre sus publicaciones destacan el documental que formó parte de la tesis doctoral, Km. C-62 Un nómada del riel (2000), los libros Imágenes e investigación social (2005) e Investigación con imágenes. Usos y retos metodológicos (2012), y el sitio en línea Huellas de luz (2012). Su última publicación colectiva, Tejedores de imágenes. Propuesta metodológicas de Investigación y Gestión del Patrimonio Fotográfico y Audiovisual (2014), recibió el Premio Antonio García Cubas del Instituto Nacional de Antropología e Historia, México.

Comentadora: Ana Maria Mauad

Mesas redondas

O historiador como intelectual público

Dia 29 de novembro, terça-feira, às 9h

- Sônia Meneses (URCA)
- Adriane Vidal Costa (UFMG)
- Rodrigo de Almeida Ferreira (UFF)
- Marta Gouveia de Oliveira Rovai (Unifal)

História pública e os usos do passado

Dia 29 de novembro, terça-feira, às 19h

- José Newton Coelho Meneses (UFMG)
- Francisco Santiago Junior (UFRN)
- Darlan Reis (URCA)
- Paulo Knauss (UFF)

História pública em ambiente escolar

Dia 30 de novembro, quarta-feira, às 9h

- Sonia Wanderley (UERJ)
- Egberto Melo (URCA)
- Maria Telvira da Conceição (URCA)
- Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

História pública em questão - Tudo o que você queria saber sobre história pública e nunca teve coragem de perguntar

Dia 30 de novembro, quarta-feira, às 18h

- Ana Maria Mauad (UFF)
- Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)
- Ricardo Santhiago (Unicamp)
- Miriam Hermeto (UFMG)

Oficinas

Oficinas

Segunda-feira, 28 de novembro, das 14h às 18h

História pública e canção popular: representações do Brasil no século XX

PROF^a. DRA. MIRIAM HERMETO (UFMG)

A oficina pretende propõe uma análise de traços da memória coletiva sobre o Brasil, a partir das representações produzidas e veiculadas em diferentes gêneros da canção popular no século XX. Após a apresentação das concepções teórico-metodológicas que embasam a reflexão, serão apresentados cinco recortes temáticos, frutos dos dados de pesquisa do projeto de extensão "Os Brasis da canção popular" (UFMG, 2013): o Brasil censurado nas ditaduras; a "ideologia do trabalho" no Estado Novo; terra e propriedade nas telenovelas dos anos 90; os Brasis da bossa nova e do tropicalismo; diversidade, gênero e sexualidade.

Metodologia da história oral, usos e perspectivas

MS. ANA CRISTINA DE SALES; MS. CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS; MS. MARIA ARLEILMA FERREIRA DE SOUSA

As narrativas de memória vêm ganhando destaque no campo da História nas últimas décadas. Nesse sentido, a oficina tem por objetivo ampliar a reflexão acerca das práticas metodológicas da história oral seus usos e perspectivas na contemporaneidade, bem como discutir sua relação com a história pública. Discutiremos sobre as possibilidades de estudo e de análise do uso da oralidade como fonte no campo da pesquisa histórica e suas principais demandas na atualidade.

Imigração e História Pública

PROF^a. DRA. ISMENIA DE LIMA MARTINS; PROF^a. DRA. ANDREA TELO DA CORTE; PROF^a. DRA. MARILEIA INOUÊ

Considerando a imigração um fenômeno de larga duração, marcado por deslocamentos contínuos de populações premidas por fomes, guerras e desastres ambientais relacionados às forças de reorganização do capital, e ainda a desastres da natureza, essa oficina propõe uma discussão sobre a imigração como um problema da história pública, particularizando o caso dos imigrantes no Brasil.

A relevância do tema, para além da larga duração do fenômeno, ressalta pelo recorde atual de refugiados divulgado pela ONU, 21,3 milhões, que impacta a mídia tradicional e viraliza nas redes, com as imagens chocantes de naufrágios e mortes, inclusive de crianças.

Questões como identidades, alteridades, fronteiras, territorialidades, e lugar no mercado de trabalho serão discutidas, a partir das formas de narrar as histórias de imigrantes e imigração, da mesma forma que as apropriações do tema, não apenas pela academia mas pelo jornalismo, pelas artes plásticas, cinema e literatura e pela prática da política.

Brinquedos históricos, não apenas para o museu

PROF. DR. TITUS RIEDL

A oficina apresenta brinquedos óticos da era vitoriana como praxinotrópio, zootrópio, taumatoscópio, phenkistoscópio, miriorama, lanterna mágica e outros que caíram quase em esquecimento. Estes instrumentos ainda são capazes de fascinar e podem ser adaptados em atividades de arte-educação, ações museológicas e outras iniciativas educativas. A oficina pretende fornecer informações básicas sobre a origem dos instrumentos citados e dar instruções práticas para a montagem, acompanhado por um trabalho prático. Além disso, serão discutidas mudanças tecnológicas ocorridas no último século e a adaptação destes instrumentos no mundo virtual, utilizando recursos computadorizados.

A História vista de baixo: fontes judiciais e cartoriais na relação pesquisa e ensino

PROF. DR. DARLAN DE OLIVEIRA REIS JUNIOR (URCA)

A proposta da oficina é fornecer instrumental para a pesquisa e o ensino de História a partir de fontes judiciais – processos criminais e civis, e fontes cartoriais – inventários post-mortem. Por meio da análise dos documentos serão abordadas questões sobre a descrição, explicação, contextualização e análise do processo histórico e as possibilidades de utilização dos mesmos em sala de aula.

Por uma escrita fílmica da História

DRA. ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL (UNICAMP/ CMU); MA. JULIANA MUYLAERT MAGER (DOUTORANDA PPGH/UFF)

O cinema se tornou um dos principais espaços de produção e divulgação de imagens do passado e de debate sobre a história fora da academia. Algumas dessas narrativas em áudio e vídeo trazem os embates da memória para o âmbito público, provocando debates

a respeito dos significados da história. Como afirma Rosenstone (2010, p. 175) a questão está na capacidade de um diretor de "criar um passado na tela tão ultrajante ou polêmico a ponto de forçar uma sociedade a debater abertamente uma importante questão histórica".

A proposta se aproxima do que propõem vários dos que têm pensado e praticado a história pública. O reconhecimento de tipos de saber sobre o passado realizados fora da academia, com características específicas, é uma das contribuições desse novo campo de atuação. O que há de mais profícuo no pensamento de Rosenstone está no olhar para as especificidades da relação com a história travada pelos cineastas, respeitando os limites e convenções existentes na construção de uma narrativa audiovisual. O cinema, feito em película ou digital, nos proporciona a experiência de "ver o passado", ou seja, a imersão em passados possíveis construídos segundo questões e formas que são próprias das narrativas audiovisuais.

Nessa oficina, portanto, a proposta é pensar uma abordagem da história que nos possibilite saltar das páginas para as telas, analisando isso que entendemos como uma escrita fílmica da História. Assim, a partir da exibição e debate de filmes documentários, pretende-se discutir as relações entre cinema documentário e história pública, entendendo o cinema como espaço de elaboração de narrativas históricas em audiovisual.

Os diferenciados usos da literatura de cordel no Brasil: produção, circulação e consumo (1893-2012)

PROF. DR. HELONIS BRANDÃO

Esta oficina propõe fazer uma genealogia da literatura de cordel nos aspectos de sua produção, circulação e consumo, a partir de uma abordagem da História do Livro e das Práticas de Leitura e do conceito de apropriação, entendido como usos diferenciados, representados em uma forma e formato pretensamente "popular". O objetivo é perceber a constituição de um cânone no objeto cultural cordel, construído como "popular", e como ele foi utilizado das mais variadas formas e formatos, em diferenciadas apropriações, desde o seu surgimento ao final do XIX até os dias atuais.

Lançamentos

Lançamentos, conversas com autores e autógrafos

Terça-feira, 29 de novembro, às 19h

História pública no Brasil: Sentidos e itinerários

Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago (org.)
São Paulo: Letra e Voz, 2016

História e contemporaneidades

Sônia Meneses e Cícero Joaquim dos Santos (org.)
Curitiba: CRV, 2016

Trabalhadores, Boêmios, Ébrios e Alcoólatras:

Tensões sociais no consumo de bebidas alcoólicas em Fortaleza (1915-1935)
Raul Max Lucas da Costa
Fortaleza: Edições UFC, 2015

Nas trilhas do sertão - Volume III

Raimundo Alves de Araújo, Reginaldo alves de Araújo, Antonio Vitorino Farias Filho,
Antonio Iramar Miranda Barros
Sobral: Sertacult, 2016

A Crise da Subordinação Jurídica e o Novo Marco Tutelar do Direito do Trabalho

Claudio Pedrosa Nunes
João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba (EDUFPB), 2015

A coluna Prestes em Piancó: Caso Padre Aristides

Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti
João Pessoa: Imprel, 2016

A formação do homem moral em Sêneca:

Pressupostos educativos na contemporaneidade
Rosana Vasconcelos Vito
Curitiba: Appris, 2016.

Sextilhas a um puxa saco - vulgo xeledéu, chaleira...

Antonio Helonis Borges Brandão
Crato: Pé Duro, 2016.

Grupos de trabalho

GT 01 – História Pública: Questões teóricas e metodológicas

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Miriam Hermeto, José Ricardo Oriá Fernandes, Maria Elena Bernardes

UM CONTRA-EXEMPLO DE HISTÓRIA PÚBLICA COMO HISTÓRIA CIENTÍFICA PARA O MENOR NÚMERO: OS ANOS DOURADOS DO CURSO DE Mestrado EM HISTÓRIA DA UFPR

BRUNO FLÁVIO LONTRA FAGUNDES, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ (UNESPAR) - CAMPUS DE CAMPO MOURÃO, PARABRUNOS@GMAIL.COM

A comunicação pretende expor resultados parciais no âmbito de pesquisa de pós-doutorado. O exame da história do curso de mestrado em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) — criado em 1971 — revela que, durante os anos 1970, o curso viveu seus anos dourados sob o comando de alguns professores que se tornaram ícones nacionais da consagração de uma história científica que concedeu o status ao curso como de "curso de excelência" em permanente interação com pesquisadores internacionais — principalmente franceses — e internacionalmente reconhecido pelo desenvolvimento de metodologias quantitativas na investigação do passado paranaense entendido como história da ocupação territorial do estado numa linha de História Demográfica. Foi, naqueles anos 1970, um curso que desenvolveu grande trabalho de localização e descrição de grandes acervos sobre a história do Paraná, tomando a si a tarefa de arregimentar documentação histórica que oferecia a seus participantes os atributos de oficiais de arquivo e ao curso a identidade de "história-ciência" fechada a experts da investigação e da produção de conhecimento novo. A comunicação advoga a hipótese de que, naqueles anos de 1970, as diretrizes que marcaram a elaboração do programa de atuação do curso de Mestrado em História da UFPR visavam um conjunto restrito de historiadores-cientistas distintos e superiores a quaisquer outros agentes, públicos ou não, que viessem a escrever e/ou difundir o estudo da história do Paraná, incluído aí, principalmente, professores e alunos de ensino fundamental e médio, alçados à condição de meros reprodutores de história acadêmica e inconvenientes ao processo de produção de História — agentes não compreendidos como portadores de saber histórico coletivo socialmente difuso, partilhado e legítimo. É assim que a comunicação pretende revelar informações sobre a atuação daquele curso e oferecer alguns parâmetros que podem envolver o esforço de definição do que, hoje, seria o conceito de "história pública". Visando, atualmente, o empenho de praticantes da área de História dedicados a conceituar o que seria "história pública", a história do curso de mestrado em História da UFPR e os resultados de sua atuação nos anos 1970 podem apontar em que medida historiadores não devem fazer se quiserem ser mesmo historiadores públicos, cuidando para não serem um contra-exemplo, pois, se alguma história ser "pública" mesmo, nunca será nunca se tomar como espelho o que foi e fez o curso de mestrado em História da UFPR nos anos 1970.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: REFLEXÕES ENTRE HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA

FAGNO DA SILVA SOARES, INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO - IFMA, FAGNO@IFMA.EDU.BR

Este estudo pretende contribuir na ampliação das reflexões, acerca da história do tempo presente e sua relação com a história oral e memória. Neste contexto, realizamos um debate historiográfico, de modo a cotejar os conceitos entre história e memória. Contudo, tomamos para pensar a história do tempo presente, interseccionada por uma dupla articulação dos conceitos filigranados entre historiar a memória e memoriar a história. Propondo assim, forjar um instrumental teórico de reflexão e aprofundamento a estudos futuros. A discussão acerca da história do tempo presente, podemos destacar que nos idos do século XIX, a história perdia a autonomia dado à forte influência do positivismo, sob o pretexto de se forjar um estatuto, ou seja, em um conjunto de pressupostos pautados na objetividade científica por uma história acadêmica, que muitos insistem advogar da necessidade do distanciamento temporal para qualificar um estudo como sendo historiográfico. No contraponto está a história linear, factual, anedótica e a narrativa política dos grandes personagens, que passou a ser dominante a guisa dos historiadores vanguardistas da época, Víctor Langlois e Charles Seignobos autores da umbrática obra *L'introduction aux études historiques* de 1897, valorava as análises quantitativas, os feitos de 'grandes homens', a compilação cronológica dos fatos e, sobretudo, os documentos escritos. Lucien Febvre, descreveu a obra como sendo "a bíblia do método positivista" com certo rigor metodológico, se utiliza da descrição esmiuçada de dados e fatos geralmente de cunho político, contidos em documentos escritos, tidos como 'oficiais', e assim demarcando os territórios de um história francesa que serviu de arquétipo para o mundo. Nasceu, portanto, uma corrente historiográfica delineada pelo distanciamento do passado com o presente e pela legitimação da cientificidade histórica a partir do documento escrito, tomado como prova irrefutável da realidade passada. Ainda Lucien Febvre, nos alerta que este modo de fazer história "sob o rigor da máscara científica" já fora ultrapassado, pois a objetividade e a pretensa neutralidade do conhecimento histórico, bem como, o distanciamento temporal não são garantias de uma história mais científica, pois o fazer historiográfico é bem mais complexo do que supõe a nossa vã empiria. Visto nestes termos, a valoração do passado distante não deve significar a desqualificação do presente, afinal o passado se constitui a luz do presente. Deste modo, estudar o presente não nos parece ser um interdito, assim devemos avaliar com acuidade a máxima proferida por Bloch, em meados do século XX, para quem "a história é o estudo do homem no tempo" seja ele passado ou presente, bem como, suas relações. Assim, fazemo-nos rememorar o sequioso historiador Paul Thompson na obra 'A voz do passado' a posteriori, pluralizada e mais adequadamente empregada por Phillipe Joutard no título da obra 'Essas vozes que nos chegam do passado'.

MUSEU, UNIVERSIDADE E PESQUISA - UM RELATO DA PESQUISA PARA UMA EXPOSIÇÃO

CARLOS RENATO ARAUJO FREIRE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, CRENATOAF@GMAIL.COM

O espaço para exposições de curta-duração do atual Museu da Cultura Cearense, equipamento do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), foi ocupado pela exposição *Os ambulantes* no período de 31 de maio a 26 de agosto de 2007 gerando a confluência de vários interesses. Inicialmente a exposição abrangia as 25 telas em acrílico do pintor Sérgio Pinheiro resultado de uma pesquisa de 7 anos sobre o cotidiano dos sapateiros, picolezeiros, quituteiros, vendedores de óculos, cambistas do jogo do bicho e de outros ambulantes de algumas praças do centro de Fortaleza. Através do edital *Memória*

do trabalho (Fundação Getúlio Vargas/Ministério do Trabalho) e a parceria com a Fundação Cearense de Pesquisa (Funcap) essa exposição tornou-se também o primeiro momento para se tornar público o trabalho do recém-formado núcleo de pesquisa desse museu. A ação desse grupo multidisciplinar de 7 bolsistas (estudantes de graduação) coordenados por um “orientador científico” efetuou um processo investigativo que coletou e/ou produziu documentos escritos, registros orais, iconográficos, áudios-visuais. A pretensão era que os estudos e os materiais identificados pelo projeto seriam classificados e reunidos no Fundo Cotidiano e Trabalho, descritos em um folder intitulado como “Guia do Acervo Documental. Fundo Cotidiano e Trabalho” e lançado no encerramento da exposição Ambulantes, no qual constaria as entrevistas realizadas com vários trabalhadores ambulantes, a disposição para consulta pelo público em geral. Além de comemorar os 40 anos da trajetória do pintor, a exposição se tornou um momento de aproximação com a expectativa desses trabalhadores informais, enquanto que a nossa atenção se direcionou para a redação de um possível livro contendo reflexões sobre os espaços de trabalho, as formas de sociabilidade e de uma possível arte de fazer desses trabalhadores. Este trabalho pretende compartilhar a experiência de um bolsista e estudante de História para problematizar as relações e colaborações entre Museu e pesquisa acadêmica pretendendo uma aproximação com as questões da História Pública.

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO - UMA ANÁLISE DO CONCEITO A PARTIR DO ESTUDO DA FORMAÇÃO DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA DE NITERÓI NA DÉCADA DE 1980

CAINÃ CARNEIRO GUSMÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, KINA_CGS@HOTMAIL.COM

O artigo busca desenvolver uma análise sobre o conceito de “espaço público” com base na investigação da literatura sobre a questão ambiental no Brasil e a partir do estudo de caso sobre a formação do movimento ambientalista de Niterói (RJ) – especificamente, o Movimento de Resistência Ecológica e o Movimento Cidadania Ecológica – como um agente público legítimo na década de 1980. O objetivo é contribuir para o debate sobre os caminhos teórico-metodológicos de apreensão do que é público e do que constitui um espaço público, questão fundamental quando pensamos numa História Pública. Propõe-se uma crítica à matriz habermasiana presente tanto nos estudos ambientais das ciências sociais – como já identificado em alguns dos principais debates bibliográficos sobre o tema (Maria Gohn, 2004; Ângela Alonso e Valeriano Costa, 2009; Marisa von Bülow e Rebecca Abers, 2011) – quanto no campo da História Pública que vem se consolidando no Brasil – destaca-se o artigo seminal “O que é História Pública?”, de Jill Liddington, presente no livro que constitui um marco nesse campo, “Introdução à História Pública”, organizado por Juniele de Almeida e Marta Rovai (2011), e o artigo “O conceito de público e o compartilhamento da história”, de Renata Schittino, em “História Pública no Brasil – Sentidos e Itinerários” (organizado por Ana Maud, Juniele de Almeida e Ricardo Santhiago – 2016). Desenvolve-se aqui um estudo de viés bourdieusiano sobre as estratégias de disputa e de construção do espaço público, observando-se a relação dos instrumentais retóricos utilizados pelos militantes com a posição por eles ocupada enquanto movimento nos espaços legítimos de poder – com base em entrevistas e acervos documentais com vastos registros jornalísticos (mais de quatrocentas reportagens) e de documentação produzida pelo próprio movimento. Observa-se a transformação das estratégias de atuação do movimento e da maneira como este se representa e é representado. A análise toma como uma mistificação do mundo social o olhar sobre o espaço público concebido como um lócus idealizado do debate racional, ancorado sobre a falsa dicotomia da “pureza-degeneração”, que leva o pesquisador a buscar os elementos do processo histórico concreto que estariam desvirtuando a produção de um espaço público “verdadeiramente”

livre e democrático. Procura-se deslocar o olhar da relação ideal-história para a produção genética das práticas e percepções que constituem o espaço público. Toma-se o público como o produto das relações e percepções dos sujeitos, estruturadas por espaços sociais cuja legitimidade é variável e hierarquicamente relacionada aos centros de produção de legitimidade. Parte-se das fontes para compreender a formação prática do público enquanto produto de uma instituição (incorporada) de moral, de percepção e apreciação e, portanto, de julgamento constituídos relacionalmente através da vivência e das posições (mais ou menos centrais/marginais) experimentadas ante os centros de poder.

A HISTÓRIA HUMANA ENTRE SÍSIFO E MNEMOSINE

ODILON MONTEIRO DA SILVA NETO, UECE, FATIMA.LEITAO@UECE.BR
FÁTIMA MARIA LEITÃO ARAÚJO

O presente trabalho tem como objetivo a análise da produção dos memorialistas locais, no sentido em que suas produções se tornam objeto de conhecimento e difusores de interpretações que ocupam espaços, que deveriam ser ocupados pelos historiadores acadêmicos. A referida produção é realizada em espaços não credenciados como produtores de conhecimento científico. Numa acepção do domínio da linguística, onde se impõem a condição do lugar da fala, as narrativas mais conhecidas, não foram produzidas nos espaços consagrados ao saber, saber este intitulado de oficial. Mas por outro lado como perceber tudo aquilo que não é incorporado dentro desta visão? É daí que nos aproximamos das relações entre os domínios da História, como saber e conhecimento assistido como oficial e uma imensa teia de versões, de interpretações que ancoradas nos alcances da memória, de elementos que constituem tradições de se falar de si, onde este não está reconhecido como saber válido sobre os diferentes grupos que compõem a sociedade. Numa definição clara de um tipo de historiografia, a produção dos memorialistas locais, se coloca como base para a construção do que hoje a produção intelectual define como história pública. A mesma sai do espaço das reminiscências da memória e se coloca como marca nas chamadas produções entendidas como científicas feitas a luz da tradição acadêmica. Tendo como configuração o sertão cearense, tais reflexões se assentam nos domínios da produção dos memorialistas para apresentar não apenas a importância destes para se pensar as reflexões sobre a história local, mais para identificar de que modo a mesma contribui para o campo de investigações consideradas científicas pela tradição letrada, registrada sob a intervenção acadêmica, validada por especialistas do saber histórico. Embora as primeiras tenham sido produzidas em espaços não tradicionais do campo da ciência, as mesmas se tornam indispensáveis para a configuração de novos estudos, de olhares, sobre o fazer história.

O HISTORIADOR COMO CURADOR: EXPERIÊNCIAS DE HISTÓRIA PÚBLICA NO CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS

JOSÉ RICARDO ORÍÁ FERNANDES, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE E
CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS, GROOF@UOL.COM.BR

Desde sua constituição como campo disciplinar, o conhecimento histórico teve na escola e na literatura didática seus principais espaços de produção e divulgação. No entanto, a partir dos últimos decênios do século XX, a História tem sido objeto de interesse e apropriada por parte de empresas e órgãos governamentais que criam museus, memoriais, centros de documentação e memória, bem como programas de história oral, cujo objetivo primordial é a valorização da história como importante mecanismo de promoção de sua imagem institucional. Paralelamente, nos últimos anos, o historiador, como profissional

da memória, tem sido chamado a exercer outras funções em instituições culturais as mais diversas. Um desses trabalhos têm sido a curadoria e produção de exposições de cunho histórico e institucional em museus e centros culturais. No Centro Cultural Câmara dos Deputados, essas exposições tratam de grandes temas políticos, de interesse nacional, como, por exemplo, Mulher e Cidadania: 80 anos do voto feminino (1932-2012); 190 anos do Parlamento Brasileiro (1823-2013); Parlamento Mutilado: 50 anos do golpe civil-militar (1964-2014); Imprensa, Arte e Cidadania: 25 anos da Constituição de 1988 e a série "Histórias Não Contadas", que trazem para o grande público novas abordagens de temas consagrados pela historiografia oficial ou de fatos históricos que foram relegados ao esquecimento. Nelas, como forma de propiciar uma maior interação, temos incorporado o uso de novos suportes tecnológicos, a exemplo do QR-CODE, que foi usado na exposição "Getúlio Vargas: o político e o mito", onde foram disponibilizados ao visitante documentos históricos e pequenos vídeos que complementavam a referida exposição. Na presente comunicação, a partir do próprio conceito de "curadoria", abordarei alguns aspectos relevantes que devem ser observados quando se trata de realizar uma exposição histórica: qual a abordagem a ser escolhida- temática ou cronológica; como dosar o uso de textos curatoriais, documentos escritos e imagens?; como dialogar com outros campos epistemológicos presentes numa instituição museológica que permitam um trabalho multidisciplinar, na medida em que nela atuam os mais diferentes profissionais (museólogos, arquitetos, designers gráficos, produtores culturais, jornalistas, educadores, entre outros). A exposição histórica não deve ser confundida com uma mera aula expositiva ilustrada. Seu objetivo não é esse. Toda exposição é um ato comunicacional e deve, portanto, despertar os sentidos de quem a visita. Nesse sentido, pretende-se mostrar que a exposição constitui um excelente dispositivo de um novo campo de atuação do historiador- a História Pública.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E HISTÓRIA PÚBLICA: DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA-UNICAMP

MARIA ELENA BERNARDES (UNICAMP)

O Centro de Memória-Unicamp se constitui como um centro de documentação e tem como missão preservar e disponibilizar acervos documentais, sobretudo da cidade de Campinas e região, visando à produção e à disseminação de conhecimentos, assim como ao desenvolvimento de ações de caráter multidisciplinar para a pesquisa e a extensão relativas à questão da memória. O CMU, ao longo dos seus 30 anos de existência, reuniu e organizou um significativo acervo bibliográfico e documental – de arquivos institucionais e pessoais, composto de documentos textuais, iconográficos, fotográficos, cartográficos, sonoros e filmográficos, datados entre o final do século XVIII até o século XX. Trata-se de documentação de expressivo interesse histórico que possibilita investigar a partir de numerosos aspectos as transformações ocorridas na região de Campinas desde os ciclos da cana-de açúcar e do café até a industrialização. Constitui uma matriz de informações para estudos e pesquisas multidisciplinares relativas à questão da memória e da história, relacionadas a aspectos econômicos, sociais, culturais, urbanos e políticos. Desta forma, a organização, conservação e disponibilização do acervo do CMU são ações finalísticas de grande relevância para o pesquisador acadêmico de diferentes níveis e comunidade em geral. Dialogando com o propósito da História Pública, esta comunicação tem por objetivo apresentar a experiência do Centro nos seus 30 de trabalhos na difusão de seu acervo e sua significativa contribuição na elaboração de trabalhos, sobretudo os relacionados a escravidão.

GT 02 - História pública e educação

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Rodrigo de Almeida Ferreira, Iarê Lucas Andrade, Carina Martins Costa

HISTÓRIA ESCOLAR, CINEMA BRASILEIRO E HISTÓRIA PÚBLICA: CAMINHOS DE UMA MEMÓRIA

VITÓRIA AZEVEDO DA FONSECA, UFSCAR/SEE-SP, VITORIA.AZEVEDO@GMAIL.COM

Durante os últimos dez anos, em um levantamento englobando produções de 1996 a 2016, foi possível identificar em torno de 240 filmes, entre ficções e documentários cuja temática tem alguma relação com o passado, ou, com a dinâmica do tempo na interface entre passado e presente. Observamos que nesse universo, 60% dos filmes são documentários, dos mais variados tipos e 40% adotam a estética ficcional. Nesse montante, é interessante observar que 40% dos filmes abordam diretamente uma biografia (documentários e ficções), dentre as quais, mais de 50% estão relacionadas a artistas, sejam escritores, atores, pintores, músicos e cineastas. Assim, podemos considerar que grande parte dessa produção voltada para pensar a dinâmica do tempo tem favorecido a reflexão sobre trajetórias de pessoas ligadas à dimensão artística. Dessas biografias, apenas 12% tem alguma relação com a história ensinada nas escolas. Dentre as temáticas mais abordadas pelos filmes a música ocupa 15% do total, seguido da Ditadura Militar, com 12% dos temas, com em torno de 30 produções. A temática da guerra, dentre a Segunda Guerra Mundial, e conflitos armados no Brasil, somam 15 produções, ou seja, 6% das produções sendo o terceiro tema mais abordado. A questão indígena, temas ligados a política e ao futebol têm em torno de 10 produções cada, ou seja, 4% do total. Outros temas aparecem com a mesma incidência, são eles questões do cotidiano, de identidade nacional, questões sobre o contato entre culturas no século XVI, Nazismo relacionado a sobreviventes, reflexões sobre cidades e criminalidade. A proposta dessa apresentação é refletir sobre a presença da temática da história escolar no cinema brasileiro dos últimos dez anos, considerando ter sido esta aproximação entre a história e o cinema muito comum em outros períodos históricos. Assim sendo, podemos dizer que a temática histórica no cinema vem sendo ampliada para outros públicos e outros espaços deixando de ser pensada apenas a partir de uma visão escolar da história e passando a englobar outros interesses sociais.

HISTÓRIA PÚBLICA: DIÁLOGOS ENTRE O FILME E A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA

RODRIGO DE ALMEIDA FERREIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, DEALMEIDARODRIGO@GMAIL.COM

O trabalho analisa a educação do conhecimento histórico nos diálogos possíveis da relação entre o cinema e a história sob a perspectiva do viés educativo, tanto no espaço escolar quanto não-escolar. A análise articula três pontos: a) o cinema-história; b) a

história pública; c) práticas para o ensino de História. Desde a publicação do artigo O filme como contra-análise da sociedade (Ferro, 1992), em 1974, houve aproximação na relação História/Cinema. A perspectiva metodológica de abordagem dessa relação, como considerar o filme fonte, ilustração ou objeto, por exemplo, influencia seu uso educativo. Entender o filme para além de fonte histórica implica em pensar o processo da narrativa cinematográfica da História (Rosenstone, 2010, Lagny, 1996). Apropria-se, nesse sentido, das reflexões de Ricouer (2007, 2010) sobre a narrativa na conexão entre o “quase ficção, quase realidade”. Essa operação se faz na interface com a História Pública, considerada aqui não como um campo específico, mas, sim, uma prática. Destacam-se três aspectos pelos quais se compreende o cinema-história como história pública em diálogo com a educação: a) a ampliação de públicos proporcionada pela exibição fílmica; b) a circularidade do conhecimento inerente à produção do filme, mobilizando narrativas sobre a história em diversos suportes; c) a produção de significados históricos por meio da narrativa fílmica. A narrativa cinematográfica da história favorece não só o conhecimento do fato, mas também a (re)significação do acontecimento. Considera-se que, mesmo quando a abordagem fílmica incorre em conflitos com a produção historiográfica, pode ser uma boa oportunidade aproveitar as discordâncias para estimular o debate e a revisão da temática. O uso do filme nas aulas de História é uma prática recorrente no cotidiano escolar e muitas vezes vista como positiva. Entretanto, também há riscos, como o filme se tornar um exemplo ilustrado do conteúdo, ou, especialmente, cair na dicotomia analítica objetividade x subjetividade (Napolitano, 2005). Efetivamente, a educação em História favorecida pelo cinema-história se processa por meio da transdisciplinaridade. A abordagem fílmica do passado ocorre por meio da problematização que perpassa os variados profissionais envolvidos na construção da narrativa histórica. Ainda que não seja uma produção historiográfica – por isso não pode ser cobrado como tal –, o filme se torna um difusor de conhecimentos históricos produzidos, que podem/devem ser problematizados, especialmente pelo alcance amplo que sua exibição atinge na sociedade contemporânea: para além do universo acadêmico/escolar. A reflexão, portanto, está voltada para a relação cinema-história e educação. O procedimento se desenvolve a partir da articulação teórica-metodológica que procura reconhecer diálogos envolvendo o conhecimento histórico, sua circulação e (re)significação, destacando filmes com temática histórica na interface com a História Pública.

A ESCRITA HISTÓRIA NA INTERNET: NARRATIVAS DIDÁTICAS EM SITES EDUCACIONAIS

ANA JULIA GOMES DE OLIVEIRA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA,
ANAJULIAGOMESDEOLIVEIRA30995@HOTMAIL.COM; SONIA MARIA DE MENESES
SILVA, URCA, ANAJULIAGOMESDEOLIVEIRA30995@HOTMAIL.COM

A massificação da internet atingiu diversas áreas do conhecimento, assim, não diferente de outros campos, a história acabou também sendo apropriada por esse meio. Levando em consideração que este tipo de produção esta sendo consumida por um grande numero de estudantes do ensino básico, e não somente por eles, mais por uma serie de curiosos internautas, buscando conhecimento sobre determinados temas, nesse caso relacionados à história. Ao pensar sobre a escrita história em sites, nos deparamos em questionamentos sobre a escrita e o ensino de história nessa nova temporalidade, os desafios e os moldes desse novo modo de se ensinar e aprender história e os novos locais que a história esta agora inserida, visto que estas produções estão cotidianamente presentes nas pesquisas e estudos escolares dos alunos da educação básica, agora eles têm acesso a maneiras de aprender sozinhos, a internet possibilita um novo mundo de informações acessíveis e ferramentas para chegar ao que procuram e a construção de uma possível verdade.

Este questionamento nos leva a pensar e refletir, sobre qual tipo de discurso vem sendo produzido nestes sites? E sobre quais narrativas didáticas estão sendo veiculadas? Tais colocações trazem questionamentos bem perspicazes sobre o a própria narrativa e esta sendo voltada para o ensino de história, já que estes são direcionados e tem como publico alvo os estudantes que buscam por conhecimento ou mesmo subsidio nos conteúdos escolares, tendo em suas características de composição o caráter educativo. Vivenciamos um alargamento dos lugares de produção do saber histórico, onde esta deixa de ser restritas as Universidades e aos historiadores, e passa a integrar outros ambientes e também a ser construída por outros indivíduos. Prova disso é que vemos surgir uma serie de produções históricas de jornalista, advogados e diversos outros profissionais. Esse fenômeno se reflete na produção editorial de diversos livros, audiovisuais, entre outras, que constrói diversos saberes históricos, o que nos sugere uma reflexão sobre o lugar da história, assim como, dos mais variados profissionais que operam com esses conhecimentos. Os sites integram este novo campo ou lugar de produção histórica que vem ganhado força, por tal razão se torna necessário refletir sobre esta questão quando se discute sobre a produção historiográfica em ambientes virtuais. Este trabalho esta vincula ao projeto de pesquisa, "Internet, Escrita da História e Ensino: Sites educacionais e os desafios ao ensino de História", financiado pelo CNPQ.

FILMES: USO DIDÁTICO E DE HISTÓRIA PÚBLICA NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

IVANEIDE BARBOSA ULISSES, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, IVAULISSES@YAHOO.COM.BR; NAYANE DE LIMA OLIVEIRA, FAFIDAM - UECE, NAYANE.LIMA@ALUNO.UECE.BR; BRUNO YURI DE ARAÚJO, FAFIDAM - UECE, BRUNOYURI97@HOTMAIL.COM

O trabalho que pretendemos apresentar e debater no evento é resultado de atividade do Projeto de Extensão "História do Brasil pelas vias do cinema" UECE/FAFIDAM na EEF José Hamilton de Oliveira, localizada na sede do município de Limoeiro do Norte (Ceará). Queremos refletir primeiro, sobre as principais dificuldades em se trabalhar o filme como recurso metodológico dentro da sala de aula, com intuito de aprimorar a aprendizagem. Segundo, o filme como mote de aproximação do público em geral com temas, conceitos e reflexões da disciplina História, no presente caso, apresentaremos a experiência com a comunidade de uma escola pública, cujo objetivo principal (foi) o é fazer com que os alunos consigam discutir conteúdos de História do Brasil, por meio de filmes nacionais previamente selecionados (pelo coordenador do projeto, professor da escola e bolsistas). Os filmes como recursos didáticos para professores que utilizam essa ferramenta midiática para a sistematização de conceitos históricos, no intuito, de fazer com que os alunos percebam a narrativa fílmica como fonte para interpretação de suas realidades, se atende assim, a nossa primeira intenção. Quanto à aproximação dos temas, conceitos e reflexões da História da comunidade (para além dos alunos e professores da disciplina), já obtivemos um primeiro resultado, oriundo da exibição do filme NARRADORES DE JAVÉ (2005), alunos bolsistas e da escola realizaram entrevistas com pessoas que moram ou moraram no bairro da escola na busca de pensamentos sobre passado e presente tendo as memórias locais como legenda. O resultado foi um vídeo de 48 minutos e 21 segundos dividido em três esquetes: família, escola e religião, o intitulamos, "Pequenos Narradores: José Hamilton de Oliveira", em um formato de documentário disponível nas redes sociais como YouTube <https://youtu.be/dLmWFvOeelo> e facebook História do Brasil pelas vias do cinema.

FAZER DA HISTÓRIA, HISTÓRIA PÚBLICA: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM PRODUÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE DIVERSIDADES NO DISTRITO FEDERAL

CRISTIANE DE ASSIS PORTELA, CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA- UNICEUB / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL / UNB, CISPORTELA@HOTMAIL.COM

A apresentação propõe compartilhar a experiência de produção de uma série de oito filmes de curta-metragem que tratam de temas relacionados a diferentes contextos de diversidade no Distrito Federal, em conformidade com os pressupostos curriculares nacionais. Produzidos pela equipe do Canal E- TV Educativa da SEDF, sob minha direção (historiadora e professora da educação básica), os filmes têm duração média de 20 minutos e se estruturaram por meio de três eixos temáticos: a) Etnicidades e Sustentabilidade; b) Gênero e Sexualidade e c) Movimentos Sociais e seus novos sujeitos no DF. Consistem em vídeos baseados em pesquisa histórica, com a utilização de elementos ficcionais e ampla utilização de fontes documentais. Partimos do pressuposto de que é importante a construção de formas de difusão do conhecimento histórico para amplas audiências e que estas sejam orientadas por uma preocupação com a educação para a interculturalidade, aqui pensada como um conjunto de ações que visem construir perspectivas de equidade e justiça diante da diferença e da diversidade. A produção desses conteúdos audiovisuais passa a ser mote para uma reflexão sobre a atuação do historiador quando seu locus passa a ser o público, retirando esses saberes de um âmbito exclusivamente acadêmico e/ou escolar (no sentido tradicional), ao propor que sejam pensados também como prática, e que se deixem ser conduzidos a partir dela. Assim, mais do que o acesso e publicização das concepções históricas, a proposta remete a uma noção de apropriação e recriação dos discursos históricos, sobretudo, da possibilidade de construir contranarrativas que ficcionalizem a realidade e possibilitem a apresentação de outras possibilidades educativas. O tema diversidade nos parece muito propício para produção desse tipo de narrativa já que somente ganha visibilidade quando se busca integrar (a um todo mais ou menos homogêneo), diferenças até então subordinadas socialmente, a exemplo das minorias políticas representadas por indígenas, negros, mulheres, quilombolas, homossexuais, moradores de periferias urbanas ou de comunidades camponesas, entre outros. Assim, há de se considerar que o conceito diversidade somente pode ser pensado como categoria diretamente associada ao conceito de poder, e assim compreendemos que construir conhecimentos envolve também se posicionar diante da forma como se estruturam as relações sociais de poder, devendo ser estas reflexões permanentemente estimuladas em diferentes espaços, de forma a contemplar o reconhecimento das identidades diversas que constituem os sujeitos na contemporaneidade. A ideia não é romper com o saber acadêmico e sim, colocá-lo em diálogo com a recepção desse nos espaços escolares, além de pensar suas correlações com os saberes não-acadêmicos.

OFICINA DE LITERATURA: A HISTÓRIA NA SALA DE AULA

FATIANA CARLA ARAÚJO, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, FTARAUJJO@HOTMAIL.COM; ROSANA LOPES PEREIRA, LICEU-BREJO SANTO, LOPESSROSANA@GMAIL.COM

O ensino de História é repensado a partir da percepção da mudança ocorrida no mundo; mudança esta, observada em diversos espaços sociais. As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, a música, o cinema, o jornal, os mapas e registros cartográficos, a imagem, assim como a literatura, são usados como fontes e também como recursos materiais para pensar o ensino História. A oficina de ensino possibilita uma aprendizagem mais dinâmica, pois permite uma maior interação entre professor, conteúdo e aluno. O professor é agora um facilitador; a sala de aula é o espaço de criação, reflexão, produção de

saberes e o aluno é um pesquisador. Ciberespaço, hipertexto, hipermídia são expressões desse novo tempo. A oficina de literatura é um convite ao uso de uma linguagem que tem renovado o ensino de História. História e Literatura se aproximam, mas não se confundem. Há muito que se discute sobre a relação entre história e literatura. A historiografia fornece um panorama amplo e diversificado quanto ao uso da literatura como fonte histórica, como uma linguagem especial ou mesmo como uma forma de expressão. No texto História e Literatura: relação de sentidos e possibilidade, Cláudia Freitas de Oliveira (2003) traça um panorama do papel ocupado pela Literatura através a partir do século XIX, seja no seu uso como documento ou como objeto de pesquisa. Sem a pretensão de apresentar um retrospecto dos estudos que envolvem história e literatura, mencionamos os estudos de Paul Veyne (1982), Hayden White (1992, 2001), Peter Gay (1990), Michel de Certeau (2011), cada um, à sua maneira, levanta questões, suscita debates sobre as relações entre Literatura e História. Antonio Candido em Literatura e Sociedade destaca que "a literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo uma sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a" (CANDIDO, 2000, p. 84). Pensar com a Literatura é se permitir descobrir uma linguagem especial, um mundo diferente, uma outra verdade. Temas e abordagens são apresentados pela literatura sob outras possibilidades como a discussão do conceito de sujeito e de razão, o próprio conceito de história e tempo, o desequilíbrio de dualismos como estratégia, a fusão entre sujeito e objeto, o uso da metalinguagem. História, literatura e ensino estão interligados na produção do conhecimento como parte do trabalho desenvolvido por professores e alunos.

A HISTÓRIA PÚBLICA COMO POSSIBILIDADE DE EXPANSÃO DO DEBATE PÚBLICO CONTEMPORÂNEO NA AULA DE HISTÓRIA

DANIEL PINHA SILVA, UERJ, DANIELPINHA@YAHOO.COM.BR

As discussões acadêmicas recentes em torno da história pública têm trazido à tona um debate fundamental a professores e pesquisadores da área de história, qual seja, sobre os modos pelos quais as representações do passado circulam em âmbito público, para além de espaços considerados convencionais como escolas e universidades. Do horizonte de quem escreve ou de quem fala profissionalmente sobre história, tendo em vista protocolos de escrita e de leitura específicos, o giro em direção ao que é praticado como história pública surge como sinal de uma preocupação que envolve usos e apropriações da história em uma comunidade de leitores diversa, formada por um público não ambientado ao circuito propriamente intelectual. Tal problematização em torno da história pública adquire renovada relevância na atualidade, considerando a notável multiplicação dos meios de divulgação e representação da história – nos meios de comunicação de massa, em diferentes tipos de produção audiovisual, em museus, visitas guiadas pelas cidades e na internet, por exemplo – cada vez mais ao alcance de olhos e ouvidos dos mais diversos interesses: desde a velha curiosidade pelo passado, o encanto pela imaginação histórica, a busca por senso crítico ou formas de orientação para a vida social e política no tempo presente. Diante desta expansão, fora do controle do circuito de especialistas, a tematização acadêmica em torno da história pública traz para o âmbito da discussão especializada – encampada por professores e pesquisadores – os múltiplos sentidos do tempo e da experiência da história contidos nestas variadas formas, presentes na sociedade como um todo. A presente comunicação problematiza usos e possibilidades de textos desta difusão pública da história em um contexto específico: o do ensino de história na escola. Tendo em vista a concepção de cidadania presente em currículos brasileiros de história e na constituição brasileira de 1988 – balizando limites e possibilidades do modelo democrático atual – consideramos que a utilização de materiais de amplo alcance social contemporâneo amplia a potencialidade da aula de história como espaço de realização do

debate público, atrelada às demandas sociais por liberdade, igualdade e pluralidade que, inevitavelmente, atravessam o caminho de estudantes e professores, autores da aula de história.

HISTÓRIA REGIONAL EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA VISTA DE PERTO

JOHNNYS ELIEL TORCATE, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, JOHNNYSTORCATE@GMAIL.COM

Um debate cada vez mais intenso têm discutido a importância de um currículo de História Regional no Ensino Fundamental e Médio. No que concerne ao ensino de História no Ensino Médio, a questão se torna problemática, uma vez que os conteúdos apresentados de forma linear, ou seja, seguindo a lógica do livro didático. Ainda que o professor não se prenda à estrutura linear do livro didático, estará preso ao conteúdos programáticos que é, no geral, generalizante não contemplando, com isso, uma perspectiva mais regionalizada, isto, de fato, se constitui num desafio para o professor. Essa abordagem generalista, distante, muitas vezes, da realidade do aluno, faz com que se reproduza um estereótipo cristalizado devido a metodologia tradicional: que a história é uma matéria decorativa sem nexos com a realidade do aluno. Pensando nisso, cada vez mais a relevância da história regional vem sendo discutida entre historiadores. O aluno pode entender a configuração do espaço nacional a partir da sua realidade, isso o torna ao mesmo tempo, sujeito e agente do processo histórico. Apesar de os PCN's tratarem sobre essa relevância, na prática, esse currículo regionalizado é, muitas das vezes, recluso ao Ensino Fundamental. Um currículo de história regional que contemple as questões sociais, econômicas e políticas a partir de uma contextualização com a história Geral ou do Brasil, situa o aluno como parte integrante das forças que integram a sociedade. Os alunos, cada vez mais envolvidos com questões que envolvem cultura, religiosidade, economia, etc, sentem a necessidade de entender essa enxurrada de informações transmitidas pelos meios de comunicação (Internet, TV), ou por meio de livros, a partir de sua referência espacial e cultural. Diante desse quadro apresentado, surge a seguinte questão: até que ponto as informações apreendidas pelos alunos têm uma correlação com o seu contexto? Esse artigo, por tanto, busca contextualizar a história regional, como constituidora de uma identidade da qual o aluno compartilha, com os processos históricos vivenciados em outros lugares e que se tornam conhecidos dos alunos pelos meios de comunicação. Deve-se considerar como aporte ao ensino de história a partir de uma perspectiva regional, a produção historiográfica local, uma vez que, no geral, os alunos utilizam como material didático, tradicionalmente, o livro didático ou outros recursos didáticos que não estão relacionados ao contexto ao seu contexto.

A CONSTRUÇÃO DE OLHARES SOBRE A TEMÁTICA INDÍGENA NOS MUSEUS HISTÓRICOS: INTELLECTUAIS, AÇÕES EDUCATIVAS E INTERPRETAÇÕES DO BRASIL

CARINA MARTINS COSTA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, MARTINSGARUDA@GMAIL.COM

O trabalho pretende contribuir para uma área de fronteira entre os saberes disciplinares da História, Educação e Museologia, na tentativa de historicizar ações educativas desenvolvidas por intelectuais em museus históricos brasileiros, compreendidas em um processo que não se restringe à produção de sentidos na materialidade dos projetos de memória, mas, sobretudo, pelos diálogos promovidos entre objetos e sujeitos. Os museus assumiram uma centralidade no processo de enquadramento da memória e na tentativa

de forjar uma identidade nacional, liderado por intelectuais tais como Affonso de Taunay, Gustavo Barroso e Darcy Ribeiro. Neste sentido, procuraremos investigar as representações construídas sobre/para as sociedades indígenas nas ações públicas destes intelectuais, tendo como pano de fundo dois momentos cruciais, a saber: a Primeira República (1889-1930), período no qual o Museu Paulista assume um viés narrativo notadamente histórico e o Museu Histórico Nacional foi construído e as décadas de 1950-1960, que apresentam iniciativas que criticam o eurocentrismo das narrativas históricas, como o projeto de Darcy Ribeiro para o Museu do Índio. Estes projetos foram constituídos em uma tentativa de ampliar o público para acessar narrativas com linguagens próprias, construídas a partir de um esforço de didatização de informações, fontes e interpretações do Brasil. Assim, o trabalho insere-se em uma perspectiva de investigação que procura alargar o campo do Ensino de História, buscando deslindar as complexas relações tecidas entre memória, poder e identidade a partir dos museus, compreendidos como espaços de ancoragem e de visualização de temporalidades, bem como plataforma de diálogo entre culturas. A pesquisa mobilizará fontes dos acervos institucionais pouco conservadas e difundidas, como materiais pedagógicos, plantas expositivas, folhetos, etiquetas e relatórios administrativos. Pretende contribuir, assim, com os debates sobre História Pública em museus, ainda que este debate teórico-metodológico seja contemporâneo.

O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO CEARÁ

ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, ZULEIDEFQUEIROZ@GMAIL.COM

O artigo é parte do projeto matricial que procura explicitar como se constitui, na matriz curricular dos Cursos de Pedagogia, o ensino da história da educação. A proposta se justifica no momento em que os cursos de formação de professores, nos próximos anos realizam reformulação/atualização curricular em função do debate travado durante as discussões para os textos constitutivos da Base Nacional Comum Curricular. No Ceará, o ensino superior público conta com três universidades estaduais e três universidades federais e em todas as instituições são ofertadas Licenciaturas em Pedagogia. A intenção do Projeto é realizar um estudo documental dos Projetos Políticos Pedagógicos atuais e suas propostas de reformulação/atualizações, envolvendo o período de 2016 – 2018. A observação participante, com o uso das entrevistas também são utilizados para possibilitar o registro das referências teórico-metodológicas apresentadas nas diversas ações para o ensino de história da educação. Neste artigo apresentamos a primeira parte da pesquisa em que situamos a ensino da História da Educação no Curso de Pedagogia da URCA, uma das seis instituições que ofertam o Curso. Criado em 1959, o Curso, em sua matriz curricular sempre apresentou o estudo da área com a oferta de duas disciplinas: Fundamentos Históricos da Educação e História da Educação Brasileira. Na reformulação curricular do ano de 1998, a área teve seus conteúdos ampliados e a oferta de uma Disciplina intitulada História da Educação no Ceará e no Cariri. Esta Disciplina era obrigatória no currículo, de 1998 a 2008 e, a partir de 2009, seu conteúdo passou a integrar a disciplina de História da Educação Brasileira. O estudo mostrou que os professores que lecionavam a disciplina não encontravam uma sequência de estruturação da mesma, cada um buscava bibliografia própria, documentos, livros de historiadores cearenses e de memórias dos sujeitos da época para desenvolver suas aulas. Tivemos muita dificuldade em encontrar os planos das disciplinas nos arquivos da instituição. Alguns deles conseguimos com ex-alunos e com os ex-professores. Foi possível perceber a falta de bibliografia para os estudos dos alunos, principalmente para consulta na biblioteca, acesso e manuseio. Os professores

escreveram artigos e livros para ajudar nos estudos dos alunos. Concluímos que, a história da educação, como campo de múltiplos interesses, tem envolvido professores e alunos das mais diversas áreas: História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Letras, Pedagogia e outras. Do ponto de vista do seu aprimoramento metodológico, a área só tem a ganhar com a formação de equipes multidisciplinares, desde que mantenha a sua função primordial de reconstrução do passado educacional como fonte de reflexão para uma prática futura. A reconstrução da história educacional tem, neste contexto, um papel relevante a ser considerado – a formação do professor-pesquisador.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA NO CARIRI CEARENSE – EXPERIÊNCIAS EM FORMAÇÃO

IARÊ LUCAS ANDRADE, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, IARELUC@GMAIL.COM

O presente artigo é voltado para o campo de investigação da Educação Histórica a partir das experiências tratadas por sujeitos envolvidos nos processos do ensino de história no Cariri Cearense. Constituindo-se como importante campo desde experiências de práticas desenvolvidas nas escolas, em especial aquelas atendidas pelo raio de ação da URCA, tanto no que concerne aos cursos de formação inicial, bem como naqueles que se voltam para a formação continuada, a análise considera a questão da consciência histórica nos alunos da educação básica da região atendida pela pesquisa, bem como dos professores que atuam nas escolas e que se encontram no momento como mestrandos do Curso de Mestrado Profissionalizante – PROFHISTÓRIA, hora em andamento na Universidade Regional do Cariri – URCA, em rede com outras instituições de ensino superior. O processo investigativo trata ainda das experiências realizadas desde as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, que em seu subprojeto História vem desenvolvendo o debate sobre as questões do ensino e da aprendizagem em História, ao tempo que realiza importante diálogo entre alunos da educação básica e aqueles que se encontram em formação inicial. Observa-se que esses elementos abordam relações onde esses elementos extrapolam os muros da academia e das próprias escolas, realizando assim uma ressignificação dos sujeitos, na medida em que tecem diversas interações relacionadas às suas identidades no tempo presente, o que a sua vez, propõem problemas, perguntas e alternativas que dialogam com o passado, ao tempo em que indicam situações ao futuro. A proposta utiliza como fonte de pesquisa a análise bibliográfica de trabalhos já desenvolvidos ou em construção sobre as questões da Educação Histórica e da Consciência Histórica em outros contextos, bem como a realização de entrevistas e tem como referencial teórico e metodológico as elaborações de Barca sobre educação histórica e Rüsen acerca da consciência histórica, ademais de Albieri sobre a história pública e suas relações com a consciência histórica.

HISTÓRIA PÚBLICA E EDUCAÇÃO: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR SOB A PRÁTICA DO HISTORIADOR/PROFESSOR DE HISTÓRIA E A RELAÇÃO COM O PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL.

JOSÉ JOCELY DE AQUINO FERRO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE, VALERIA.A.PONTES@HOTMAIL.COM; MARIA VALÉRIA ABREU PONTES, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE, VALERIA.A.PONTES@HOTMAIL.COM; ANTONIO ROBERTO SOARES CAVALCANTE, UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA, RSOARES_HISTORIA@ZIPMAIL.COM.BR

O presente trabalho toma por base as discussões sobre História Pública e as possibilidades de construção, divulgação e preservação do conhecimento histórico por meio de artefatos e experiências históricas e culturais diversas. Visa colocar no centro das

discussões, a utilização do objeto histórico no ensino de história local, bem como, o uso destes como fonte para a publicação e plurissignificação de história(s) e memória(s) no ambiente escolar. É com essa metodologia de ensino, que a conscientização através do trabalho com os objetos, pretende uma mudança frente o componente curricular da História e seus campos de possibilidades. Muito do que se apresenta nessa pesquisa, se refere às vivências de ensino da disciplina de História na E.E.M. Murilo Braga, em Martinópolis-CE. Nos anos de 2014 a 2016, foram realizadas atividades com essa metodologia no intuito de servir de base na pesquisa empírica, as análises são demonstradas nesse artigo com o intuito de anunciar e demonstrar aos educandos uma parte do ofício de historiador, que é o tratamento de análise das suas fontes. Pedia-se aos estudantes, que trouxessem para a sala de aula algum objeto antigo que fosse um pertence de sua família, que provavelmente tivesse guardado na casa da vovó, e que a partir desse momento e da posterior problematização do mesmo, começaria a fazer sentido para a história individual, coletiva e para a formação cidadã dos educandos. Com a socialização desse trabalho espera-se contribuir para que outros professores possam reproduzir essa mesma experiência em suas comunidades, visto que ultrapassa as barreiras do ensino “tradicional”, e instiga o estudante a buscar seu próprio conhecimento, a começar a tentar interpretar o passado através daquilo que o rodeia, tornando-o um aluno mais crítico, participando ativamente do processo de ensino aprendizagem.

HISTÓRIA PÚBLICA E HOMOSSEXUALIDADE: NARRATIVAS ESTUDANTIS

JOSÉ CLÁUDIO LEÔNIO GONÇALVES, UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI (URCA), JC.LEONCIOGONCALVES@GMAIL.COM

O presente trabalho analisa a construção da consciência histórica e sua relação com a história pública, em estudantes do ensino médio de uma Escola Estadual de Ensino Profissional (EEEP), localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Região Metropolitana do Cariri, no ano de 2015. A pesquisa objetiva compreender de que modo meios de produções da história, voltados para um grande público, interferem na maneira como os estudantes experienciam, interpretam e criam expectativas acerca da homossexualidade. Parte-se do pressuposto de que os estudantes são portadores de consciência histórica, saberes constituídos a partir de referências culturais vivenciadas em diferentes meios (CERRI, 2003). A principal fonte de pesquisa foi um conjunto de narrativas escritas, construídas pelos próprios estudantes nas quais eles expressaram informações pessoais, formas de comunicação, lazer, sociabilidades e suas opiniões sobre os homossexuais e a homossexualidade. A metodologia adotada consistiu na aplicação, fichamento e análise das informações dos instrumentais. A EEEP em que questão foi escolhida a partir dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2014, no qual a mesma obteve o melhor resultado entre escolas públicas da região do Cariri. Como resultados preliminares observou-se que há uma diversidade de lugares, com destaque para escola, telejornais, filmes, séries, novelas, etc., em que os jovens têm acesso à temática da homossexualidade, a partir dos quais eles constroem consciência histórica tocante ao tema. Identificou-se que mesmo existindo equívocos, preconceitos e pessimismo em relação à homossexualidade, os entrevistados, em sua maioria, reconhecem os homossexuais como sujeitos históricos atuantes, bem como a legitimação dos direitos conquistados por eles. De igual modo, boa parte dos discentes demonstraram posicionamentos confiantes e tolerantes quanto à convivência e ao futuro dos homossexuais. No entanto, no que toca a interferência dos entrevistados nesse futuro, evidencia-se que boa parte não se veem como partícipes desse processo de construção futura do bem viver e da justiça social. Nesse sentido, faz-se necessário que o processo de ensino-aprendizagem leve em consideração as diversas experiências pertinentes ao contexto histórico em que os sujeitos estão inseridos, com

intuito de provocar os jovens para a construção de uma consciência complexa, crítica e que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

POR UMA REFORMA DO ENSINO DE HISTÓRIA

JOSÉ DE MEDEIROS NETO, FACULDADE 7 DE SETEMBRO - FA7, ZEZE MEDEIROS@GMAIL.COM

Vivemos numa sociedade de classes, desigual, onde quem detém os meios de produção tem o poder econômico e esse poder se traduz numa hegemonia sobre o Estado e pessoas por ele governadas. A escola encontra-se entre os aparelhos ideológicos mais importantes, por ser formadora das novas gerações e ter o poder de inculcar ideias, hábitos, valores. Já diziam Marx e Engels que História é a "ciência singular", básica para a sociedade. Na verdade ao estudar as sociedades humanas, a História confere ênfase aos aspectos econômicos, políticos e culturais, englobando a quase totalidade do conhecimento humano, que põe esta disciplina em posição privilegiada no que diz respeito à formação do cidadão e sua função maior de fazer história. Nos últimos tempos os educadores do Brasil, têm buscado uma nova atitude para o ensino da História, a qual rompe com a visão da ciência neutra positivista, e busca uma compreensão da história e seu ensino por meio da totalidade social, reforçada por novas posições da historiografia, propondo nova análise da sociedade e das ciências sociais, a partir de outras fontes, objetos e questões, levando a uma série de inovações nas propostas didáticas para o ensino da História. O ensino deverá ser ligado à vida do ser humano, com tudo o que nela existe, situando o estudante no centro de sua história, não feito mero seguidor de líderes (heróis e grandes homens) e ideias esperando o dia de se fazer adulto para atuar na sociedade, ou seja, "o futuro do País". Mas como ser autônomo, consciente de seus limites e possibilidades. Por esse motivo, a escola deve estimular a maior participação do estudante nas atividades gerais que envolvem o seu dia-a-dia e não apenas as atividades conteudísticas, possibilitando a ele engajar-se no seu espaço e no seu tempo, vivendo em grupo a sua individualidade e ocupando-se com o que diz respeito ao seu tempo e não com as glórias do passado. Necessário mudar, primeiro fazer uma reforma curricular geral, não só envolvendo as disciplinas ligadas aos estudos sociais, mas extensiva a todas as disciplinas do currículo escolar, quem sabe, até com o surgimento de mais disciplinas. O segundo caminho é o da revolução, que deve partir de ampla discussão, envolvendo lato estudo prévio, que pode levar desde a hipervalorização das disciplinas de Estudos Sociais (principalmente a História) até a transformação da disciplina de história, ou até mesmo sua extinção dos currículos escolares. Mesmo que essa discussão já seja uma realidade. O importante é a formação do humano atuante e consciente de sua historicidade como prioridade maior, pondo-se de lado as discussões ideológicas e meramente acadêmicas, valorizadas pelo "orgulho e narcisismo científico", que não levam o homem à satisfação e à felicidade de viver em sociedade.

A HISTÓRIA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE ESCOLA PÚBLICA E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL TRANSFORMANDO A REALIDADE

WAGNER IMPELLIZZIERI, UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL,
WAGNER.IMPELLIZZIERI@CRUZEIRODOSUL.EDU.BR

Apresentar, por esta exposição oral, o registro histórico de uma experiência de implementação de um modelo idealizado de gestão educacional democrática com a participação da sociedade civil, dos pais, alunos e funcionários de uma escola pública, da rede estadual de ensino de São Paulo, construído a partir da interação entre as práticas sociais, decisões coletivas, bases teóricas, científicas e legais, numa articulação dinâmica, sustentada, primordialmente, por conceitos e práticas democráticas. Transformada

em pesquisa pudemos registrar a História de uma experiência pública coletiva que nos outorgou, ao final, o título de Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo. “mergulhar no interior de Instituição Escolar, com o olhar de historiador, e ir em busca de suas origens, do seu desenvolvimento no tempo, das alterações arquitetônicas pelas quais passou e que não são gratuitas; é ir em busca da identidade dos sujeitos (professores, gestores, alunos,...) que a habitaram, das práticas pedagógicas que ali se realizaram...é tentar responder uma questão de fundo: o que a instituição singular instituiu para si, para seus sujeitos para a sociedade na qual está inserida? (SANFELICE, 2005, p. 189) Ressaltamos a importância de registrarmos a História de uma escola pública que implementou um modelo de educação formal mais aberta, receptiva, humanizada e interessante, que viesse ao encontro das reais necessidades da população envolvida, construída a partir da soma das experiências pessoais e profissionais do gestor da Escola Estadual Padre Antão e das experiências decorrentes de uma sociedade, não raramente excluída das atividades e estruturas internas da escola pública, sobretudo no Estado de São Paulo onde vigora políticas neoliberais de privatização dos espaços públicos. Notabilizou-se que a conjugação, de ideais democráticos, de práticas coletivas e populares, da organização interna descentralizada e compartilhada possibilitou a experiência de uma gestão educacional gerida e sustentada por um projeto político pedagógico coletivizado, participativo e integrado aos desejos e anseios da população, na tentativa de resgatar os espaços da instituição escolar oficial. Consideramos esse modelo de participação social nos espaços públicos oficiais, trazem uma contribuição relevante no que tange aos anseios da população brasileira enquanto partícipes de suas histórias, de suas culturas e na defesa de seus interesses coletivos. Tendo sido a base de dissertação de Mestrado, entendemos que o registro historiográfico dessa experiência coletiva deva contribuir para os anais da história do Brasil escravizado e subjugado às idiossincrasias das elites dominantes.

GT 03 - História pública, artes e cultura da mídia

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Ana Maria Mauad, Francisco Santiago Junior, Rosilene Alves de Melo

SANTO NOMBRE: LA HISTORIA PUBLICA DESDE EL CINE DOCUMENTAL

GUILLERMO VIDAL, BUAP BENEMÉRITA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE PUEBLA GCV005@GMAIL.COM; AMHED SANDOVAL, ICE (INSTITUTO DE COMUNICACIÓN ESPECIALIZADA) AMHED.SAN@GMAIL.COM

Santo Nombre es un terreno comunal en Puebla, México, no había sido causa de interés hasta el descubrimiento de una zona arqueológica que podría ser de gran importancia histórico-patrimonial. Esto resulta interesante no sólo por el hallazgo en sí, sino por el conflicto de intereses que los involucrados le dan a la zona. La primer intención es la difusión, pero parece que un texto no basta para las pretensiones de la Historia Pública. Es entonces que se acerca al cine, en específico al documental para representar la situación. En esta aproximación interdisciplinaria se pone en cuestionamiento el ejercicio de la Historia y cómo podría practicarse, en relación con el audiovisual.

IMÁGENES PESE A TODO: EL NUEVO ROL DE LOS ARCHIVOS EN LA CREACIÓN AUDIOVISUAL

ANDRÉS ZÚÑIGA MELLA, ARCHIVO PATRIMONIAL DE LA UNIVERSIDAD DE SANTIAGO

Entre 1971 y 1976 el Departamento de Cine y Televisión de la Universidad Técnica del Estado (UTE) produjo aproximadamente 30 documentales, 14 se conservan íntegros a la fecha, del resto quedan solo descartes, copiones y negativos sin montar: un collage que registra el paso del único régimen socialista elegido democráticamente en el mundo (gobierno de la Unidad Popular 1970-1973), a una de las dictaduras más largas de Sudamérica (1973-1990). Fundado originalmente como una propuesta artístico-política que dialogara con los postulados del Manifiesto de cineastas de la Unidad Popular, y a partir del Golpe de Estado, reconvertido en un arma de difusión oficial de las nuevas autoridades militares (algo que nunca se logró totalmente), el Departamento de Cine nos legó, pese a todo, imágenes. Cuando se piensa en la conservación de películas y archivos fílmicos, la prioridad pareciera ser siempre los materiales completos, los que comienzan y cierran con títulos. Porque ¿qué interés patrimonial (y comercial) puede haber en veinte segundos de película sobre expuesta, mal revelada y sin sonido? Desde hace un tiempo asistimos a lo que Paula Félix-Didier bautizó como una "modesta revolución" que se ha gestado en el mundo de la preservación fílmica en el que las instituciones de interés público han recuperado y, lo más importante, vuelto accesible toda clase de material fílmico olvidado por la historia. Esas películas, o lo que queda de ellas, son conocidas como películas "huérfanas", término acuñado para hacer referencia a obras

“desamparadas” por sus autores, películas educativas, corporativas e institucionales, experimentales, promocionales, antiguos noticieros, los descartes y excedentes de productos en sí concebidos para una vigencia perecedera y que, una vez terminado su uso, quedaron olvidados, sin valor, inútiles (Félix-Didier, 2010). El interés en esos 20 segundos de un material “huérfano” está en el poder de resignificarlo, subvertirlo, contraponerlo, cuestionarlo. Montarlo. Jean-Luc Godard: “hacer historia es pasarse horas mirando estas imágenes y después, de repente, contraponerlas, provocar una chispa. Con ello se construye unas constelaciones, unas estrellas que se acercan o se alejan” (Didi-Huberman, 2004, p. 207). La institución archivística, tradicionalmente entendida como el lugar donde toda imagen termina su ciclo vital bajo la lápida de la codificación, tiene hoy la oportunidad de pasar de ser responsables de la custodia a catalizadores de nuevas creaciones, “espacios vivos” donde converjan artistas, académicos, informáticos y archivistas a explorar las incontables posibilidades que ofrecen una modesta película sobre expuesta de escasos 20 segundos. Mal revelada. Ah, y sin sonido.

IMAGENS QUE FALAM: ANÁLISE DO CORDEL A BATALHA DE OLIVEIROS COM FERRABRÁS

JOSÉ RODRIGUES FILHO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UFCG/CFP), RODRIGUESFILHOJC@GMAIL.COM; DRA. ROSILENE ALVES DE MELO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UFCG/CFP),

O folheto de cordel pertence a um gênero particular da poética em que as linguagens oral, escrita e imagética estão intrinsecamente relacionadas. Produzido com características editoriais particulares para se popularizar entre leitores pouco familiarizados com a escrita, os poetas e editores de cordel utilizam a capa do cordel como um espaço privilegiado para associar o texto escrito a uma imagem, potencializando a fixação do título do poema e da narrativa em verso na memória dos leitores. Este trabalho analisa um conjunto de quatro imagens estampadas em diferentes reedições do folheto de cordel A Batalha de Oliveiros com Ferrabras do poeta Leandro Gomes de Barros, impressos entre as décadas de 1910 a 1980. O objetivo é perceber as associações entre a narrativa e as imagens ao longo do tempo, considerando as intencionalidades, os empréstimos e as ressignificações presentes nas capas dos cordéis. A partir de reflexões propostas por Roger Chartier (2014) e Robert Darnton (1990), o trabalho aponta para a importância das práticas e representações presentes no sistema editorial da literatura de cordel. Assim como as intervenções presentes na edição das narrativas textuais, dos poemas, a edição das imagens na literatura de cordel é uma prática cultural marcada pelo diálogo entre autores e editores que objetiva a difusão dos folhetos. Nestes termos é possível afirmar que as imagens não são inseridas nas capas dos folhetos apenas como ilustrações, mas são mensagens marcadas pela historicidade, fundamentais na produção de associações entre experiências históricas e o campo das representações, entre palavras, visualidade e memórias. Portanto, a proposta deste trabalho é chamar atenção para a necessidade de pesquisas acerca dos referentes históricos, cognitivos, técnicos e estéticos presentes na feitura do cordel e considerar as imagens como constituidoras de narrativas visuais que empregam outros códigos, além da oralidade e da escrita.

A HISTÓRIA PÚBLICA E A CONSTRUÇÃO DO “POPULAR” NO ACERVO DE LITERATURA DE CORDEL DA FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA (1961-2012)

ANTONIO HELONIS BORGES BRANDÃO, SEDUC-CE, HELONISBRANDAO@BOL.COM.BR

A pesquisa em curso pretende compreender o objeto cultural literatura de folhetos, ou

de cordel, no seu processo de construção histórica, a partir de um arquivo que dispõe de um dos maiores acervos do gênero no país, o da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) no Rio de Janeiro. Apropriado nos seus mais variados usos como parte da chamada cultura popular, pretendemos entender o processo de passagem do que foi denominado nas publicações da FCRB como literatura popular em versos, até se constituir em literatura de cordel, como também ficaria conhecida posteriormente, tendo em vista a sua disponibilidade para um amplo espectro de público e com os mais diversos interesses. O nosso método perpassa pela história do livro e das práticas de leitura, entremeado pela metodologia da história pública, no sentido de perceber a construção do objeto literatura de cordel por pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa, instituição pioneira no Brasil na produção de catálogos, estudos e antologias sobre este gênero, e a sua relação com um público leitor, no intenso processo de apropriação deste objeto em sua produção, circulação e consumo como "popular". Assim, a partir da construção deste acervo, buscaremos intencionalidade dos que o constituíram enquanto tal: de que forma o pensaram? A partir de onde? Visando que público? E, com quais interesses? Perguntas importantes para pensarmos como, ao longo do período delimitado que vai da sua constituição, a partir de 1961, até se chegar a uma maior amplitude de leitores, com a sua catalogação por autor, título e temática, que seria disponibilizada na rede mundial de computadores, no ano de 2012, a literatura de cordel foi lida. Vale ressaltar que a constituição deste acervo nos permite uma percepção de cânone literário, pois fomentou um gênero e constituiu um novo público, apropriado em diferenciados usos como de aspecto "popular". Por fim, este objeto interdisciplinar permite ainda que possamos aplicar uma abordagem da história pública que consegue pensar a relação produção e consumo, no âmbito mais amplo da construção de um objeto de pesquisa, sua difusão institucional como cânone "popular" e o seu consumo produtivo para uma variedade de públicos.

REPRESENTAÇÕES DA COLÔNIA PORTUGUESA NA AMÉRICA NO FILME CARAMURU - A INVENÇÃO DO BRASIL

SILENE FERREIRA CLARO, FACULDADE SUMARÉ E FACULDADES
INTEGRADAS CAMPOS SALLES, SILENE.CLARO@GMAIL.COM

Esta análise tem como objetivo analisar o longa-metragem "Caramuru - a invenção do Brasil, uma adaptação de uma minissérie produzida para a televisão, no ano de 2000. Aquele ano ficou marcado por várias manifestações comemorativas sobre os quinhentos anos do descobrimento do Brasil, suas causas e suas consequências. "Caramuru - a invenção do Brasil" foi uma adaptação livre e caricata, de uma obra literária, uma epopeia escrita no século XVIII. A narrativa foi escrita pelo religioso Santa Rita Durão e tinha como objetivo, também, ter o mesmo significado para a América Portuguesa o que Os Lusíadas tinha para a literatura portuguesa. Durão procurava, no século XVIII, construir uma narrativa gloriosa para a História da fundação da colônia portuguesa na América, construindo heróis. A minissérie, transformada em longa-metragem, dirigida por Guel Arraes, caracteriza-se por seu teor sarcástico, irônico e que procura desconstruir os heróis de Durão, alterando, inclusive, a trajetória de suas personagens. Desta forma esta análise procura identificar e discutir como a obra de Guel Arraes interpretou os escritos oitocentistas, num contexto comemorativo. Procura-se também avaliar de que forma o cotidiano e as relações inter-étnicas, entre colonizadores e colonizados, são representadas através da obra, demonstrando as explicações que o diretor da obra cinematográfica encontrou para explicar o Brasil de 2000. Para o desenvolvimento da análise partimos da concepção de que vários discursos históricos são construídos fora da academia e acabam dando sentido e significação à história das pessoas cotidianamente e aquelas veiculadas através dos meios de comunicação, na sociedade contemporânea, têm um alcance muito grande

junto ao grande público. Ao historiador cabe o papel de analisar - se possível intervir - na forma como tais discursos são transmitidos e vão, aos poucos, se solidificando. Para o desenvolvimento da análise buscamos o conceito de representação discutido por Roger Chartier para analisar as construções que Guel Arraes, entendido aqui como "autor" da obra, apresenta.

RÁDIO INCONFIDÊNCIA E CLUBE DA ESQUINA: O MOVIMENTO MUSICO-CULTURAL NA CONSTITUIÇÃO DO CARÁTER DA RÁDIO INCONFIDÊNCIA

LUIZ OTÁVIO CORREA, UFF, LO.CORREA@HOTMAIL.COM

Este artigo pretende apresentar o andamento de uma pesquisa desenvolvida no doutorado em História na Universidade Federal Fluminense de Niterói e que tem como tema a Rádio Inconfidência FM de Belo Horizonte. A Rádio Inconfidência FM, chamada por aqueles que a pensaram de "Brasileiríssima", iniciou as suas transmissões em 2 de fevereiro de 1979, como um outro canal, relativamente independente, e que tinha outra programação e proposta em relação à tradicional emissora AM, que foi fundada em 1936 pelo governo de Minas Gerais e cujo slogan era "A voz de Minas para toda a América". A emissora FM nasceu depois da reorganização administrativa da rádio no final dos anos 70 e da formulação do seu estatuto, quando a Inconfidência LTDA foi criada: uma empresa pública, tal como foi definida pela LEI 7219, DE 25/04/1978. São raras as fontes encontradas, de maneira que vamos trabalhar essencialmente com a História Oral do locutores, produtores e agentes da rádio e também dos ouvintes e interlocutores deste que é um dos mais importantes meios de comunicação eletrônico do século XX. Em primeiro lugar irá se apresentar esta importante emissora de Minas Gerais, que pertence ao governo do Estado e que desenvolveu ao longo da sua trajetória um Ethos, já que optou por um tipo de programação que a definiria como pública e, de certa maneira de resistência, ao valorizar os artistas brasileiros e a cultura nacional. De outro lado, é notória as tentativas de apropriação da instituição para a legitimação dos governos que se sucederam na rádio. A nossa pesquisa no doutorado vai de 1979, ano que a rádio FM foi colocada no ar e 1994. Num segundo momento iremos discutir como o Clube da Esquina deu um caráter à rádio, no final dos anos 70 e início dos anos 80 do século passado, quando cresciam as primeiras rádios FM no Brasil. Este caráter que a rádio vai adquirir tem relação com a geração que a assumiu no início dos anos 80 do século passado, a geração do romantismo revolucionário que foi se institucionalizando a partir daquela década, no período de transição da ditadura militar no Brasil para redemocratização que se apontava naquele momento.

O HISTORIADOR, A HISTÓRIA PÚBLICA E O CINEMA: LAND OF LIBERTY (1939), DE CECIL B. DEMILLE

EDUARDO MORETTIN (USP)

A comunicação abordará as relações entre cinema e história pública a partir do exame de *Land of Liberty* (1939), de Cecil B. DeMille. O filme conta a história dos Estados Unidos de sua independência (1776) até os anos 1930. É composto predominantemente por material retirado da ficção, estratégia de autenticação do discurso fílmico até então inédita. *Land of Liberty* representa verdadeiro monumento cinematográfico erigido em prol da história dos Estados Unidos e da indústria hollywoodiana. Completava a equipe no início o professor de história das relações internacionais da Columbia University, James Shotwell, homem muito próximo do governo, que havia integrado a comitiva americana na assinatura do Tratado de Versalhes em 1919 e participado ativamente da criação da International Labor

Organization, ocorrida um ano após o fim da Primeira Grande Guerra. Shotwell esteve na Exposition Internationale des Arts et Techniques dans la vie moderne (Paris, 1937), a convite da IBM, a fim de organizar sessões de cinema com documentários que mostrassem aspectos da vida e da indústria americana. De acordo com sua autobiografia, citada por Allen Palmer, as projeções contavam com grande audiência, 'enquanto os outros setores do pavilhão recebiam apenas inspeções ocasionais' (Apud PALMER, A. Cecil B. DeMille writes America's history for the 1939 World's Fair. *Film History*, v. 5, p. 40, 1993). Esta experiência consolidou nele a percepção de que o cinema era o meio ideal para atingir um público mais amplo para divulgar as questões históricas e as suas preocupações concernentes aos desafios que os EUA tinham pela frente Pretendemos analisar, portanto, as relações entre cinema e história pública a partir do exame de *Land of Liberty* (1939), de Cecil B. DeMille, e da participação do historiador, verificando a forma pela qual a história intervém no espaço público por intermédio de um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do período.

PARA ENCONTRAR A « BELEZA DOCUMENTÁRIA » EM FOTOGRAFIAS DE ARQUIVOS E COLEÇÕES DE HISTÓRIA PÚBLICAS

FABIANA BRUCE DA SILVA, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE
PERNAMBUCO - UFRPE, FABIANABRUCESILVA@GMAIL.COM

Nos dias de hoje tem sido cada vez mais comum a utilização de fotografias na montagem de exposições e proliferam-se livros onde este tipo de documento é utilizado, para além do estatuto ilustrativo. Fotógrafos, técnicas utilizadas, temas a contar histórias, desenham os processos expositivos e nos admiramos com o não imaginado até então ; mas que, supomos, teria sido possível à fotografia no passado. As questões do historiador tomam a fotografia como um presente passado acessado por um presente questionador e rico em significações, com grande efeito de contextualização. Considerando que, a fotografia documentária - nascida da prática fotojornalística -, e a fotografia artística podem agora se apresentar à História pública incoativamente, a presente comunicação procura refletir a possibilidade de fazer « glissar », puxar, arrastar, a fotografia considerada documentária à obra de arte, sem que ambas percam suas qualidades iniciais. É, portanto, um exercício de leitura e sistematização de artigos encontrados em pesquisa presencial à bibliotecas reais e virtuais, que tratam dessa passagem tão complexa, presente na fotografia desde seus anos iniciais. A noção híbrida de « arte fotográfica documentária », traduziria uma reconciliação efetuada tardiamente, quase um século depois da divulgação dos primeiros documentos fotográficos, algo que teria começado a acontecer por volta de 1910, depois de um Congresso Internacional realizado em Bruxelas, na Bélgica. Até esta época teria havido uma separação radical entre a fotografia de destinação utilitária e aquelas que circulariam nas « esferas estéticas », tendo como traço distintivo a premência da clareza, da nitidez, das « boas qualidades » de elaboração prospectiva e configuração técnicas a caracterizar a « fotografia documentária ». Mas não é difícil encontrar uma « beleza documentária » em fotografias de arquivos e coleções públicas, que teriam nascido sem necessariamente o propósito da estesia. Como isso se daria ? Quais leituras possíveis nos tornariam mais sensíveis a esse aparecer? Como mediar a temperatura dos contextos ? As exposições aconteceria e o que fica depois ? Este trabalho está pautado em experiências de pesquisa repertoriadas, feitas em arquivos, coleções fotográficas e, principalmente, em/e à partir de dossiês museográficos e catálogos de exposições fotográficas publicados.

A CIDADE COMO ARTE DOS ENCONTROS: A EXPERIÊNCIA DO LIVRO LIVRE (FORTALEZA, 2007/2008)

RODRIGO CAPISTRANO CAMURÇA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI, RODRIGO.CAPISTRANO@UFCA.EDU.BR

Livro livre foi uma intervenção urbana desenvolvida pelo coletivo de produção audiovisual Alubrimento, resultando numa exposição que ficou em cartaz no Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB – de Fortaleza em março de 2008. Tratou-se de uma experiência na cidade desenvolvida a partir do seguinte dispositivo: 100 livros em branco foram distribuídos por cinco duplas em diferentes lugares da cidade de Fortaleza. Eles eram abandonados aleatoriamente em paradas de ônibus, praias, casas, esquinas e praças para que fossem utilizados por aqueles que os achassem. Dentro de cada um dos livros continha uma orientação para que os mesmos fossem preenchidos de alguma forma, seja com desenhos, textos e marcas. Depois, no decorrer dos próximos 100 dias consecutivos, cada representante do Alubrimento faria um vídeo de um minuto por dia envolvendo seu cotidiano na cidade. Isso resultou num material audiovisual de mais de 16 horas – 1000 minutos – que seria utilizado na video-instalação montada no CCBNB. Ela aconteceu exatos 100 dias após o abandono dos livros pela cidade. Livro Livre é um ato de ação coletiva que passou por essas diferentes etapas de realização. Percorrer lugares naquelas rotas traçadas possibilitou um novo contato com a cidade, ao mesmo tempo conhecendo-a e tencionando-a, acabando por propor um resultado final acolhedor do imponderável, reinventando relações e possibilitando um intenso trabalho de colaboração entre os que desenvolveram a experiência. Pensado para ser exibido num espaço instalativo, o Livro Livre também extrapolou a grande maioria dos trabalhos fílmicos realizados pela produtora Alubrimento, ampliando os usos e apropriações de outras linguagens artísticas e estabelecendo uma aproximação com a chamada arte contemporânea. Para entender as motivações e o percurso assumido por esse projeto, utilizaremos algumas entrevistas e arquivos pessoais dos seus realizadores – anotações, fotografias e pequenos vídeos. Pretendemos investigar as principais etapas de desenvolvimento dessa experiência colocando em estreito diálogo a cidade, as artes e a história pública, desafios postos para a compreensão do tempo presente.

A XILOGRAVURA DO CARIRI: IDENTIDADES MARCADAS NA MADEIRA

SANDRA NANCY RAMOS FREIRE BEZERRA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, SANDRANFB@HOTMAIL.COM

O presente artigo objetiva uma incipiente reflexão sobre a xilogravura enquanto meio de construção e difusão de identidades. Faz parte das indagações que estamos levantando nas pesquisas para o Doutorado em História, do Programa de História da UFF. Pesquisa que considera as Tramas das Identidades Cariris construídas nas narrativas dos xilógrafos de Juazeiro do Norte na década de 60, e que compõem o acervo do MAUC - Museu de Artes da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza. A problemática analisada no estudo utiliza como fonte e metodologia, as xilogravuras produzidas pelo Mestre Noza disponibilizadas no site do MAUC, cotejadas com entrevistas, compilações e estudos realizados por pesquisadores da área e a análise das xilogravuras em grupos temáticos, levando em consideração nossa experiência prática. A Temática está inserida no âmbito da História Cultural que segundo Chartier tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler (1990:17). A urdidura do texto leva em consideração o conceito de representação, forma como são internalizadas pelos sujeitos determinadas visões de mundo, maneira

como estes a expressam e ao mesmo tempo criam mecanismos identitários para serem reconhecidos. Os resultados preliminares assinalam interferência de agente mediador como orientador dos temas a serem executados na xilogravura, mas ao mesmo tempo, revelam que as imagens materializadas estão permeadas pela poética visual que atravessa o universo do xilógrafo. Assim essa elementar imergência no universo da xilogravura, remete para um conjunto de indagações pouco exploradas na produção historiográfica da região, como também para a necessidade de apropriação desse objeto como indicador de compreensão histórica cultural no âmbito do Cariri.

A FOTOGRAFIA PÚBLICA DE NITERÓI PELAS LENTES DE ZALMIR GONÇALVES: MEMÓRIAS E REGISTROS DO FOTOJORNALISTA

MARINA DA ROCHA MARINS, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, MARINA_MARINS@HOTMAIL.COM

A relação entre imagem fotográfica e política está na base da condição histórica do dispositivo fotográfico, como um importante meio de representação social, e da fotografia como prática de produção de sentido social. O trabalho propõe a reconstrução histórica da cidade de Niterói nos anos 70 através do conceito de fotografia pública nas imagens produzidas pelo fotojornalista Zalmir Gonçalves. Nesse sentido, a noção de público associa-se a conformação da esfera de opinião pública, ao espaço público de expressão coletiva e às instâncias de exercício e controle do poder público. Segundo Mauad (2013), a fotografia se torna pública para cumprir função política, dar visibilidade às estratégias de poder. Elas são produzidas por agências de produção, que desempenham o papel na elaboração de uma opinião pública. Tal como os jornais e o Estado que atuam como agentes de memória, registrando, retendo e projetando uma versão dos acontecimentos. A fotografia jornalística ou documental, por outro lado, tem um certo compromisso com a verdade. Acredita-se estar fazendo um registro fiel do acontecimento pois se tem um compromisso político em seu ofício. Essa certeza entretanto não pode ser a mesma para o historiador quando usa a fotografia como objeto. O historiador deve tomar a imagem do acontecimento como objeto da história, como documento/monumento, como verdade e mentira, indo ao encontro da memória construída sobre os eventos. Deve-se ter em mente que a fotografia é fruto de escolhas e intenções do fotógrafo. Este trabalha com omissão na medida em que seus registros são feitos a partir de recortes que devem ser problematizados e refletidos. É preciso, portanto, olhar o fotógrafo como sujeito social, reconhecendo suas práticas de registro, seus vínculos institucionais e suas experiências de ver e compor narrativas que se conjugam de modo a potencialmente construir um pedaço da história. A fotografia pública, portanto, não deve se desvincular do seu autor, ela é construída na associação entre os movimentos de produção, circulação e consumo sem os quais não haveria registro, e portanto, a memória estaria fadada ao esquecimento. Este trabalho visa, portanto, analisar em que medida a atuação do fotojornalista Zalmir Gonçalves contribuiu para uma produção da fotografia pública da cidade de Niterói, considerando os circuitos de produção, circulação, consumo e agenciamento fotográfico aos quais esteve vinculado ao longo de sua trajetória. Para isso, fez-se uso de fontes orais, criadas a partir de entrevista com o fotógrafo, além das fotografias produzidas pelo próprio entrevistado ao longo de sua carreira e algumas publicações bibliográficas de autoria do mesmo que unem imagens, textos e pensamentos por ele disponibilizados.

UMA LONGA VIAGEM ENTRE IMAGENS, ARQUIVOS E MEMÓRIAS: DOCUMENTÁRIO E HISTÓRIA PÚBLICA

JULIANA MUYLAERT MAGER, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, JUMUYLAERT@GMAIL.COM

Os anos 1980 no Brasil foram marcados pelo processo de redemocratização do país, envolvendo diversas disputas políticas sobre a condução da abertura e os rumos e projetos de Brasil. Essas disputas em torno dos rumos da redemocratização envolveram embates de memória e o cinema documentário foi um espaço importante para a elaboração e construção dessas memórias, produzindo a partir de áudio e vídeo reflexões sobre o passado para o âmbito público. Desse modo, desde os anos 1980, documentaristas produziram obras dedicadas ao período da Ditadura contribuindo para a configuração do campo hoje conhecido como história pública. Entre esses cineastas, destaca-se a obra de Lúcia Murat, marcada tanto pela relação entre ficção e documentário, como pela ligação entre seus filmes e sua própria trajetória como militante política durante a Ditadura Militar. Em *Uma longa viagem* (2011), Murat realiza uma incursão por seu universo particular de forma inédita, assumindo a primeira pessoa e colocando em cena seu irmão Heitor. O documentário é um relato da trajetória dela própria e de seus irmãos nos anos 1960, no Brasil, durante a Ditadura Militar (1964-1984), centrado na figura de seu irmão mais jovem, Heitor. *Uma longa viagem* aborda o percurso dos três irmãos que evidenciam diferentes caminhos de uma mesma geração. A narrativa proporciona, assim, uma espécie de viagem pela juventude dos anos 1960. São essas experiências comuns e as sensações da época que a diretora parece buscar reproduzir no filme a partir de vestígios buscados nas cartas, fotografias e vídeos do passado, além do próprio testemunho de Heitor e Lúcia tomados no presente. Dessa maneira, arquivos privados da família e de terceiros e arquivos públicos, conformam um mosaico de sons e imagens de diversos tipos e origens que são combinados para narrar as viagens e a experiência da época. Esses arquivos se fundem com o presente das filmagens de Heitor e Lúcia e das encenações em que Caio Blat desempenha o papel de Heitor. Nesse exercício, Murat explora a relação entre arquivo e memória, explorando essa diversidade de materiais presentes na obra como superfícies sensíveis que podem trazer à tona algo da experiência do tempo. Dessa forma, a proposta do presente trabalho consiste em pensar os usos e sentidos dessas imagens de arquivo no filme, e suas implicações para a concepção de história e memória subjacentes à obra da cineasta Lúcia Murat. A partir dessa reflexão, pretende-se relacionar o documentário com outros filmes recentes sobre a Ditadura Militar que também partem da trajetória familiar dos cineastas. Pretende-se discutir a relação entre memórias privadas e públicas na cinematografia dos últimos anos sobre a Ditadura, bem como a relação estabelecida entre estes documentários e a história pública.

GT 04 - História pública, comunidades e políticas públicas

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Marta Rovai, Paula Cristine Lira

DOR BÁRBARA: EXPERIÊNCIA TRAUMÁTICA NA HISTÓRIA DOS POVOS KARIRIS

CARLOS RAFAEL DIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF,RAFACRATO@GMAIL.COM

O artigo analisa, à luz da crítica aos valores etnocêntricos, algumas representações da experiência histórica dos povos kariris e de seus descendentes, apropriadas com fins de proposição de uma identidade cultural para a região do Cariri cearense. O artigo divide-se em duas partes. Na primeira, de forma sintética, apresenta como o Cariri cearense foi inventado e constantemente reinventado pelas representações coletivas produzidas ao longo de um período que vai da fundação do primeiro jornal a circular na região, "O Araripe", em meados do século XIX, até a atuação do movimento cultural "Nação Cariri", na década de 1980. Neste tópico, buscou-se destacar os projetos identitários que emergem dessas representações e suas utilizações no atendimento de demandas que atendessem interesses locais, de grupos ou da própria coletividade. Na segunda parte, discute como as experiências históricas dos povos tradicionais presentes na região no momento da colonização lusitânica, os kariris, e de seus descendentes, foram apropriadas por essas representações, visando a proposição de uma identidade cultural para a região do Cariri cearense e como elas lidam com os problemas do etnocentrismo causadores de experiências traumáticas históricas, como a negação da historicidade dos povos nativos e a consequente violência, física e simbólica, causadores de verdadeiros etnocídio e genocídio. As questões teóricas utilizadas para nortear essa discussão estão contidas primordialmente nos artigos "O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões", de autoria da antropóloga estadunidense Joanna Overing, e "Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história", de autoria do filósofo alemão Jörn Rüsen. Overing coloca em pauta uma questão que se instaura no diálogo entre a história e a antropologia, e de crucial importância para os estudos etnográficos: a possibilidade dos povos tradicionais, a exemplo dos nativos americanos, serem portadores de sentido histórico no trato e compreensão de suas experiências de vida. Esta questão mostra-se de grande relevância na abordagem a que se propôs este artigo: a forma como os especialistas da produção cultural elaboram representações para propor identidades culturais para um determinado espaço de fronteiras étnicas e sociais. Por sua vez, de Rüsen (2009), com grande utilidade e validade para se pensar os objetos de análise, foram abordados os seguintes conceitos ou elementos teóricos: memória e história, imprescindíveis para tratar do passado em uma perspectiva de futuro; identidade e os problemas do etnocentrismo, focados especialmente nos discursos interculturais da atualidade; e as experiências históricas traumáticas, cujo enfrentamento o autor considera um desafio excepcional.

QUE POSSAMOS SER O QUE SOMOS: A PARCERIA ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE NA PUBLICIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO MOVIMENTO GAY DE ALFENAS

MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA ROVAI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL/MG), MARTAROVAI@USP.BR; FELIPE SOUSA LEITE, UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL/MG); EDUARDO AUGUSTO CARVALHO TEIXEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL/MG), EDUARDOAUGUSTO49@GMAIL.COM

A pesquisa nasceu da parceria do Grupo História do Brasil: memória, cultura e patrimônio, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG), com a comunidade LGBT de Alfenas, representada pelo Movimento Gay de Alfenas (MGA), fundado no ano de 2000. A organização conta com a participação de homossexuais e transexuais da região do sul de Minas Gerais e tem atuado na defesa de seus direitos, atuando em questões jurídicas e em manifestações culturais e políticas. No entanto, ainda encontram grande resistência e preconceito por parte de setores sociais, até mesmo dentro da Universidade, que desconhecem sua história de luta e suas conquistas sociais e políticas. Em diálogo com seus membros, elaboramos um projeto de pesquisa a fim de fazer um levantamento de documentos fotográficos, filmicos e registros escritos, além de ouvir seus militantes sobre suas histórias de vida. Nesse sentido, a Academia deve contribuir para o alargamento da produção de conhecimento não apenas para ou sobre a comunidade LGBT, mas com seus membros, desenvolvendo a prática sensível da escuta atenta e utilizando seus instrumentos para a mediação e o debate acerca de experiências que, apesar da abertura da universidade com a sua "popularização", ainda não chegaram ao seu espaço. É o caso a ausência, ainda, de transexuais entre docentes e discentes, sem contar com as inúmeras profissões dentro e fora dela cuja presença de homossexuais é ignorada, mantendo-os na invisibilidade social. Pretende-se contribuir, a partir do trabalho conjunto com o MGA (e a partir de sua demanda) produzir uma história pública com a comunidade, ampliando as formas de registro, de acesso e de divulgação de suas histórias e memórias entre os mais diferentes segmentos da sociedade mineira. Para isso, a elaboração de sites, de um livro e de um documentário, além de debates com a sociedade, serão formas negociadas para a publicização e politização cada vez maior de suas experiências. Mais do que isso, a publicização de suas narrativas e a organização de um arquivo junto ao movimento LGBT tem como objetivo constituir e debater identidades, além de promover a empatia e o direito à alteridade, rompendo preconceitos e reforçando o lema do movimento "Pelo direito de ser o que somos", a fim de fortalecer o grupo na busca de políticas públicas que favoreçam seus direitos.

A INFLUÊNCIA DAS MEMÓRIAS NO QUILOMBO DE SANTANA-PE

VALÉRIA SANTOS FERNANDES, FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DO SERTÃO CENTRAL-FACHUSC, VSANTOSFERNANDES@HOTMAIL.COM

Este artigo busca uma compreensão das expressões culturais cotidianas do Quilombo de Santana, que se localiza no município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambuco, focando na influência das memórias na vida da comunidade. Uma busca pela compreensão do papel de alguns líderes na Comunidade a partir de memórias, e, sobretudo perceber como os jovens relacionam essa tradição às suas vivências. Partimos da curiosidade por conhecer mais profundamente o comportamento e as tradições da Comunidade, por serem formas culturais específicas, além disso, encontrar esses costumes na simplicidade do cotidiano. Optamos pelo estudo da cultura no dia-a-dia dessas pessoas, e para isso foi necessário que nos dessem permissão para acompanhá-las em sua rotina, desse modo, caminhamos com eles em seus caminhos, conhecemos cada um de seus locais de trabalho, seus percursos, além disso, as pessoas com quem interagimos, suas crenças, sua

religiosidade, e seus espaços de lazer. Justifica-se pela perda de muitas dessas expressões culturais no tempo, sobretudo pelas imposições de outras culturas, em meio a esses grupos. Outro fator que foi determinante para a escolha dessa temática foi as várias formas de discriminações aos povos negros, que ainda ocorrem, mesmo com tantas leis de proteção a este grupo étnico. Nessa busca por compreender a tradição ouvimos as histórias dos velhos e novos, além disso, utilizamos pesquisas bibliográficas. É visível que as memórias dos velhos influenciam muito a vida da Comunidade, mais ainda os jovens que buscam nessas memórias motivação para sua formação como pessoa, e para seguirem no rumo de seus objetivos. Vale destacar que a memória coletiva tem papel de instituição nesses grupos, uma vez que, se desenvolve espontaneamente e mantém a harmonia, por meio do sentimento de pertencimento que surge em cada indivíduo, e garante a estabilidade da Comunidade. Em Santana há uma grande valorização às memórias dos velhos, e as tradições do lugar, tanto que esses sujeitos lutam para manter vivas as formas culturais que são singulares de seu grupo, e que são responsáveis pela identificação dos mesmos em meio a outros.

COMUNIDADE MASSAPÊ: ESPAÇO DE PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES DOS USOS SOCIAIS E CULTURAIS DA PEDRA CARIRI

RÚBIA MICHELINE MOREIRA CAVALCANTI, URCA, RUBIAMICHELINE@HOTMAIL.COM

A intenção dessa comunicação é promover uma reflexão das práticas culturais, bem como, dos usos sociais e apropriações do patrimônio natural, histórico e cultural encontrado no Geossítio Pedra Cariri, Comunidade Massapê, situada no município de Nova Olinda, Ceará - Brasil. Espera-se, portanto, a partir da aplicabilidade teórica dos conceitos de práticas sociais; apropriação e cotidiano, tomando como referência esses três autores franceses: Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Michel de Certeau, refletir a partir dessas práticas sociais e culturais, tomando como referência o uso social da Pedra Cariri, como patrimônio natural e histórico. Nesse sentido, esperamos compreender como os mineradores da Pedra Cariri se relacionam com este patrimônio natural, e antes, buscar refletir acerca das relações que os mesmos, os mineradores, ou peixeiros, procuram estabelecer para se relacionarem com este patrimônio natural. Onde procuraremos identificar bem como compreender tais práticas sociais tomando como objeto este patrimônio natural e histórico dos quais fazem uso a Comunidade Massapê. Esta reflexão se constitui como parte das nossas intenções de pesquisa para a construção de uma Tese de Doutorado. Cujo um dos objetivos, é pensar esta relação homem/natureza e sociedade, a fim de compreendermos como isto se estabelece nas comunidades rurais no entorno dos nove geossítios inventariados pelo Geopark Araripe. Neste caso, esta comunicação se volta com particularidade para as experiências dos moradores da Comunidade Massapê com o uso da Pedra Cariri. De modo que a nossa reflexão em torno dessas experiências, é o que nos permitirão construir futuras reflexões acerca dos tipos de relações ali estabelecidas.

ROMEIROS DA MÃE DE DEUS; DE MARGINALIZADOS A AGENTES HISTÓRICOS, O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA QUE SE MOVE

MATEUS PINHEIRO, URCA/IPESC, DPINHEIROTORRES@BOL.COM.BR

O estudo dos personagens marginalizados foi viabilizado pela mudança dos paradigmas históricos dos Annales. Na década de 1960, a Escola dos Annales liderada por Lucien Febvre possibilitou ao trabalho do historiador um maior leque de temas e abordagens. A revolução no método de fazer história da terceira geração dos Annales, o conhecimento e as concepções do tempo e das narrativas históricas chegaram em boa hora. O retorno à realização de

uma história política, da narrativa e o desenvolvimento da história serial e quantitativa, que mais tarde deram origem à chamada história cultural foram retomadas relevantes. Com maior liberdade os historiadores passaram a buscar novas fontes de pesquisa e novas problematizações. O uso de cartas, inventários e registros passaram a ser utilizados dando espaço para o interesse pela curta duração e o retorno do acontecimento. A partir disso, pesquisadores renomados focalizaram festas, procissões, ladainhas, promessas, ex-votos, apresentando um universo de práticas populares vivenciadas, quase sempre, em paralelo, com as diretrizes institucionais (JURKEVICS, 2004, p.5). Como podemos caracterizar historicamente esses personagens, sendo as romarias um evento dinâmico? Existe uma multiplicidade de informações sobre as romarias, presentes nos mais variados meios que temos acesso. Porém nos deparamos com a fragilidade dos dados obtidos. A leitura da tese de doutorado de Vara Irene Jurkevics, "Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoção e manifestações de religiosidade popular" foi de grande importância para solucionarmos o nosso problema. Para a autora, a história vem mudando gradativamente ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito à história religiosa. (JURKEVISC, 2008, p.2). Nesse sentido, podemos estudar a religião a partir da longa duração. As romarias são eventos de longa duração realizados há mais de um século. Em um período difícil marcado pela seca a região do Cariri se configurou como um "oásis" para a fuga dos sertanejos das mudanças climáticas. Marcados principalmente pela natureza cíclica dos eventos.

HISTÓRIA PÚBLICA E POLÍTICAS DE MEMÓRIA: O CASO DA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

VALÉRIA BARBOSA DE MAGALHÃES (USP)

Nesta apresentação, mostraremos um inventário crítico das múltiplas iniciativas ligadas à memória da Zona Leste da cidade de São Paulo. Opostamente à impressão de que haveria uma dicotomia entre as ações comunitárias em direção à memória e a atuação do espaço acadêmico, a história pública permite a reflexão de que as ações comunitárias, especialmente calcadas no uso da história oral, têm eco nas universidades, notadamente naquelas situadas na região. Em levantamento exaustivo, os autores argumentam que a Zona Leste tem se configurado como um locus importante de trabalho de memória, e que esta realidade complexifica o debate acerca da legitimidade de agentes produtores de conhecimento.

"A LUTA É PELA ÁFRICA": IDENTIDADE NEGRA NA CENA CULTURAL DO RAP CARIOCA

MARIA CLARA MARTINS CAVALCANTI, UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE, MARIA CLARA CAVALCANTI@ID.UFF.BR

O movimento do Rap e da Cultura Hip Hop conquistou um espaço representativo na cena pública carioca. Conquistas nunca são adquiridas sem que haja conflito e disputa. Nesse sentido, são inúmeros os debates construídos historicamente acerca do local que o rap ocupa no contexto do país. Inúmeros formadores de opinião se manifestaram de forma pejorativa ao falar do gênero musical que consagrou grupos como os Racionais MCs e Marcelo D2. Consideramos fundamental desconstruir visões que se formularam sem perspectivas do significado que o rap assumiu e continua assumindo para boa parte dos jovens da periferia, em especial os jovens negros. Procuramos verificar de que formas o rap e o movimento hip hop em geral se relacionam com a construção das identidades desses jovens negros e como essas identidades se aproximam na construção de comunidades que partilham e produzem cultura. Nesse sentido, o movimento musical do rap se configurou

historicamente como uma plataforma de expressão literária, transformando-se assim em fonte para pensarmos nas pautas de reivindicação e nas formas de representação que uma parcela da população coloca em voga através da composição das músicas. No presente projeto, buscamos entender mais especificamente quais são os elementos de representação da população negra que são postos nessas músicas e de que forma o rap se relaciona com essa população. A comunidade de destino do projeto é uma rede de sociabilidade de cantores de rap da cena cultural carioca que tem em comum em suas músicas elementos de representação da realidade de uma população negra da periferia. Pensar nessas questões significa perpassar a formação de identidades desses cantores e daqueles que consomem suas músicas, lidar com noções de memória em relação às opressões destinadas a população negra historicamente no Brasil além de levar em consideração os elementos culturais musicais internacionais que se constituíram no decorrer do tempo sob elementos que vão de encontro com os temas relacionados à questão racial que estão em pauta no rap carioca atual. É importante pontuar que esse discurso de representação não foi inaugurado pelo rap carioca, nem mesmo pelo rap paulista que tem como referência o Racionais MCs e suas músicas de reivindicação de direitos sociais e espaço de legitimidade. Historicamente as pautas de reivindicação por espaço na sociedade brasileira pela população negra se constituíram desde os tempos da escravidão, perpassando de múltiplas formas as relações políticas, sociais e culturais estabelecidas. Essa trajetória de luta, conflito e negociação não acabou no passado. A memória desses conflitos perpassa a música e a identidade de uma rede de sociabilidade que se apresenta hoje como representantes dos jovens negros da periferia.

GT 05 - História pública, patrimônio e turismo cultural

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: José Newton Coelho Meneses, Amanda Teixeira da Silva

MODERNIZAÇÃO URBANA E PATRIMÔNIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

MARIA SÍLVIA DUARTE HADLER, CENTRO DE MEMÓRIA-UNICAMP,
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, MSILVIADH@UOL.COM.BR

A cidade de Campinas, SP passou por um processo intenso de remodelação urbana entre os anos finais da década de 1950 e os anos 1960. As intervenções urbanas obedeciam às principais diretrizes do Plano de Melhoramentos Urbanos, concebido nos anos de 1930, e que foram mais firmemente implantadas neste período. Marcado por inúmeras demolições no centro urbano, alargamento de ruas e abertura de avenidas, este processo foi acompanhado também por uma expressiva verticalização do centro urbano. Neste contexto, chama a atenção a ausência de uma discussão mais ampla e efetiva sobre questões relativas à preservação de um patrimônio histórico e cultural. Neste sentido, foi muito sugestivo buscar na imprensa local visões correntes que circulavam sobre a cidade e seu passado neste momento, visões que, de certa forma, procuravam justificar o processo de modernização em curso. Neste período, a imprensa local não cessa de veicular imagens do "moderno" e do "progresso" de que Campinas seria portadora. Este conjunto de imagens e visões sobre a cidade permitem, também, entrever determinada concepção de história e, por sua circulação regular e cotidiana, podemos dizer que exerciam um efeito de educação do olhar dos leitores, atuando como mediações da percepção do espaço urbano. Suplementos especiais e álbuns de comemoração do aniversário da cidade constituíram importantes fontes para se apreender e analisar traços da difusão destas visões que se tornaram mais oficiais sobre a cidade, compondo uma mentalidade que predominava nos círculos sociais mais próximos de canais de decisão. Nas produções analisadas verifica-se alusões muito tímidas a problemas sociais decorrentes da modernização acelerada, tais como falta de moradia e de saneamento básico. O discurso do progresso operava no sentido do apagamento de outras vozes presentes no espaço urbano, de diversos sujeitos que fizeram parte da história daquele período. A visão linear e evolutiva de uma história concebida como uma caminhada através de progressos técnicos deixa pouco espaço para relações com tempos do passado, com as memórias urbanas. Estas concepções constituíam modos de interpretação do que acontecia, forneciam parâmetros de percepção do momento vivenciado pela cidade, fazendo parte de um certo processo de educação urbana das sensibilidades que passava bastante distante do reconhecimento da importância de um patrimônio ou da pertinência de discussões sobre preservação.

CACHAÇA DO ANONIMATO AO RECONHECIMENTO, SIMBOLO DE IDENTIDADE NACIONAL E FATOR ECONÔMICO EM PERNAMBUCO

CICERO ANTONIO ALMEIDA NETO, FACHUSC - FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DO SERTÃO CENTRAL - SALGUEIRO PE, CICERO.31NETO@GMAIL.COM

Iniciado o plantio e posterior beneficiamento da cana para a fabricação do açúcar em terras do novo mundo, o colonizador desconhecia que do processo de fabricação, poderia surgir a bebida tipicamente brasileira dos dias de hoje (cachaça), que nos tempos da colônia nos seus primeiros ensaios teve um tratamento não tão nobre como nos dias atuais, (como mencionado por Camara Cascudo no livro prelúdio da cachaça). O que se tinha de conhecimento por por aguardente era o então vinho de uva fabricado da fruta em Portugal, que era utilizada na travessias ultramarinas no tráfego negreiro da costa da África para o nordeste. O presente artigo tem por finalidade fazer uma breve análise da importância que essa bebida tipicamente brasileira teve desde o início da sua produção chegando aos nossos dias. O estudo foi desenvolvido tendo como alvo o estado de Pernambuco. Temos conhecimentos dos primeiros relatos da existência da origem em terras do novo mundo na antiga capitania de São Vicente hoje atual estado de São Paulo. Tal fato teria ocorrido em meados dos anos de 1533 e 1548 com a implantação dos primeiros engenhos, a então sobra ou rejeito do processo de beneficiamento a então denominada de garapa azeda ou cagaça, assim denominada pelos escravos servia de alimento para os animais e os escravos do engenho. Tão desprezada na sua origem não se acreditava que está bebida caísse na aceitação popular, e viesse a ocupar um papel de destaque ainda no período anterior a república onde a opção pelo destilado de cana por força de resistências contrárias ao império. Fato ocorrido em Recife que foi uma das primeiras capitanias a se rebelar contra a coroa, boicotando os produtos advindo da metrópole Portuguesa. Por tudo isso já demonstrava tudo o sua importância e contribuição na cultura do nordeste passando recentemente a ocupar lugar de destaque como símbolo do Brasil na atualidade a exemplo do samba e do futebol do Brasil.

HISTÓRIA PÚBLICA E IDENTIDADE: ESCRAVIDÃO, PÓS-ABOLIÇÃO E AFRODESCENDENTES EM CURITIBA

JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, JMENDON123@GMAIL.COM

A identidade que se configurou em torno do Estado do Paraná e sobretudo de sua capital – Curitiba – foi constituída por meio de narrativas históricas que, produzidas desde século XIX, tenderam a obscurecer – ou mesmo negar – a relevância da escravidão e a importância da presença de africanos e seus descendentes na população local. Essas narrativas, constituídas inicialmente no âmbito de um movimento intelectual de grande importância local – o Paranismo – foi continuada por todo o século XX e tendeu sempre a ressaltar a importância da imigração europeia para a constituição da população local. A valorização da presença de imigrantes europeus e seus descendentes e a desconsideração da importância da escravidão e da população afrodescendente na história local não se restringiram aos ambientes intelectuais. Ao contrário, atingiram um público amplo, propagando-se por meio de livros didáticos, de monumentos e eventos comemorativos e na forma como a cidade é apresentada para os que a visitam. Esta comunicação tem dois propósitos. Primeiramente, visa tratar dessas representações do passado, recuperando as narrativas históricas que, inscritas nos ambientes da cidade de Curitiba, contribuíram para constituir uma identidade europeia para o local. Depois, pretende apresentar uma possibilidade diversa de narrar a história da cidade, que vem sendo realizada desde maio de 2015 pela

condução de grupos no Percurso Histórico Escravidão e Pós-Abolição em Curitiba – século XIX e início do XX. Construído a partir de pesquisas acadêmicas, quase todas realizadas no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, o percurso objetiva fazer com que o conhecimento histórico sobre a história da população afrodescendente na região ultrapasse os limites da academia e atinja um público amplo, incluindo professores e estudantes de Educação Básica, universitários, turistas e população em geral. Atualmente a atividade compreende oito pontos da região central. Em alguns desses locais, a relação com a história da escravidão e do pós-abolição é direta, como é o caso da Igreja do Rosário de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito. Em outros locais, tal relação, não sendo direta, é constituída por meio de documentos históricos, que são apresentados aos que realizam o percurso e que permitem re-significar espaços em relação aos quais a história da escravidão e da presença da população de origem africana foi silenciada. O percurso, em suma, visa contribuir para a emergência do que Pollak denominou "memórias subterrâneas", possibilitando a configuração identidades mais democráticas e inclusivas.

AS ROMARIAS DE JUAZEIRO: VELHOS CAMINHOS E NOVOS ROMEIROS

CICERA IRIA MOREIRA SANTANA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI - URCA, CICERAIRIAMS@HOTMAIL.COM

O presente estudo é parte de reflexões desenvolvidas sobre peregrinações em Juazeiro do Norte. Os visitantes são designados romeiros e se constituem categoria central na representação de diferenças e identidades no universo religioso da cidade. As romarias nos últimos anos vêm ganhando novos romeiros, visto que eles vêm apresentando perfis diferenciados. Esses romeiros que chegam à cidade e procura tanto os espaços sagrados para pedir ou agradecer graças alcançadas, como também os espaços profanos. A cada ano o perfil dos romeiros está mudando, então o que move esses novos romeiros visitar a "Capital da Fé"? Quais sentidos e práticas que relacionam os agentes envolvidos, o lugar alvo das peregrinações e os eventos ocorridos durante as romarias ao Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores? Juazeiro do Norte durante o tempo das romarias é uma cidade que se transforma com a recepção de visitantes num incerto populacional até três vezes maior que o número de habitantes locais. Nesses períodos os usos e apropriações dos espaços urbanos se transformam completamente para receber milhares de visitantes. Muitos desenvolvem com o Padre Cícero uma relação de "afilhadagem" e, para estes, Juazeiro se torna um portal onde é possível relativizar tempo e espaço. Juazeiro é então: "oásis do sertão", "refúgio dos pecadores", "terra prometida", "terra da Mãe de Deus", e "lugar de redenção". Para alguns é a dimensão festiva da romaria que seguindo as motivações, garante o retorno ano após ano. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é compreender os traços originais das romarias que vão se remodelando sob a influência de novas qualidades trazidas por público migrante com formação, interesses e valores distintos daquele que deu início à festividade religiosa da cidade, já que a caracterização romeira do migrante de outrora se tornou diferente evidenciando vários perfis. Culturalmente, a composição populacional do Juazeiro do Norte contemporâneo é eclética e com transformações nas relações entre tradição e modernidade, Assim a questão é as transformações ocorridas no romeiro, quase que como surgisse um novo romeiro, questões como, o que o traz? O que ele busca? O que mudou na mentalidade dos romeiros no decorrer do tempo. Por isso, ao delimitar o tema desse trabalho, levou-se em consideração o processo de mudanças no comportamento dos romeiros, suas novas motivações e práticas durante a passagem no que seria o turismo religioso em Juazeiro do Norte. Este trabalho diz respeito às pesquisas relacionadas ao meu projeto de trabalhos de conclusão de curso.

USOS DO PATRIMÔNIO: POLÍTICAS PÚBLICAS E ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO CASO DA IGREJA DOS MARTÍRIOS, RECIFE – PE

JOÃO PAULO NASCIMENTO DE LUCENA, UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PERNAMBUCO, JPN.LUCENA@GMAIL.COM

Os jornais são importantes veículos de comunicação de massa cuja complexidade é alvo de pesquisas as mais diversas por parte de historiadores, sociólogos, jornalistas, teóricos da comunicação, artistas, entre outros. Sua importância historicamente tecida no bojo da ambiguidade público-privada desemboca na questão da "opinião pública", da qual se diz simultaneamente intérprete e difusor. No campo da produção histórica, o jornal foi malvisto como fonte suspeita para compreensão de uma época por se tratarem de "enciclopédias do cotidiano". Na senda das críticas teórico-metodológicas realizadas pela Nova História nos anos de 1970 e 1980, que ampliou o número de questões, introduzindo novos temas e, conseqüentemente, novas abordagens, foi que o jornal ingressou, não sem exceções, no rol das fontes, bem como sob a forma objeto de estudo próprio da reflexão histórica. No Recife da década de 1970, o debate em torno da demolição da Igreja dos Martírios para conclusão da Avenida Dantas Barreto ganhou as páginas dos principais jornais da cidade e mobilizou instituições, intelectuais e figuras públicas as mais diversas. Patrimônio, cidade, modernização e progresso, foram alguns dos conceitos movidos que buscaram influir sobre o destino do histórico bairro de São José. Ao cabo da contenda, a Igreja dos Martírios foi destombada e demolida e uma área histórica de cerca 2 km² cedeu lugar à Avenida Dantas Barreto. O caso tornou-se emblemático e vez por outra é revisitado quando das discussões em torno das políticas públicas do patrimônio material na cidade. A memória desse acontecimento é recrudescida pelo fato de ter-se dado durante o período da Ditadura civil-militar, especificamente na segunda gestão municipal de Augusta da Silva Lucena (1971-1973), eleito de forma indireta. Este artigo discute os diferentes usos discursivos do conceito de patrimônio presentes nos periódicos e assinala o potencial do tema para a tomada pedagógica da cidade pelo ensino de história, de forma a instigar a reflexão sobre o exercício da cidadania no espaço público urbano.

REGISTRAR MEMÓRIAS E CONHECER HISTÓRIAS: VIVÊNCIAS DE CAMPONESES EM COMUNIDADES DA CHAPADA DO APODI, NOS MUNICÍPIOS DE LIMOEIRO DO NORTE E QUIXERÉ-CE

JOERMISON DE SOUZA PITOMBEIRA, FAFIDAM - FACULDADE DE FILOSOFIA DOM AURELIANO
MATOS/UECE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, JOERMISONSOUZA@GMAIL.COM;
ELISGARDÊNIA DE OLIVEIRA CHAVES, FAFIDAM/UECE, ELIS_GARDENIA@YAHOO.COM.BR

É sabido que "a história pública sugere práticas de responsabilidade político-social com a memória coletiva e que os interesses de uma comunidade podem inspirar projetos em história pública envolvendo os membros dessa coletividade, pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos em colaboração". No âmbito dessa perspectiva, a presente comunicação versa sobre o desenvolvimento de um Projeto de Extensão realizado no Curso de História pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE), cujo objetivo geral é proporcionar o contato de discentes com o patrimônio material e imaterial – relatos orais, objetos, arquitetura, artefatos, conhecimentos, técnicas, o saber fazer, manifestações musicais, artísticas e religiosas - isto é, bens culturais diversos inerentes às comunidades do campo, localizadas na Chapada do Apodi, nos municípios de Limoeiro do Norte e Quixeré-Ce. Essas comunidades estão submetidas a lógica do agronegócio que se apropria das terras antes destinadas a agricultura familiar. Ao se conhecer experiências desses moradores(as) da Chapada do Apodi, sobre as transformações econômicas e

sociais pelas quais vem passando, em decorrência do agronegócio, almeja-se que, através das potencialidades que o patrimônio cultural, histórico, natural e imaterial oferece para a preservação e percepções sobre elementos de suas histórias de vida, que os próprios moradores construam os elementos teórico-práticos de conhecimento. Por outro lado, a inserção de alunos(as) do curso de História, nesse projeto, tem fortalecido a formação profissional dos(as) futuros(as) professores(as), uma vez que qualifica a participação dos(as) bolsistas nos debates em sala de aula, sobre a relação entre História e Patrimônio, memória e documento, a partir das experiências no campo de estudo. Em outras palavras, constrói-se a imbricada relação com a rica realidade, proporcionando dados para a pesquisa e a investigação social e educacional. Passada a primeira fase do projeto que se deu com a coleta de memórias das referidas comunidades, na segunda fase o plano de atividades volta-se para a catalogação e socialização dos resultados inerentes aos bens culturais através de oficinas e minicursos direcionados para os moradores, jovens e estudantes das comunidades da Chapada do Apodi nos municípios de Quixeré e Limoeiro-Ce. Em um âmbito mais abrangente, as atividades de socialização e construção do conhecimento voltam-se para os professores e alunos de Escolas de Ensino Básico da região jaguaribana, articulando teoria e prática, noções de patrimônio, memória e História. São os resultados dessa socialização do conhecimento que gostaríamos de apresentar nesse simpósio. Sendo que, a história pública deve levar em conta as necessidades, os movimentos e os imaginários das comunidades nas quais está inserido, e pode contribuir na organização e divulgação de interesses múltiplos, acreditamos que essa proposta se enquadra nos objetivos gerais do 3º Simpósio História Pública em Debate.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NÃO FORMAL E TURISMO CULTURAL NO CONTEXTO RURAL PAULISTA

LIVIA MORAIS GARCIA LIMA (UNISAL)

A questão central desta pesquisa foi analisar criticamente os princípios estruturadores das ações de educação patrimonial não-formal, realizadas no âmbito do meio rural paulista e voltadas para o público adulto e idoso, provenientes de diferentes classes sociais. A partir da comparação de atividades educacionais em três fazendas históricas paulistas, selecionadas entre as participantes do projeto PPPP/FAPESP (07/55999-1), foram pesquisadas uma de cada um dos tipos de fazendas, já detectados em pesquisa anterior de Mestrado: 1º tipo - fazendas em processo de preparação para assumir atividades turísticas, 2º tipo - fazendas realizando turismo de habitação ou 3º tipo - fazenda voltada para o turismo/empresa através de um hotel - fazenda. Foi realizado um amplo levantamento bibliográfico sobre os temas da pesquisa que alimentou o roteiro para a coleta de entrevistas com os responsáveis pelas propriedades históricas selecionadas e com os visitantes/turistas. Esse processo foi realizado a partir de uma metodologia de caráter qualitativo (História Oral) com ênfase na técnica do depoimento oral. As perspectivas da educação não formal ajudam a evidenciar o quão importantes se tornam as atividades turísticas para esses públicos, pois são atividades propícias à aprendizagem das pessoas que realizam as visitas. Tal fato nos permite afirmar que a educação patrimonial não formal pode ser vista então, como mais uma possibilidade de vivência educativa que pode ser potencializada através do turismo cultural. Ela, portanto, é flexível e respeita as diferenças e capacidades de cada visitante, que experimenta e significa suas próprias vivências, acionando memórias passadas e objetivos futuros e também demarcando rupturas.

DIÁLOGOS SOBRE O PATRIMÔNIO: A PATRIMONIALIZAÇÃO DO LARGO DO THEBÉRGE E OS CONFLITOS DE INTERESSES

LUCAS ALEXANDRE DE OLIVEIRA, UFCA, LUCAS_IFCE@HOTMAIL.COM;
AMANDA TEIXEIRA DA SILVA, UFCA, TSILVA.AMANDA@GMAIL.COM

Este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação realizada em Icó-CE, através da Universidade Federal do Cariri (UFCA), pelo Instituto de Estudos do Semiárido (IESA). O projeto “Diálogos sobre o Patrimônio” é uma atividade de extensão com propósito de discutir as políticas públicas para a preservação do patrimônio histórico e artístico, uma vez que tais iniciativas possam gerar demandas que devem ser analisadas. No caso de Icó, há um sítio histórico com numerosos prédios tombados, daí nascem debates a respeito da relevância de preservá-los. Existem diversos interesses públicos e privados no contexto da manutenção da arquitetura das cidades tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dessa forma, torna-se indispensável uma pesquisa envolvendo revisão de material bibliográfico e realização de pesquisa junto aos habitantes de Icó. Este projeto, de uma forma geral, visou discutir as questões específicas icoenses, acerca das normas de revitalização dos prédios históricos e a forma como, em certos momentos, estas entram em conflito com o interesse dos moradores. Essa ação teve como foco um espaço em especial, o Largo do Thebérge. Um amplo logradouro público que, se comparado com outras praças de inúmeras cidades, se destaca pelas suas dimensões extensas. O largo recebe esse nome por causa de um médico francês (Pedro Thebérge) que viveu em Icó no século XIX e, segundo a historiografia da cidade, foi responsável por certos empreendimentos que caracterizaram o espaço icoense, como o projeto de construção do Teatro da Ribeira dos Icó. Nem sempre as ações realizadas pelo IPHAN nas cidades tombadas são vistas com gosto pela população, uma vez que tocam os interesses dos moradores e são várias as vontades que podem se indispor. O interesse de manter um estilo barroco na propriedade de um comerciante talvez não seja o ideal visado pelo mesmo, ou não abrir uma garagem, para manter a arquitetura da época em que um prédio foi construído. Existem regras sobre o que se pode realizar numa reforma, regras estas que costumam impedir os donos de uma casa a concretizar seus projetos pessoais. Esta investigação procurou considerar os desdobramentos que assumiram as intervenções do IPHAN no espaço do Largo do Thebérge e nas residências próximas a ele, focando naquilo que tange a vida da população e de como as políticas públicas de preservação estão presentes no cotidiano dos moradores. O resultado de tais intenções se expressa num texto historiográfico com sensibilidade antropológica que contribui para reflexões e resoluções em conflito de interesses que costumam existir em cidades contempladas por políticas públicas de preservação patrimonial.

ENTRE EVENTO E MEMÓRIA: AS ROMARIAS NO PLANO MUNICIPAL DE CULTURA DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

DANIELA MÁRCIA MEDINA PEREIRA AGAPTO, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, DANIELA.HISTORIADORA@GMAIL.COM

O presente trabalho discute Plano Municipal Decenal de Cultura de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará, proposto para o período de 2012 a 2022. Nossa apreciação objetiva perceber como o tema das romarias aparece ali descrito e discutido. Para entendimento do processo de elaboração do Plano descreve-se ao longo do presente artigo o processo de criação do Conselho Municipal de Cultura, expresso formalmente através da Lei Municipal de nº 3259/2008. A investigação justifica-se pela necessidade de discutir a compreensão da romaria como um complexo fenômeno cultural, cujos desdobramentos

ultrapassam os “muros” da esfera da instituição católica e dos órgãos públicos que muitas vezes interpretam a romaria como evento. Observou-se que no corpo do texto as romarias aparecem descritas como elemento fundante da cidade, pertencendo a um passado no qual migrantes/romeiros advindos das mais diversas origens se somaram para construção do que hoje é a cidade de Juazeiro do Norte. Uma apreciação mais apurada do fenômeno como prática cultural complexa, atualizada e dinâmica não é observável. Os aspectos sincréticos não são explicitados e a relação com os grupos considerados tradicionais a exemplo dos reisados, lapinhas, bacamarteiros e outros não é destacada. O item que tem por tema “Programas Estratégicos, Prazos e Resultados segmento Festas, Romarias e Eventos” apresenta uma leitura do tema como evento de massas, sem dar conta de sua especificidade e acaba por não sinalizar ações concretas e nem apostar possibilidades. O presente trabalho foi realizado partindo de pesquisa direta com documentos da gestão municipal e apoio conceitual de teóricos do campo da História Cultural. Outro aspecto aqui tratado é o recente ato de extinção da Secretaria Municipal de Cultura e Romaria (Lei Complementar n.º 107, de 31 de março de 2016), fato que impacta a continuidade e o amadurecimento das políticas públicas para a cultura no município. Mesmo vivendo este momento de instabilidade o documento serve de base e garantia para reivindicações, por isto é importante voltar os olhos para seu conteúdo coletivamente construído.

O LIVRO CONSTRUINDO VIÇOSA DO CEARÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE HISTÓRIA PÚBLICA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO VOLTADO À EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.

MÁRIO SÉRGIO PEREIRA DE OLIVINDO, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, MARIOPE2@HOTMAIL.COM

Em 2011 a Fundação Demócrito Rocha e parceria com a Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Banco do Nordeste (BNB), publica o livro “Construindo Viçosa do Ceará”. Concebido como material didático, o livro fazia parte de uma coleção que integrava o Projeto “Infância e Patrimônio”, desenvolvido por essas instituições para dotar os cinco municípios cearenses possuidores de sítios históricos tombados como patrimônio nacional (Sobral, Aracati, Quixadá, Icó e Viçosa do Ceará) de um produto cultural que desse publicidade a esse honroso reconhecimento e despertasse na criança uma nova relação com o lugar, a partir do conhecimento e acesso a esses bens. Para compor o material, uma equipe formada por historiadores, geógrafos e turismólogos embarcaram na história de cada município, percorrendo as cidades, visitando bibliotecas, entrevistando moradores e coletando documentos. O resultado, foi a elaboração de um artefato coletivo fonte de conhecimento local, que após impresso pelas Edições Demócrito Rocha, foi distribuído aos alunos das séries iniciais (4º e 5º ano) da rede pública. O livro “Construindo Viçosa do Ceará” é um recorte dessa história. Lançado em 2012 durante a reinauguração do Teatro Pedro II, um dos bens tombados no Município, ele não aborda apenas o patrimônio cultural do local e a necessidade de preservá-lo, mas trás em cada página o resultado de uma escolha, um sentimento impresso e um compromisso assumido por seus organizadores, pois como ressalta Circe Bittencourt (2008) na produção de um material didático, além daquilo que é visível estão impressas formas de pensar e agir de grupos sociais que dele participam. “É preciso percebê-lo em uma complexa teia de relações e de representações”. Esta comunicação apresenta uma experiência de produção coletiva de material didático voltada a educação patrimonial como exemplo de uma história pública em que diferentes agentes, inclusive os que a consomem, participam de sua construção.

O CONCEITO DE SUBÚRBIO: A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NOS ARREBALDES DAS CIDADES

RAFAEL MATTOSO, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO DA FAU/UFRJ, RAFAELMATTOSO@YAHOO.COM.BR

Com o objetivo de nos aproximar da vida social e das experiências cotidianas de um grande número de moradores do Brasil, que ocupam os arredores das cidades. Buscando promover uma análise detalhada dos particulares mecanismos de habitação e sociabilidade, nos aprofundando no cotidiano de parte dos agentes sociais que edificaram suas moradias nas chamadas áreas suburbanas ou periféricas. Segundo VAINFAS (1997, p. 154), trabalhar com o conceito de representação permite 'ver uma coisa ausente', possibilita as articulações entre o mundo social e suas representações, que julgamos imprescindíveis. Sendo assim, para nós a arquitetura é uma dessas linguagens reveladoras. A arquitetura e a história têm um longo passado em comum, pois nos levam a acreditar que as construções devem ser entendidas como formas simbólicas que representam determinadas visões de mundo de uma época. Logo, a arquitetura suburbana expressa além dos elementos do seu contexto histórico particular, as concepções de vida e os elos de identidade. Nosso trabalho busca a interdisciplinaridade para melhor compreender como cresciam tão rapidamente e de forma singular, estética e socialmente, o número de moradores e casas, marcadas por um alto grau de proximidade física e geográfica nas regiões suburbanas. Na maioria dos casos tornava-se difícil identificar onde terminava uma residência e se iniciava outra. Casas, vilas, avenidas, sobrados, palacetes e chalés expressavam em si particularidades do modo de vida suburbano. Mesmo com toda pluralidade, acreditamos que algumas características comuns reproduziam-se com frequência, já que a maioria destas habitações possuía o pé direito alto, muros predominantemente baixos, fachadas ornamentadas, hortas e quintais bem cultivados, como se fizessem questão de ser particularmente parecidos nesses aspectos, integrando-se assim mais facilmente à rua e a vida cotidiana. Acreditamos que nosso trabalho poderá revelar que os subúrbios são multifacetados e plurais, pois cada área chamada de subúrbio deve ter suas particularidades, assim como suas próprias relações socioculturais. Acreditamos que as edificações suburbanas, principalmente as casas populares, podem ser objetos legítimos para a compreensão da história da cidade. Assim, admitimos que a arquitetura suburbana nos proporciona um vasto campo de estudo das representações, ou seja, das formas como as pessoas compreendem a sua sociedade.

O PATRIMÔNIO CULTURAL DO CARIRI NA PROPAGANDA TURÍSTICA DO SÉCULO XXI

JOSÉ ITALO BEZERRA VIANA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, ITALOBEZERRA776@HOTMAIL.COM

No afã de transformar uma cidade candidata ao desenvolvimento turístico numa cidade efetivamente inserida no circuito do turismo, o papel da propaganda turística é suscitar o desejo de ir. Nessa perspectiva, questões alusivas à memória, à história e suas expressões culturais parecem relevantes para a construção de materiais de divulgação que tentam antecipar o tipo de experiência que o visitante terá, disseminando o discurso de que ali se goza tudo (ou quase tudo) o que não se seria possível em outros lugares. Contudo, por mais que o trabalho de atração da propaganda turística tente incorporar a complexidade e diversidade histórica, social e cultural de um determinado lugar, ele possui uma tendência constante de reduzir diferentes espaços a imagens estereotipadas. Essas imagens, por sua vez, passam a constituir referências a partir das quais emergem representações nos guias turísticos, catálogos, folders de divulgação, cartões postais e páginas de internet que estão permeados de descrições dos motivos de atração de grande fluxo de visitantes ao local.

Seguindo essa tendência, os discursos de representação contemporâneos atualizaram antigos significados culturais e investiram material e simbolicamente na definição de Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte como destinos turísticos marcados pela riqueza do patrimônio cultural. A partir dos anos 2000, esse patrimônio foi apresentado pela atividade do turismo como objeto de consumo que exprimiria a identidade e a qualidade do Cariri enquanto destino turístico. Ao patrimônio cultural delegou-se, então, o papel ordenador dos estratos temporais que faria a ligação entre um passado distante e glorioso – tempo caracterizado por princípios religiosos e manifestações culturais que seriam marcadas pela experiência do mundo rural –, a um presente cuja realidade urbana seria capaz de inserir o Cariri na rapidez do mundo que integra práticas ligadas ao turismo a interesses comerciais e definições políticas. O presente trabalho quer, então, demonstrar como esse cruzamento temporal foi utilizado na propaganda turística do século XXI com o intuito de planejar o futuro pelos exemplos do passado, como se respondesse aos desejos difusos de uma coletividade em fazer coincidir passado, presente e futuro na construção de uma "entrada triunfal" do Cariri no tempo do turismo.

MESTRE BIMBA: UM OUTSIDER RESSIGNIFICA A CAPOEIRA

NILENE MATOS TRIGUEIRO, INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, NILLENE.TRIGUEIRO@GMAIL.COM

O presente trabalho pretende contar como a Capoeira escrava, criminalizada e violenta foi ressignificada, sob a influência de Mestre Bimba, ao final do século XIX, transformando-se em esporte nacionalmente conhecido como ginástica brasileira. A história de vida de Mestre Bimba serviu como mote para a compreensão da história da Capoeira na década de 1930, em que sua prática deixa de ser punida com prisão e torna-se permitida em recintos fechados como as academias. O trabalho apresenta como objetivo geral: Problematizar através da biografia de Mestre Bimba, a transformação da Capoeira escrava em esporte nacionalmente aceito, na década de 1930. Como objetivos específicos: Compreender como Mestre Bimba lutou através da prática da Capoeira, pela busca de identidade e reconhecimento social da mesma no decorrer da primeira metade do século XX; Entender a influência do público outsider e estabelecido em manifestações corporais brasileiras como a Capoeira, na década de 1930. Para a execução dos objetivos propostos, o trabalho fundamenta-se na leitura de autores como Elias (2000), que discute as categorias "estabelecidos e outsiders", além de fornecer elementos necessários a leitura da esportivização dos passatempos. O enfoque biográfico tornou-se ideal para as análises propostas. A biografia de Mestre Bimba, aqui abordada, foi captada a partir da leitura de autores que dedicaram-se a analisar a vida de Mestre Bimba e sua influência na Capoeira Moderna, por isso, o método de análise dos dados pode ser definido como revisão de literatura. No intuito de compreender a condição do negro na década de 1930, o presente trabalho tomou emprestado um trecho do livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, escrito em 1932, à obra é uma "[...] ficção com fortes traços memorialistas sobre a infância e a primeira adolescência do narrador" (HATOUM, 2014). O encontro com a obra enriquece o trabalho, ao trazer a história do povo negro, contido em seus personagens e tramas. Para garantir a sua sobrevivência e a da capoeira, Mestre Bimba envolveu-se em um "jogo de mandinga", possibilitado pelo momento político-social em que viveu. A sociedade brasileira adotava costumes advindos dos países europeus, o nacionalismo fulgurava no governo de Getúlio Vargas e buscava nas práticas brasileiras uma maneira de valorizar e exaltar a nação. Através da construção de um código de conduta mais sofisticado para a Capoeira, semelhante aos códigos corporais introduzidos nos passatempos do Brasil, na década de 1930, que se caracterizavam por um maior autocontrole dos gestos e do corpo, elemento necessário para definir uma nação como uma sociedade civilizada, Mestre

Bimba conseguiu estabelecer recompensas na forma de poder, como o seu “acesso” e o da Capoeira na sociedade de classes brasileira.

**O “SEGREDO NA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES E DOS PEIXES”:
IMAGEM DE RESISTÊNCIA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

TEREZA CÂNDIDA ALVES DINIZ - MESTRANDA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA GRANDE/PB'

A pluralidade cultural presente na contemporaneidade histórica exigiu a emergência de novas fontes documentais além das tradicionais fontes escritas. A xilogravura como fonte visual apresenta-se como um objeto dessas possibilidades cujas práticas trazem imbuídos em suas formas e técnicas a chancela de representações simbólicas e culturais desses fazer histórico. O presente artigo busca a partir de uma xilogravura do artista Stênio Diniz, natural de Juazeiro do Norte/CE, demonstrar como essas representações são ao mesmo tempo práticas do mundo cotidiano, mas podem conter indícios e sinais de resistências a esse mundo em si.

GT 06 - História pública, comunicação e divulgação científica

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Sonia Meneses, Sonia Wanderley

FONTES TELEJORNALÍSTICAS NOS DOMÍNIOS DE CLIO: NOTAS METODOLÓGICAS

CÁSSIA RITA LOURO PALHA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI, PALHA17@GMAIL.COM

O presente texto é originário de reflexões que abarcam a pesquisa “A televisão nas memórias e nos saberes de professores de História”, ainda em fase de desenvolvimento, que visa a partir da História oral e de amostras qualitativas de audiência, trabalhar com as memórias e com os saberes de professores de história em torno de suas experiências junto à televisão brasileira. Assim, o intento da investigação se concentra tanto na rememoração desse grupo frente ao processo de suas audiências como telespectadores quanto nos saberes acionados a partir da linguagem audiovisual televisiva, em seu potencial epistemológico como fonte histórica. Sobre o processo da audiência em particular, o interesse em foco é a rede de significados que fatos, personagens e momentos marcantes da história recente do país e do mundo acompanhados pela veiculação televisiva, tiveram nas memórias deste grupo de professores. Para tanto, um estudo mais sistemático das características do telejornalismo como fonte histórica e do papel do historiador frente a este produto televisivo - que a partir de meados do século passado se estruturou como espaço privilegiado de integração do grande público com uma agenda diária de notícias - se fez necessário. Nesta direção, este texto tem por objetivo apresentar notas teórico-metodológicas voltadas para a análise de telejornalísticos, envolvendo as características de sua narrativa, seus recursos e códigos de linguagem, a arquitetura de seus gêneros e formatos, bem como as frentes e fontes de trabalho disponíveis ao historiador. Valendo-se das contribuições de Pierre Bourdieu e dos Estudos Culturais Ingleses é abordado ainda o circuito de relações entre os universos da produção, do texto e da circulação/recepção das mensagens. Já com as obras de Pierre Nora e François Dosse são discutidos os desafios do chamado “acontecimento monstruoso” e do “presente hipertrofiado” característicos da sociedade midiática. Neste contexto, destaca-se a centralidade do telejornalismo junto à socialização de uma história pública, em muito dependente daquilo que a grande mídia seleciona e socializa em seus “enquadramentos da memória social”, seja em relação ao passado, seja frente aos registros do tempo presente e imediato.

O PAPEL DA HISTÓRIA NO COMBATE A CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS POR PARTE DA MÍDIA

DIEGO RICARDO DE ASSUNÇÃO VELHO, UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, DIEGO.VELHO@OUTLOOK.COM

Esse trabalho tem como objetivo examinar qual o papel da mídia na criminalização

dos movimentos sociais, e como a população consegue absorver o conteúdo vinculado pelos diversos meios de comunicação, e de que maneira esse conteúdo é levado até o conhecimento de cada um. Dentro desse contexto busquei analisar o papel dos historiadores no combate a essa criminalização, evitando que as grandes mídias tomem conta da opinião pública, vinculando análises mais acadêmicas dos conteúdos abordados pela imprensa. Através de uma adaptação da cultura levada aos lares brasileiros a mídia de massa, em muitos momentos é vista como o único meio de contato com algo externo a realidade encontrada pela grande maioria dos brasileiros pertencentes a classe não dominante, onde em diversos momentos são submetidos a cultura imposta pela elite sem ao menos entendê-la. Um dos objetivos desse pequeno artigo é analisar como a mídia interfere diretamente no pensamento político-social do indivíduo e como transforma isso em favor da classe dominante. Leopoldo Volanin em seu artigo poder e mídia: A criminalização dos movimentos sócias no Brasil nas ultimas trinta décadas, afirma que a mídia tem um papel histórico na criminalização desses movimentos, em seu artigo ele vai fazer uma análise de matérias e manchetes que foram noticiadas no Brasil durante o período que ele destaca no enunciado e vai analisar os conceitos de ideologia e como essa ideologia é colocada na sociedade, e de que forma os meios de comunicação são responsáveis pela manutenção do pensamento de uma determinada classe sobre as demais, e como essa mídia se utiliza para criminalizar os movimentos sociais no Brasil.

AS EFEMÉRIDES E O DEVER DE MEMORIA: ANÁLISE DAS NARRATIVAS EM TORNO DO GOLPE MILITAR DE 1964 NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

BÁRBARA ALMEIDA OLIVEIRA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI -URCA,
BARBARAOLIVEIRA99@YAHOO.COM.BR; SÔNIA MARIA DE MENESES SILVA,
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI -URCA, SONIA.URCA@GMAIL.COM

O final do século XX no Cone Sul foi marcado pelo esgotamento de regimes ditatoriais, dentre estes, o que foi instaurado no Brasil no ano de 1964, chegando ao fim no ano de 1985 com a eleição indireta para presidente civil. O papel de parte da grande imprensa brasileira evidencia-se crucial nos dois momentos, tanto no processo de legitimação da intervenção militar como, em momento posterior, na defesa do estado democrático. Os discursos elaborados nesses espaços na década de 1960 tomam uma direção diferente no começo dos anos 1980. A questão central agora era debater os caminhos para o retorno do Estado de direito. A partir do momento em que este se efetiva, como é apresentada a memória nas páginas dos periódicos? O presente estudo tem por objetivo analisar as discussões em torno da memória do Golpe Militar Brasileiro de 1964 desenvolvidos nas páginas do jornal Folha de S. Paulo, ao longo da década de 1990. Direcionando o olhar para a emergência dos discursos que se sustentam em fragmentos memoriais de diferentes sujeitos, esta abordagem possibilita compreender o papel da grande imprensa na construção tanto de memória como de esquecimento. Com esse intuito exploraremos os debates apresentados pelo periódico durante as efemérides dos 30 anos do Golpe em 1994, 30 anos do AI-5 no ano de 1998 e os 20 anos da Anistia Política em 1999. Períodos que assinalam os processos de seleção do que deve ser lembrado e as formas que se processaram estas lembranças, a partir do momento em que o periódico abre espaço para debates voltados a marcos e datas emblemáticas do regime militar. Narrativas que, geralmente, são elaboradas a partir da perspectiva do “eu” testemunhal, trazendo a cena pública versões distintas sobre passado e história. Elementos que possibilitam ainda refletir um tipo particular de escrita da história desenvolvida no campo midiático. Esta pesquisa faz parte do projeto “A memória como matéria para o presente: As disputas sobre o passado nas páginas do Jornal Folha de S. Paulo (1990 a 2000)”, financiada pelo CNPQ.

OS LIVROS DE HISTÓRIA NO MERCADO EDITORIAL GOSPEL BRASILEIRO, UMA BREVE ANÁLISE DESTA PRODUÇÃO

FRANCISCA JAQUELINI DE SOUZA VIRAÇÃO, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, JACKHISTORY@GMAIL.COM

O mercado editorial gospel brasileiro é repleto de títulos que são classificados com a referência de História da Igreja, desde clássicos como A História dos Hebreus de Eusébio de Cesaréia, passando por uma produção puramente denominacional, sem nenhuma preocupação com os aspectos teóricos e metodológicos da História, até obras de profunda riqueza erudita como as de Alister Mcgrath. O trabalho busca fazer uma apresentação das principais obras e autores deste gênero publicadas no mercado editorial gospel brasileiro, desde aqueles que são as referências básicas para as cadeiras de História da Igreja no currículo dos seminários protestantes do Brasil até os mais mercadológicos, com a finalidade de conhecer qual o conhecimento da História como Ciência e de sua própria história tem os protestantes brasileiros, por meio dos conceitos e métodos de investigação da História Cultural, principalmente a contribuição de Roger Chartier para o estudo do livro. O mercado editorial gospel brasileiro é um mercado milionário, o número de títulos que são referenciados como História, História da Igreja ou Teologia Histórica é altíssimo, existe, como fora dito anteriormente, muita produção de qualidade teórica e metodológica duvidosa, porém há também uma pujante produção de historiadores importantes, tanto do Brasil, como do exterior, que por suas obras serem publicadas por uma editora religiosa ficam condenados ao ostracismo acadêmico. O exemplo clássico deste ostracismo é Émile G. Leonárd, Annale de primeira geração que veio ao Brasil substituir Fernand Braudel na USP, é de Leonárd a única teoria historiográfica sobre o protestantismo brasileiro, historiador que veio ao Brasil indicado por Lucien Febvre é um ilustre desconhecido na Academia brasileira. Leonárd é o exemplo maior deste ostracismo, porém esta dicotomia grandiosa entre a produção acadêmica reconhecida pelos pares e a produção historiográfica dos protestantes, ou sobre o protestantismo, e não importando a qualidade cria sem dúvida nenhuma uma cultura bem específica do que é História e de sua História no Brasil.

"OS USOS DO SAGRADO": A SANTIFICAÇÃO DE MARIA DE BIL NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

WESLEY DA SILVA LIMA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, W-LEYLIMA@HOTMAIL.COM

A pesquisa se propõe em analisar a devoção popular na cidade de Várzea Alegre – CE através do culto a Maria de Bil. Sua gênese de devoção se iniciou a partir de seu assassinato em 1926, causando comoção e revolta na cidade. O espaço em que ocorrera sua morte violenta foi marcado por uma cruz, simbolizando a rememoração do acontecido. Algumas pessoas visitavam o lugar e divulgava sua sacralidade. Os rituais de devoção à Maria de Bil foram materializados com a construção de uma capela em sua homenagem, que desde então, pessoas passaram a visitar o local e a rezar pedindo sua intercessão, além de pagar promessas e agradecer pelas graças alcançadas. A história de Maria de Bil é contada basicamente através das narrativas de memória. Entretanto, neste trabalho, analisamos como as memórias sobre a santidade de Maria de Bil foram representadas pela imprensa. Dessa forma utilizamos como fontes os Jornais O Povo e Diário do Nordeste. Ancorado no campo da História das Religiões, dialogamos a partir das ideias de Mircea Eliade para entendermos a construção do sagrado por parte dos fiéis. Utilizamos também os conceitos de estratégia e tática de Michel de Certeau e de representação de Roger Chartier. Para refletirmos sobre a aplicabilidade da memória na pesquisa histórica dialogamos a partir

dos pressupostos de Alessandro Portelli. Desde os tempos remotos do catolicismo no Brasil que a Igreja Católica elabora um conjunto de preceitos para a normatização do culto religioso, no entanto, algumas práticas não reconhecidas pela Instituição religiosa continuaram existindo e perdura até os dias atuais. O culto aos “santos sem altares” é uma prática que cresce constantemente. Esses santos populares não são oficialmente reconhecidos pela Igreja Católica Romana. Porém, mudanças no meio institucional, depois do pontificado de João XXIII, principalmente no pós-concílio Vaticano II e a aprovação da declaração sobre a liberdade religiosa, transformou de certa forma a veneração de figuras santificadas pelo povo. Atualmente, essa prática de culto, por mais que não seja institucionalizada pela Igreja Católica não é proibida. No cariri cearense, além de Maria de Bil, destacamos outros ícones de devoção popular como Beninga, Rufina e mártir Francisca. O culto a Maria de Bil, é documentado por jornais locais, entretanto a partir de 2005 sua trajetória de devoção angariou mais espaço através de iniciativas realizadas pela prefeitura municipal que juntamente com a secretaria de cultura e turismo de Várzea Alegre se apropriou do espaço religioso para transformar em lugar de turismo. Nesse sentido, os meios midiáticos ganharam papel fundamental na construção e no repasse da informação, sendo levadas as todas as camadas sociais a propagação da memória de devoção à Maria de Bil.

PRODUÇÕES DE SENTIDO: A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS ACERCA DO EMBELEZAMENTO NA REVISTA CLAUDIA, DÉCADA DE 1960

CAMILA PARENTE DA COSTA, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, CAMILA.PARENTE@GLOBO.COM

Sobretudo em meados do século XX, segundo Sant’anna (2014, p. 15), com a industrialização, a expansão e o desenvolvimento da publicidade, do cinema, da televisão, a beleza transformou-se em um tema ambicioso e vasto, deixando de ser assunto secundário na imprensa. Especialmente nesse período, o embelezamento transformou-se em uma prova de amor a vida e a si mesmo, não somente um dever, mas um merecido prazer; não simplesmente um truque para ser amado, mas uma técnica para se sentir adequado, limpo e decente. Luca (2012) aponta que as mulheres foram encaradas, na lógica do mercado, como consumidoras em potencial, firmando os produtos voltados para o público feminino como um setor lucrativo. Mira (2001) complementa: a publicidade dos novos produtos de empresas nacionais ou multinacionais, como aparelhos eletrodomésticos, alimentos enlatados, produtos de beleza, mormente em revistas da imprensa feminina, eram direcionados, essencialmente, para as mulheres – relacionadas como a principal responsável pela aquisição de produtos do consumo familiar. Inferre-se, desse modo, a procura por formar um vínculo envolvendo o sexo feminino e os produtos da indústria de bens e consumo, ao se perceber a busca por adaptar as necessidades provenientes da ascensão da indústria e as mulheres como sujeitos importantes para o consumo dos produtos. Prescrições a respeito de como proceder ao processo de embelezamento são percebidas em revistas como “Claudia” - publicada pela Editora Abril, lançada em 1961, tinha como público alvo a dona de casa de classe média, casada e mãe, que dedicava seu tempo à família e que poderia influenciar na aquisição de bens de consumo; e continha em média 193 páginas, com tiragens de 175.000 a 200.000. As matérias de “Claudia” visavam a ressaltar e confirmar os papéis femininos de boa esposa, mãe e dona de casa, a despeito da coexistência, na revista, da escrita da jornalista Carmen da Silva questionando esses mesmos ideais. . Por intermédio da observação das propagandas expostas nas páginas de “Claudia” é possível perceber as produções de sentido empreendidas, por elas, ao ato de embelezar-se. Observa-se, nesse período, que a publicidade passou a conceder maior enfoque aos anúncios dos produtos de beleza, ressaltando suas supostas qualidades como

rejuvenescimento, hidratação, e aspectos como a praticidade e discrição (alguns produtos tinham dimensões pequenas e podiam ser colocados dentro da bolsa de passeio). Assim, é interessante problematizar como o discurso acerca do processo de embelezamento também foi sendo construído por intermédio das propagandas de produtos de beleza, de aparelhos eletrodomésticos, de roupas etc.

REVISTA MARIA: EDUCAR, NORMATIZAR E POLITIZAR A "LEGIÃO BRANCA" DAS FILHAS DE MARIA (1913-1965).

MARIA LUCELIA DE ANDRADE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ, LUCELIANDRADE@YAHOO.COM.BR

A Revista Maria, criada em 1913 no seminário de Olinda, voltava-se especialmente às associadas da Pia União das Filhas de Maria, irmandade leiga, formada exclusivamente por mulheres solteiras. Tal associação representava um importante projeto de normatização e disciplinarização das jovens católicas, ao mesmo tempo em que buscava arregimentar esse público como importante apoio para as demandas da Igreja Católica que vivia intensas mudanças no âmbito nacional. Eram tempos de redefinição e de repensar a própria sobrevivência dentro de uma estrutura político-social que estabeleceu novas formas de se relacionar com a instituição católica, principalmente em sua dimensão mais material. Nas primeiras décadas do século XX, em todas as paróquias do país havia pelo menos uma Pia União das Filhas de Maria. Nas cidades mais populosas, era comum a existência de mais de um grupo, congregando as jovens das camadas médias em torno desse modelo de irmandade romanizada. Como forma de uniformizar tais grupos, oferecendo a eles uma instrução sempre atualizada com as questões em voga na sociedade, a revista Maria foi pensada como um instrumento que permitiria às Filhas de Maria, nas palavras do arcebispo Dom Luis de Britto, "alcançar a força da união". Ao contrário da maioria dos periódicos que circularam no Brasil das primeiras décadas do século XX, a revista Maria teve longa duração, circulando ininterruptamente por décadas em todo o território nacional, apesar das dificuldades advindas do alto custo de manutenção. Definindo-se como uma "revista ilustrada, literária e apologética", Maria era um impresso feito para mulheres e, em parte, por mulheres. Oscilando entre a as normas da tradição e as novidades da modernidade, o periódico sofria interferências das demandas e comportamentos das leitoras que também sentiam os ares de novos tempos e de muitas mudanças. O período aqui em estudo compreende o recorte de 1913, ano de lançamento da revista, até 1965, ano que as determinações do Concílio do Vaticano II chegam ao Brasil, dando uma nova face à Igreja Católica, que irá aos poucos desencorajar as práticas do modelo de Igreja romanizada, entre elas a existência das Pias Uniões das Filhas de Maria.

GT 07 - História pública e arquivo

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Ana Carolina Maciel, Beatriz Kushnir, Silvia Maria Jardim Brüger

MEMORIAL CLARA NUNES: DE ACERVO PARTICULAR À ESPAÇO DE MEMÓRIA

MARLON DE SOUZA SILVA, UFMG/CES-CL, MARLLONSSILVA@YAHOO.COM.BR;
SILVIA MARIA JARDIM BRÜGGER, UFSJ, SBRUGGER@MGCNECTA.COM.BR

O trabalho se propõe a narrar a experiência de montagem de um espaço de memória, a partir do acervo pessoal da cantora Clara Nunes (1942-1983). Há cerca de 12 anos atrás, em virtude do desenvolvimento de um projeto de pesquisa que tinha como objeto a relação da vida e da obra da cantora com a cultura popular brasileira, tomamos contato com seu acervo pessoal, guardado por sua irmã, Maria Gonçalves da Silva, em Caetanópolis, Minas Gerais. Composto por objetos dos mais diferentes tipos (roupas, imagens e guias religiosas, troféus, fotografias, matérias jornalísticas, documentos pessoais, correspondências, entre outros), vislumbramos sua riqueza não apenas para a pesquisa que desenvolvíamos, mas para se pensar a história e a cultura brasileira, em sua diversidade mestiça. Neste sentido, atuamos junto à família, através de vários projetos de extensão, visando contribuir para que fosse viabilizado um acesso público ao acervo, com o fim não do laurear da memória da cantora ilustre, mas para que sua obra e trajetória fossem pensadas como janela para questões importantes da realidade brasileira passíveis de serem problematizadas a partir de projetos artísticos, acadêmicos e pedagógicos. Identidade nacional, história local, cultura afro-brasileira, religiões negras, música popular brasileira, regime militar, são alguns exemplos de temas que podem ser abordados a partir do acervo. Paralelamente ao trabalho de identificação, higienização e catalogação dos objetos e documentos, foram feitos esforços no sentido de viabilizar a construção de um espaço próprio capaz de abrigar o material de forma minimamente adequada e ao mesmo tempo de viabilizar o acesso público a ele. Assim, em agosto de 2012, foi inaugurado o Memorial Clara Nunes, que hoje se encontra com sua segunda exposição à mostra, intitulada Clara Mestiça, dedicada ao show homônimo (1981) e ao LP Brasil mestiço (1980). Pensamos as exposições como narrativas históricas construídas com recursos estéticos, tanto visuais, quanto sonoros e textuais. O espaço tem sido visitado, ainda que em escala limitada, por pessoas de diferentes partes do país e do mundo. No entanto, o envolvimento da própria cidade com o mesmo poderia ser maior. Em 2015, iniciamos um trabalho com as escolas da cidade visando estimular essa maior aproximação e propiciar um melhor uso do espaço para fins pedagógicos e novos olhares sobre a história da cidade e do país. Nesta comunicação, propomo-nos a pensar sobre essa trajetória do trabalho desenvolvido, suas dificuldades e possibilidades futuras. Entendemos que realizamos um trabalho de história pública e que, no diálogo com outros pesquisadores da área, podemos encontrar caminhos para a reflexão sobre nossa prática.

HISTÓRIA PÚBLICA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA - FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS E ACESSO À INFORMAÇÃO NAS ATIVIDADES DO ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

BEATRIZ KUSHNIR, ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - AGCRJ, BIAKUSHNIR@GMAIL.COM

A historiadora britânica Jill Liddington (2011), ao definir a História Pública, sublinha ser um conceito escorregadio pela amplitude de usos e significados. Abarca tanto as práticas de representações populares sobre o passado; como os tópicos de discussão já bem instituídos no debate historiográfico: como usos do passado e a divulgação científica. Nesta busca por definições da área, os Arquivos Públicos ocupam um espaço importante na ampla gama de possibilidades de análise dos historiadores que imprimem aos seus trabalhos as possibilidades de uma História Pública. O Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) agrega, de muitas maneiras, a noção de res pública. Por um lado, uma instituição do governo municipal, com a função legal de gerir a documentação produzida pelo Poder Executivo da Cidade do Rio de Janeiro. Por outro, uma entidade cuja missão de salvaguardar precisa estar plasmada às ações de tratamento, a fim de dar acesso às informações. Na medida em que os historiadores se tornavam atuantes no processo de formação dos acervos nos arquivos, demandou-se que esses profissionais questionassem suas fontes, atentando para o contexto em que foram produzidas e até mesmo as motivações pelas quais definiram o conjunto no seu caráter de "permanente". A avaliação documental não podia pautar-se somente no "valor através do uso" para pesquisa em História, como defendido por Schellenberg. As constantes mudanças historiográficas e os usos não acadêmicos da documentação exigiam uma melhor forma de conduzir tal parâmetro. A perspectiva pós-moderna na Arquivologia foi responsável por uma grande mudança na postura dos profissionais em relação ao Arquivo enquanto instituição e como política de salvaguarda. Tendo como maior influência Terry Cook, arquivista canadense com formação em História, que apreende os arquivos como "um recurso social [...] que respeitava cada vez mais a natureza pluralista e ambígua do mundo pós-moderno e digital ao invés dos padrões monolíticos que tinham dominado as estruturas arquivísticas anteriores". O AGCRJ ocupa um espaço duplo, crivado de cruzamentos com os pilares de uma História Pública: desenvolver e implementar políticas de guarda no Poder Executivo do município do Rio de Janeiro, a fim de garantir acesso à informação; bem com, fomentar práticas como uma memória institucional. O pilar das discussões é alicerçado na necessidade de uma atuação democrática e participativa para a construção de uma Política Nacional de Arquivos, onde as instituições são espaços de atuação multidisciplinar.

ENTRE AS PÁGINAS DA HISTÓRIA DO ICÓ: AÇÕES DE EXTENSÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

JUCIELDO FERREIRA ALEXANDRE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI, JUCIELDO.ALEXANDRE@UFCA.EDU.BR; SIMÃO PEDRO DIAS DE OLIVEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI, HISTORIAUFCA@GMAIL.COM; SOPHIA GOMES CIDRÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI, SOPHIA_RABELO@HOTMAIL.COM

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações de extensão do projeto Entre as páginas da história do Icô: oficinas sobre fontes históricas e educação patrimonial, realizado pelo curso de História da Universidade Federal do Cariri (UFCA). As oficinas do projeto aliam a valorização de um rico acervo de fontes históricas - pertencente ao Arquivo Histórico de Icô -, com os propósitos da educação patrimonial, ao promover o contato de professores e alunos do Ensino Básico da cidade com documentos dos séculos XVIII e

XIX, propiciando o reconhecimento desse patrimônio documental como importante acervo para a história e memória local. A ação de extensão estimula a inserção dos documentos como recurso didático nas aulas de História, contribuindo para fruição e proteção dos mesmos. Malgrado sua riqueza, o Arquivo Histórico permanece desconhecido para a maior parte da população do Icô. Seu valor enquanto patrimônio e a possibilidade de divulgação do mesmo enquanto fonte para o conhecimento da história local é o mote da ação de extensão, que dialoga com o objetivo fundante do Bacharelado em História com ênfase em Gestão do Patrimônio: a formação de historiadores que lidem com as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural. O impacto da ação de extensão tem sido positivo. No geral, isso é visível na avaliação final de cada oficina, quando alunos e professores da rede básica são convidados a falar suas impressões a respeito da atividade. Esse é um dos momentos mais interessantes para a equipe executora do projeto, visto que o público se mostra empolgado com a oportunidade de conhecer o Arquivo Histórico e a riqueza de suas fontes. No geral, professores e alunos afirmam que desconheciam o patrimônio documental da cidade e tecem comentários sobre a riqueza de informações a respeito do cotidiano e sujeitos históricos do passado da cidade, contidas nos manuscritos. O contato com as fontes e a tentativa de leitura e transcrição das mesmas também são pontos elogiados pelos participantes, devido ao seu caráter lúdico, que desafia e agrada especialmente aos estudantes. Os professores da rede básica que vêm as oficinas geralmente destacam a oportunidade de trazer conteúdos que aparecem distantes nos livros didáticos (como a escravidão, por exemplo) para mais próximo da realidade dos alunos, já que tais documentos trazem informações sobre temas do passado do município. Nestes termos, a ação de extensão promove a salvaguarda desses bens culturais, sendo elemento para a autoestima e afirmação das identidades, ao promover relações sensíveis da comunidade com seu passado, memória e patrimônio. Afinal, a Educação Patrimonial considera que a preservação dos bens culturais é uma prática social, inserida nos contextos culturais que caracterizam os espaços da vida das pessoas.

NO SILÊNCIO OBSEQUIOSO, PREPARO MINHA PRÓPRIA DEFESA PADRE CÍCERO: ARQUIVISTA DE SI MESMO

MARIA DE FÁTIMA DE MORAIS PINHO, UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE, MMORAISPINHO@YAHOO.COM.BR

O presente trabalho tem por objetivo analisar a prática contumaz do padre Cícero Romão Baptista em, ao longo de sua trajetória religiosa e política, copiar e guardar todos os documentos escritos, hemerográficos e iconográficos, constituindo um considerável e consistente arquivo de si que dava conta, igualmente, de aspectos da história política, econômica e social não apenas da localidade em se estabelecer, Juazeiro do Norte, mas do Ceará e do Brasil do final do século XIX e da chamada República Velha. O chamado "grande arquivo do padre Cícero" é composto por cartas e telegramas tanto de natureza eclesiástica quanto cartorial, fotografias, artigos de jornais, películas de filmes, livros, etc. Neste trabalho tomando como referência as reflexões do historiador francês Philippe Artierés publicadas na revista Estudos Históricos em 1998, intituladas "Arquivar a própria vida". O referido autor ressalta entre outras coisas, que estudar "[...] arquivos de vida significa exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância (p. 10)". No nosso entendimento, ao arquivar os manuscritos escritos por si mesmo, para si e sobre si o padre Cícero fez-se revelar nas suas mais diversas facetas, pondo-se em cena e em constante vigilância, expondo seus atos, escolhas, tomadas de posição, convicções, enfim convidando, por assim dizer, pesquisadores e demais interessados no futuro para empreender novas análises, interpretações e olhares inovadores no que diz respeito ao

legado que deixava. Os primeiros indícios de arquivamento por iniciativa do padre Cícero datam da sua chegada ao povoado de Juazeiro. São cartas trocadas com os membros da Igreja Católica do Ceará, coronéis da região e com o primo e amigo José Marrocos. É, entretanto, a partir da instalação da denominada “questão religiosa” de Juazeiro, que passa a preocupar-se mais constantemente com o arquivamento e organização daquilo que veiculava, fazendo cópias, assinando e guardando o que se relacionava a ele próprio e ao ambiente que o circundava. Ao longo de 62 anos de vivência sacerdotal e política, o padre Cícero, ao organizar seu Grande Arquivo, de certa forma, escreveu sua própria biográficos, pois, conforme Artières “[...] arquivar a própria vida é uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (1998, p. 32)”.

ARRUMAÇÕES DA MORTE NOS REGISTROS DE ÓBITOS EM SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE (PB), NO FINAL DO SÉCULO XIX

MAIZA RIBEIRO DE SOUSA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, IZAMATARASO@HOTMAIL.COM

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em desenvolvimento, onde analisa o vocabulário dos registros produzidos pelo poder eclesiástico em São João do Rio do Peixe, província da Paraíba, no século XIX. Para a realização da pesquisa monográfica utilizamos os livros de actos de óbitos, que correspondem à segunda metade do século XIX e início do século XX. Os óbitos encontram-se organizados em três livros. O primeiro livro é do ano de 1864 a 1873 (L.01), o segundo é de 1874 a 1883 (L. 02) e o terceiro é do ano de 1883 a 1907 (L03). Os registros estão arquivados na secretaria da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em São João do Rio do Peixe. O acervo da Igreja Matriz possui um rico material para o desenvolvimento da pesquisa histórica. No arquivo há livros de casamentos, batismos, livro tombo e livros de ligas religiosas que surgiram na cidade a partir do século XX. Para este trabalho, analisamos o primeiro livro de óbitos. A Igreja Matriz começou a produzir suas fontes eclesiásticas, assim como os óbitos, a partir de 1864. Antes disso o povoado era distrito da região de Sousa, no sertão paraibano. Os acervos eclesiásticos são espaços importantes para a produção do conhecimento histórico. Para quem procura aventurar-se nos estudos sobre a morte, os óbitos são fontes reveladoras, onde podemos fazer uma análise qualitativa e quantitativa. Os óbitos de São João do Rio do Peixe nos revelam sobre o ritual da morte e sua sociedade, assim como dados sobre a existência do defunto: o seu sexo, sua situação civil, se era um escravo ou retirante, os termos para registro da causa da morte (morte natural ou acidental), quais os ofícios fúnebres praticados, os sacramentos, a cor da mortalha, onde o falecido morava, sua profissão, onde morreu, onde foi sepultado. O registro de óbitos informa qual o cemitério ou se foi enterrado no “mato”. Apresenta-se ainda o nome do padre responsável por legar o óbito e de administrar os sacramentos. Em alguns lugares o vocabulário dos óbitos informa se houve presença de irmãs. Entre as possibilidades de estudos, é adequado poder realizar uma discussão sobre os costumes dessa sociedade diante da morte e por isso nos apoiamos nas discussões de Rodrigues (1997) e Reis (1991) para discutir o modelo de morte que prevalecia durante o século XIX. As relações de vivos e mortos eram marcadas por um conjunto de simbolismos que estavam presentes nas suas práticas cotidianas, nos seus costumes de lidar com os mortos e nas crenças e rituais de passagem frente a morte. Trata-se de uma sociedade fundamentalmente camponesa, onde todas essas formas de lidar com a morte e os mortos percebidos através de análises das fontes nos revelam características de uma cultura e seus costumes que passavam por constantes processos de transformação.

GT 08 - História pública e história oral

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Juniele Rabelo de Almeida, Ricardo Santhiago, Denize Ramos Ferreira

A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOBRE OS VAQUEIROS DO CARIRI CEARENSE NO SÉCULO XXI

ADILEIA DE ALENCAR SILVA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA,AD.CAT16@HOTMAIL.COM; ANA CRISTINA DE SALES, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI,ANINHA.HISTORIA@YAHOO.COM.BR

A pesquisa tem por objetivo compreender a construção de memórias e as experiências vivenciadas pelos vaqueiros do Cariri cearense no século XXI. O trabalho proposto será guiado através da metodologia da história oral, na qual, elegemos como sujeitos do trabalho os vaqueiros antigos, chamados de "afamados" pela coragem e bravura com que se embrenhavam na mata cerrada, em busca dos bois. Estes indivíduos faziam verdadeiros malabarismos para escapar dos arranhões de espinhos e pontas de galhos secos, cobras, lendas, etc. O vaqueiro caracteriza-se como personagem importante na história do Brasil, contribuindo na época da colonização para a base da atual divisão territorial do Nordeste, sendo responsável por conduzir e manejar o rebanho, livrando os animais de sofrerem em demasia com os longos períodos de secas. Como fontes escritas, utilizamos: cordéis e composições musicais para pensarmos a historicidade das práticas oriundas das relações entre esses sujeitos nos meios rural e urbano. Assim, pensar a construção de uma identidade cultural para o "cabra macho" do sertão é adentrar nas diversas práticas, discursos e representações que classificaram e organizaram a sua realidade social. O trabalho aqui apresentado faz parte do projeto de extensão "Entre perdas e glórias: vaqueiro símbolo da cultura sertaneja (1950-2000)", que busca historicizar a tradição do homem "desbravador" dos sertões, que na contemporaneidade se utiliza das propagações de muitas imagens sobre eles nas músicas, nas exposições culturais, nas festas religiosas (e do vaqueiro), entre outros elementos para legitimar seu lugar de atuação na cultura nordestina. Uma conquista para essa categoria foi a aprovação no Congresso Nacional da Lei 12.870, de 12 de outubro do ano de 2013 que dispõe sobre o exercício da atividade profissional do vaqueiro. Suas atividades estão diretamente ligadas ao campo, tais como: alimentar os animais, fazer a ordenha, treiná-los e prepará-los para eventos culturais e socioesportivos com a garantia de que os animais não sejam submetidos a atos de violência. Desse modo, problematizamos as representações sociais que os vaqueiros constroem sobre si e sobre seu modo de viver nos sertões, como também: as formas de uso e de apropriação dos artefatos culturais que a contemporaneidade produz sobre a imagem dos personagens (vaqueiros) e da vida sertaneja.

HISTÓRIA ORAL E A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA COM TRABALHADORES CEARENSES DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

COSMA SILVA DE ARAÚJO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, COSMAARAUJO@HOTMAIL.COM

A presente proposta visa apresentar a experiência de pesquisa com os trabalhadores de Araquém- Coreau- Ce que participaram da Construção de Brasília entre os anos de 1958-1960. A pesquisa se iniciou no ano de 2013, e teve como resultado, uma monografia de conclusão do Curso de História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, e um curta-metragem intitulado "só não morri por um milagre de seus". Nos quais discutimos através da metodologia da História Oral, as histórias e memórias dos trabalhadores quanto sua participação na construção de Brasília, com enfoque para o trabalho e o conflito de trabalhadores ocorrido da Firma Pacheco Fernandes Dantas, em 1959, que ficou conhecido como o "Massacre da GEB". O conflito foi obscurecido pela historiografia oficial da cidade e aos poucos vem sendo reconstituído por diferentes áreas do conhecimento, que se utilizam da oralidade para revelar e analisar as memórias desse acontecimento. Desse modo, situamos os cearenses do município de Coreau, que hoje, idosos contam suas experiências de trabalho, exclusão e violência pela qual passaram no período estudado. Podemos perceber alguns entrevistados possuem uma memória "ressentida" que parece está ligada a experiência de dor, humilhação e violência pela qual passaram na capital. Concordamos com Pierre Ansart (2004) sobre a importância do estudo do ressentimento na escrita da História, esta deve produzir reflexões acerca das relações entre os afetos e o político, os sujeitos individuais em suas afetividades e as práticas sociais e o político, refletir sobre os sentimentos e emoções criadores dos ressentimentos: a inveja, o ciúme, o rancor, a maldade, o desejo de vingança, os fantasmas da morte. Pois é preciso compreender e explicar os ódios e as hostilidades ocultas da história. O ressentimento é, portanto: "um conjunto de "sentimentos" em que predominam o ódio, o desejo de vingança e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, a "experiência continuamente renovada da impotência rancorosa". (2004, p.18). Assim, frase como "tomei ódio de Brasília" (José Portela) pode ser representativa desses ressentimentos alimentados ao longo do tempo pela trabalhadores em questão. Os resultados da presente pesquisa foram apresentados em vários eventos, dentro e fora da acadêmica, principalmente em escolas públicas da região noroeste do Estado do Ceará. Neste sentido, visamos discutir como essas experiências de restituição aconteceram e quais as contribuições da pesquisa para a produção do conhecimento acerca do tema estudado.

O PROJETO "NAS ÁGUAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA LOCAL, TRABALHO E CULTURA NA OCUPAÇÃO DA LOCALIDADE DE LIMA CAMPOS, ICÓ-CE": UM ESFORÇO EM PROL DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA.

PRISCILLA RÉGIS CUNHA DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, PRISCILLA.QUEIROZ@UFCA.EDU.BR; BRUNA ESTEFANY PEREIRA DE ALMEIDA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI, BRUNAESTEFANYPEREIRA@GMAIL.COM

Dentro do contexto de consolidação e expansão da Universidade Federal do Cariri, a cidade de Icó passou a sediar um Campus da UFCA e, diante das características desse lugar, já em 2014, iniciamos as atividades do curso de bacharelado em História com ênfase em gestão do patrimônio histórico. Icó conta hoje com mais de 200 anos de emancipação política e sua arquitetura é considerada pelo IPHAN como patrimônio cultural nacional. Lá, as margens do Açude Lima Campos - construído na década de 1930- está uma comunidade que leva o mesmo nome da grande obra hidráulica construída em um período de tensões

sociais e escassez d'água. Da vontade de produzir uma história local mais democrática e plural, surgiu o Projeto "Nas águas da memória: História Local, Trabalho e Cultura na ocupação da localidade de Lima Campos, Icó-Ce". Trata-se de uma tentativa coletiva, em vias de finalização, de produzir material para pesquisas e reflexões sobre a história de ocupação do distrito de Lima Campos a partir da memória dos moradores da localidade. O projeto busca refletir sobre o trabalho e a cultura do povoado que mora às margens do Açude Lima Campos, através da problematização dos caminhos tomados para construção dessa comunidade ao longo do tempo. Buscamos alcançar experiências, objetos, fotografias e memórias dos moradores de Lima Campos para construir conhecimento histórico de maneira mais ampla. Essa empreitada passa necessariamente pela instrumentalização dos alunos do curso envolvidos no Projeto. Para tal, temos desenvolvido leituras, debates e atividades práticas entorno do registro de entrevistas a partir da metodologia da História Oral. Até agora, o projeto tem se mostrado bem-sucedido no contato com a comunidade. As relações de confiança e o entrecruzamento de saberes e experiências têm mostrado a possibilidade de tratar a construção do conhecimento histórico como profissão de troca e amizade. Assim, entre as discussões de textos, pesquisas acerca do tema, produção e execução de entrevistas e visitas à comunidade de Lima Campos, a equipe envolvida no projeto tem atuado no encaminhamento das muitas e novas demandas que o regime de historicidade contemporâneo nos coloca, dentre elas, as questões acerca do direito à memória por meio do registro, do arquivamento e disponibilização de arquivos e coleções. Através das entrevistas, percebemos que a construção da barragem implicou diferentes desdobramentos como: a transformação da paisagem, a negociações dos usos das terras da região, a ampliação da gama de atividade econômica exercida por seus moradores e a consolidação de festas locais como, por exemplo, a Festa de São Sebastião.

MEMÓRIAS E ESQUECIMENTO: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO DOS CABOCLOS DA VILA DE GUARANY

MARCOS FELIPE VICENTE, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, MARCOS.FELIPEV@YAHOO.COM.BR

A história dos índios no Brasil é marcada por uma sequência de guerras e atentados aos direitos indígenas. Ao logo do século XIX, construiu-se um discurso amplamente difundido em todo o Brasil, de que os povos indígenas estariam extintos e seus descendentes "misturados" ao restante da população, sendo estigmatizados, em muitas situações, pela alcunha de caboclos. Envolvidos em vários conflitos pela posse das terras da vila de Guarany, os caboclos descendentes dos índios Paiaku, que habitavam a antiga freguesia de Montemor, o velho, tiveram sua resistência testada em diversas ocasiões, resultando em um processo de ressignificação identitária. Seus principais opositores foram o padre católico Eduardo Araripe e uma poderosa família local. Apesar de todas as lutas, e embora tendo o direito à terra reconhecido pelo Tribunal de Justiça do Ceará em 1923, esses caboclos continuaram sendo expropriados da terra e sendo deslocados a uma gradativa condição de esquecimento social. A memória dos conflitos, que fora apenas parcialmente registrada por meio escrito, foi passando de pai para filho, como forma de estabelecer laços entre aqueles indivíduos. No entanto, percebe-se que, na medida em que se distanciam do passado, as memórias vão perdendo sua consistência narrativa e a identificação dos sujeitos do presente com aqueles indivíduos do passado vai diminuindo. Utilizando a História Oral como fundamento teórico-metodológico, este trabalho busca analisar a construção da memória dos descendentes dos Caboclos de Guarany no início do século XXI e a forma como esses indivíduos representam seu passado ancestral e as lutas pelo direito à terra. Dessa forma, a memória dos descendentes dos caboclos Paiaku representa, também, uma resistência ao interminável processo de expropriação e, principalmente, uma

resistência ao esquecimento produzido pela sociedade. Assim, também é de interesse deste trabalho problematizar esses discursos e esses silêncios para uma compreensão crítica da sociedade atual e desses indivíduos nela inseridos.

'O QUE ACONTECEU COMIGO': PROFESSORES E SUAS NARRATIVAS ENTRE OS ANOS DE CHUMBO E OS DIAS ATUAIS

TELMA BESSA SALES, UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAU,
 TELMABESSA@HOTMAIL.COM; VIVIANE PRADO, UNIVERSIDADE
 ESTADUAL VALE DO ACARAU, VIVIANCLIO@YAHOO.COM.BR

Este artigo busca analisar e refletir alguns pontos sobre a História do Brasil, a partir das recordações de professores de História e Ciências Sociais, bem como a construção das suas narrativas com enfoque na ditadura civil-militar, o processo de redemocratização brasileira e os dias atuais. Pretende-se aqui dar visibilidade aos diálogos desses professores e os movimentos sociais, expandindo o conhecimento histórico para além das salas de aula, difundindo as realidades vivenciadas por estes nos anos de 1970, 1980 e jovens professores na atualidade. Na perspectiva da atuação de professores no espaço público as reflexões contribuem para a construção da cidadania, o fortalecimento dos valores democráticos, o respeito às diferenças, e temas afins. Busca-se considerar novas abordagens e outros sujeitos atentando para as pulsações que brotam da própria realidade com uma opção teórico metodológica que põe em diálogo palavras e imagens por meio da história oral. Trata-se ainda de enfatizar o caráter multidisciplinar da pesquisa, com corte transgeracional, envolvendo antigos e atuais professores que realizam debates (dentro e fora da sala de aula) sobre a importância social do conhecimento histórico construído coletivamente além dos 'muros acadêmicos'. A valorização da oralidade e as experiências destes profissionais tornam possível o aprofundamento das discussões sobre as conquistas sociais, a participação popular nas decisões e novos rumos que a sociedade poderá ter. São professores de História e do curso de Ciências Sociais que lecionam atualmente no ensino fundamental e médio nas cidades de Sobral, Cariré e Fortaleza. Podemos perceber em suas narrativas análises e curiosidades dos estudantes a respeito dos anos de ditadura civil militar no tocante à presença da juventude, a participação das mulheres, as lutas clandestinas, as torturas e as documentações e registros dessas práticas inaceitáveis, enfim, há muito o que se conversar e fortalecer o diálogo entre as gerações.

OS OLHARES PARA O ALTAR

GISELE OLIVEIRA DE LIMA, INSTITUTO FEDERAL DE
 ALAGOAS, GISELEOLIVEIRADELIMA@GMAIL.COM

O presente trabalho é parte da pesquisa desenvolvida sobre um padre italiano chamado Paulo Tonucci que trabalhou na Bahia durante a ditadura civil-militar. O trabalho busca apresentar as memórias dos membros das Comunidades Eclesiais de Base da periferia de Salvador/BA. Cada memória um olhar, um mundo, uma convicção, uma conclusão, e cada qual tendo suas lembranças em acerto com seu imaginário. As diferentes memórias de Paulo Tonucci, não dirão quem foi ele, apenas são indícios do que ele deixou nas pessoas que o conheceram. Da mesma maneira, este trabalho não tem a pretensão de dizer quem ele foi, mas apenas discutir esse mundo de laços, trabalhos, escolhas, ações, crenças e políticas que Paulo e diversas pessoas compartilharam juntas. Para adentrar nesse mundo particular, foi visitado não apenas as casas de dezenas de pessoas, mas também suas lembranças, suas alegrias, suas lágrimas, suas saudades. Apesar de muitas consonâncias entre si, cada uma deixava suas marcas nas lembranças guardadas sobre Paulo. Os

caminhos destas lembranças se repetem como se estivessem sido traçados, noutras os caminhos são repletos de receios em dizer tudo o que se pensa. Esses encontros, muitas vezes marcados, e desencontros de recordações dão o tom da multiplicidade como Paulo foi visto, concebido, ou criado. Talvez não seja apropriado usar a palavra desencontro de recordação, mas um ou mais tons destoam de outras recordações que se encontram mais pontuadas e tracejadas. Isso não significa que há erros ou acertos, apenas memórias diferentes, umas enfáticas e outras empoeiradas pelo tempo. Nas entrevistas as pessoas eram ouvidas buscando saber como conheceram Paulo e como se desenvolvia as relações nos núcleos de trabalho. Obviamente, que teve entrevistados que o núcleo de relação não se construiu dentro de projetos ou trabalhos, as relações surgiam por empatia ou por parentesco. Não quer dizer que as relações dentro dos projetos ou trabalhos não havia empatia, mas existiam objetivos convergentes que norteavam os encontros e por consequência as memórias. Entre as moradoras de Fazenda Grande, Paulo era citado com grande admiração pelo fato de estar bem próximo à comunidade, por demonstrar uma preocupação com a formação social e política da paróquia. Já entre os membros da Comissão de Justiça e Paz e militantes políticos, eles recordaram a capacidade de Paulo de se relacionar com pessoas de diferentes segmentos sociais. Alguns entrevistados no decorrer dos seus relatos faziam questão de comentar momentos descontraídos para, justamente, mostrar que Paulo não estava preso àquela representação de sobriedade conjugada ao sacerdote. Ele tinha seus momentos descontraídos de contar piada, de tomar sua cachaça antes do almoço, de andar com sandálias rasteiras e sua capanga ao lado, ou almoçar na casa dos paroquianos quebrando formalidades.

PENSADO A ESCRITA DE SI COMO FONTE DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

SIMONE PEREIRA DA SILVA, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF), SYMONEPSILVA@HOTMAIL.COM

Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve discussão acerca da escrita de si de caráter biográfico e genealógico, utilizando-se como base as publicações relacionadas à família Sá Barreto, considerada uma das mais importantes econômica e politicamente da cidade de Barbalha, localizada no Cariri sul cearense. Dentre os livros e textos que tem o propósito de lembrar os feitos e valorizar a ancestralidade de algumas famílias barbalhenses, destaca-se a genealogia publicada em 1998 pela editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitulada "Santo Antonio de Barbalha, sua terra, sua gente: livro 3, a família Sá Barreto" do doutor em Economia Agrícola Yony Sampaio, que iluminará as observações aqui propostas. Nesta obra de 713 páginas constam informações valiosas que propiciarão a apreensão da relevância e os usos que a referida família dá a tais registros, bem como as ligações estabelecidas entre ela e outras no transcorrer dos anos. Ali se pode deparar com várias informações produzidos com a finalidade de evidenciar ou até exaltar a participação da família na formação e desenvolvimento da cidade, garantindo a preservação da memória, da riqueza e do poder político. Nesse sentido, a incessante preocupação em arquivar vestígios da própria história, resulta das pressões e demandas a que todos estamos submetidos. Assim, a discussão teórica sobre o arquivo de si, torna-se de grande utilidade para ajudar-nos a compreender os usos que determinados indivíduos e grupos fazem do seu passado. Todavia, perceber se o autor do arquivo de si prioriza determinado conjunto de informações em detrimento de outro, que os detalhes a que se detém, se há as omissões e manipulações são de substancial valia para compreender quem somos ou mesmo quem são os personagens por nós estudados. A genealogia de Yony Sampaio evidencia a importância de tal arquivo no controle da posteridade e do poderio familiar, mas igualmente da manutenção de privilégios. Ela serve como chave para

a inclusão ou exclusão no sistema social. Estas e outras questões associadas ao valor do arquivo de si, serão abordadas com mais acuidade no artigo proposto.

HISTÓRIA DOS ARQUIVOS ESCOLARES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM PASSADO QUE CONDENA

MARIA DA PENHA DE SOUZA SALGUEIRO, AVM FACULDADE INTEGRADA - FACULDADE CÂNDIDO MENDES, MPSALGUEIRO@YAHOO.COM.BR; JOSÉ MANUEL SALGUEIRO, AVM FACULDADE INTEGRADA – UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES, MPSALGUEIRO@YAHOO.COM.BR

O estudo em andamento objetiva investigar a história dos Arquivos Escolares, das escolas extintas da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ, tornando-a pública e contribuindo para aprimorar o atendimento aos ex-alunos que necessitam de seus documentos. A SEEDUC/RJ reestruturada pelo Decreto nº 44.611/2014, criou a Coordenação de Escolas Extintas - CEEX, a quem compete recolher e gerir o acervo de escolas extintas públicas e privadas de Educação Básica e Profissional, autenticar e emitir documentos escolares de seus egressos. Historicamente, o atendimento a esta demanda levava anos, dificultando aos alunos conseguir emprego, dar continuidade aos estudos ou obter diploma do curso superior, dentre outros problemas. Neste sentido, merecem destaque a grande circulação de documentos falsos em nosso Estado, tendo como base essas escolas e o esforço que a SEEDUC/RJ vem fazendo para minimizar esse problema, a partir do trabalho de verificação da autenticidade dos mesmos. Além disso, arquivos escolares são fontes de informações historiográficas importantes ao estudo do cotidiano escolar, das práticas pedagógicas, da história da instituição e de todas os indivíduos que dela fizeram parte. Instigada por este cenário assustador, a autora, recém chegada ao setor, buscou nas publicações da própria SEEDUC/RJ e em trabalhos acadêmicos, dados que esclarecessem essa problemática. Sem lograr êxito, optou então por investigar as possíveis causas, partindo de relatos dos servidores que, direta ou indiretamente, trabalharam com os arquivos escolares, desde a fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro. Adotando uma pesquisa qualitativa, optou-se pelo Estudo de Caso, utilizando como instrumento de coleta de dados a História Oral, evocando acontecimentos históricos da SEEDUC/RJ na memória dos entrevistados, na tentativa de responder indagações sobre o presente dando-lhes publicidade, na expectativa de oportunizar aos servidores atuais, subsídios para melhorar o atendimento e assim evitar que recorram à Justiça, para fazer valer um direito adquirido. Paralelamente analisou-se as Normas Educacionais pertinentes e as rotinas de atendimento, desde seu início até a expedição da Certidão de Conclusão de Estudos. Os primeiros resultados dão conta de que não houve planejamento para a fusão dos Arquivos Escolares dos dois Estados; não existia um local próprio para a sua guarda e as constantes mudanças resultaram em perda de documentos e descontinuidade do trabalho. Atualmente identificamos avanços significativos na gestão do acervo das Escolas Extintas, materializando um esforço conjunto para tentar resolver esse problema.

ENTRE HISTÓRIA E SENTIMENTOS: MEMÓRIAS DA ANTIGA CADEIA PÚBLICA DO CRATO/CE (1950 – 2016)

ROSANGELA LAURENTINO BRITO, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, ROSYBRITO92@GMAIL.COM

Este trabalho pretende compreender a construção das memórias sobre a Cadeia Pública do Crato. Usando a metodologia da História Oral, partimos das narrativas dos cratenses que viveram experiências na, e sobre os acontecimentos da cadeia pública do Crato a partir da década de 1950, que é o período que conseguimos obter informações de quem vivenciou

alguns episódios da época, até 2016. Em um artigo publicado por o arquiteto e escritor Waldemar Arraes de Farias Filho, no dia vinte e oito de junho de dois mil e treze, na revista "A Província", o autor conta que o prédio que abrigou a ACPC (Antiga Cadeia Pública do Crato) por volta dos anos de 1816 até 1972, foi construído ao longo do século XIX por verbas governamentais, pensado exclusivamente para empregar os flagelados da seca de mil oitocentos e dezesseis, ele fala que naquele período, Casas de Câmara e Cadeia eram um símbolo de poder administrativo das cidades. A ACPC era uma das maiores cadeias da província do Ceará na época. Buscaremos analisar as memórias sobre a violência e o cotidiano dos presos e seus reflexos na cidade do Crato da época, presentes nas narrativas dos entrevistados, observando seus sentimentos e ressentimentos contidos nos seus discursos. Os entrevistados dessa pesquisa nos surpreendem com a mistura de sentimentos presentes no decorrer de suas falas, o humor, a ironia, as fantasias, o medo, a lamentação, a esperança, a falta, o arrependimento, e tantos outros se misturam em uma mesma história e nos impressionam pela naturalidade, velocidade e conexões correntes nas narrativas. A memória dessas pessoas trazidas nos relatos orais nos dá outro ângulo de visão do tempo presente e nos oferece a contestação da história construída por outros meios, ganhando percepções e sentidos que a narrativa oral nos traz, ressignificando a História. A memória conta o que de importante marcou a vida naquele momento de forma única para cada indivíduo, mesmo que essa memória seja falha, trará sempre a particularidade de quem conta.

REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE O TRABALHO DE HISTÓRIA ORAL COM MOVIMENTOS SOCIAIS: PRÁTICAS DE HISTÓRIA PÚBLICA

JUNIELE RABÊLO DE ALMEIDA, UFF, JUNIELERABELO@GMAIL.COM

As práticas de história oral, no horizonte dos saberes dos movimentos sociais, reverberam interpretações dialógicas para construção da história pública. Aspectos dos debates públicos, expressos entre os valores e ações dos movimentos sociais, podem ser observados em narrativas orais. Buscamos problematizar, especificamente, as práticas de história pública relacionadas aos trabalhos de história oral com integrantes de movimentos sociais. Procuramos perceber o trabalho de memória realizado pelos próprios movimentos e, ao mesmo tempo, o papel de pesquisadores com formação em história oral. É possível estabelecer diálogos entre o saber acadêmico e o trabalho de memória dos participantes de movimentos sociais ao dimensionar, a partir dos procedimentos da história oral, as reflexões sobre a função social da história, os debates públicos e os diversos interesses para promoção das políticas públicas. Acervos de história oral, contendo entrevistas com lideranças e integrantes de movimentos sociais, permitem mapear, por meio das trajetórias de vida e dos estudos temáticos, as representações e práticas desses "sujeitos coletivos" – referentes ao trabalho de base, aos debates partidários, a organização interna e as estratégias de ação. As reflexões emergem das nossas experiências na construção de acervos de história oral com movimentos sociais e consequente análise das narrativas produzidas a partir das entrevistas. Acreditamos que as percepções teórico-metodológicas decorrentes das singularidades das nossas pesquisas podem ser compreendidas, também, em outros trabalhos que se configuram no entrecruzamento história pública, história oral e movimento social. Ao estabelecer pontes entre o saber acadêmico e os saberes não científicos, o trabalho de história oral estimulou a participação dos entrevistados (pertencentes aos movimentos sociais) no espaço universitário – e vice-versa. Vivenciamos a coprodução do saber histórico problematizado, principalmente ao negociar as necessidades desses coletivos em um espaço de compartilhamento. O processo de construção das entrevistas, a partir das negociações entre entrevistador e

entrevistado, possibilita a criação de fontes que expressaram as dimensões subjetivas dos movimentos sociais nos processos históricos; representações que os integrantes dos movimentos constroem em seu exercício de memória. As narrativas, resultantes dessas entrevistas de história oral, indicaram diferentes posicionamentos sobre o processo de construção e consolidação dos movimentos – no que se refere às oportunidades políticas para as ações coletivas e às dimensões estratégicas e simbólicas para a legitimação de diferentes sistemas de valores sociopolíticos dentro de cada grupo. Nesses trabalhos de história oral negociamos o acesso aos acervos dos movimentos sociais (documentação avulsa ou catalogada) e aos acervos pessoais dos entrevistados.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR SAGRADO

TATIANA OLEGÁRIO DA SILVA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA), TATIANAOLEGARIO12@GMAIL.COM

Esta pesquisa objetiva discutir a influência dos meios de comunicação na construção das memórias sobre o culto religioso à jovem Benigna, que aos seus recém-completados 13 anos foi brutalmente assassinada no dia 24 de outubro de 1941, após recusar ter relações sexuais com um amigo de classe chamado Raul, este por sua vez, inconformado com sua recusa, aborda-a quando a mesma vai pegar água em um poço, ela não cedendo às propostas do rapaz é atingida por este a golpes de facão, tendo sua cabeça decepada. Esse fato ocorreu no Sítio Oiti, hoje denominado de Inhumas, zona rural da cidade de Santana do Cariri/CE, um espaço pertencente à Chapada do Araripe. Conforme a tradição oral dos devotos de Benigna, por ter sido assassinada para proteger sua castidade, segundo manda as leis divinas, é tida por todos como "santa" e "Heroína da Castidade", sendo comparada com outros mártires da Igreja Católica. Desde 2004, acontecem romarias ao local de sua morte. Partindo desse pressuposto, há uma divulgação intensa na região sobre os festejos designados à Benigna, nos quais a prefeitura e a Igreja local publicam nas redes sociais, Blogs, página no Facebook, contando também com informes nas rádios locais e em programas televisivos da região, ocorrendo geralmente no seu período de romarias, com intuito de divulgar de forma mais abrangente e gerar uma maior visibilidade não somente em seus dias de festejo, mas em outras datas comemorativas da cidade. Um dos resultados dessa repercussão midiática, é a peregrinação ao local, onde devotos de todas as regiões do país vem em busca da cura de enfermidades tanto físicas, quanto espirituais, acreditando que por estarem em um local tido como sagrado, irão alcançar suas graças. Neste entendimento, questionamos: Qual a importância da mídia para a representação que a figura de Benigna tem para com os seus devotos? qual o interesse da Igreja Católica em divulgar seus supostos milagres e graças através das mídias sociais? Utilizamos para a elaboração desse trabalho o blog "jovem benigna oficial" e alguns programas da rádio local, recorrendo também a metodologia da história oral através de entrevistas com os devotos, objetivando uma análise mais ampla sobre essa devoção.

BATORÉ: DA SÉ AO CASARÃO

JAMILLE PEREIRA ZACCUR, UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, J.ZACCUR@HOTMAIL.COM

O trabalho a seguir busca apresentar a trajetória de vida do atual militante do Movimento dos Trabalhadores sem Teto, Luciano Nascimento, conhecido como Batoré, e através da mesma problematizar o que tange os desafios impostos pela sociedade à indivíduos que, assim como ele, encontraram no crime organizado uma forma de sobrevivência e posteriormente, na resistência, na luta pela moradia e por melhores condições de vida

urbana, viram uma forma de transformar a realidade a qual foram submetidos. Ao longo das entrevistas que foram realizadas para o projeto, o entrevistado narra os meses que passou morando na praça da Sé, como morador de rua no início da sua infância, a detenção na FEBEM, os anos envolvidos com o tráfico de drogas, a detenção pelo regime carcerário normal, o confronto com a polícia militar de São Paulo, a aproximação com o Movimento dos Trabalhadores sem Teto, a partir da ocupação feita pela favela a qual ele comandava com o tráfico de São Paulo, a Ocupação Estaiadinha, a adaptação ao funcionamento de um movimento social e a sua trajetória enquanto militante pela luta por moradia. Assim como podemos observar na narrativa do entrevistado, muitos outros jovens se associam ao tráfico de drogas como única alternativa de ascensão social, o presente trabalho busca problematizar a negligência do Estado e a falta de políticas públicas e sociais para a inclusão desses jovens na sociedade, fazendo isso com o aumento de investimentos na educação integral e também com incentivo à prática de esportes, por exemplo. A escolha pela utilização das fontes orais no presente artigo nos permite o aprofundamento na construção coletiva gerando assim, aproximação do entrevistado com o projeto e a opção pelo trabalho biográfico só foi possível graças à confiança do entrevistado em relatar suas experiências mais íntimas, para alcançar o objetivo do trabalho, que é utilizar a sua trajetória como referência para problematizar as diversas barreiras e desafios que o entrevistado passou, que não são exceções dentro dos grupos aos quais participou e participa até hoje, busquei utilizar sua narrativa de uma forma cuidadosa sempre procurando analisar sua vivência individual e coletiva, separadamente para que assim possamos ter um panorama também da nossa sociedade.

"EU SOU EU E MEU PASSADO": TEMPO E MEMÓRIA EM NARRATIVAS DE MULHERES BRASILEIRAS

RICARDO SANTHIAGO, UNICAMP, RSANTHIAGOC@FCM.UNICAMP.BR

Nesta apresentação, irei discorrer sobre os principais desafios metodológicos na pesquisa que venho desenvolvendo, com apoio do CNPq, intitulada "A mulher brasileira fala, 30 anos depois: Memória, subjetividade, método". Trata-se de uma investigação baseada em novas entrevistas conduzidas com mulheres ouvidas, entre 1981 e 1983, pela pesquisadora americana Daphne Patai e que foram base de seu livro *Brazilian Women Speak: Contemporary Life Stories*. Um dos principais problemas metodológicos que envolvem a coleta de depoimentos (situação na qual a intersubjetividade deixa sua marca, orientando as narrativas das mulheres procuradas) é o fato de as narradoras serem instadas a se relacionar não apenas com seu passado, mas com uma narrativa autobiográfica já estabelecida, que funciona como um influxo determinante na busca por uma coerência narrativa na construção de si.

AS ÁGUAS OCULTAS: A PRÁTICA DA BUSCA POR ÁGUA EM PALESTINA DO CARIRI-CE

PEDRO VICTOR ARAÚJO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-CE, ZYTO.ARAUJO@HOTMAIL.COM; FRANCISCO JUCIE FELIPE DE LACERDA, UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA, JUCIE07@HOTMAIL.COM

Este trabalho tem por finalidade realizar uma explanação sobre o impacto que a falta d'água causa no distrito de Palestina do Cariri, localizado no Município de Mauriti no Ceará onde a população procurou possíveis soluções para lidar com essa situação buscando assim um "profeta do sertão", que por anos passou desprezado por diversos grupos sociais, mas quando houve a necessidade ele ressurgiu e partindo de suas experiências empíricas

e de seus conhecimentos de leitura da natureza contribuiu com suas previsões e a busca por água, pois é a maior dificuldade para a população local e agricultores. Juntamente com a comunidade ambos buscam novas possibilidades de lidar com a seca e para a sobrevivência dos pequenos agricultores que principalmente no ano de 2012 onde houve uma enorme baixa nos açudes e pequenos reservatórios d'água do distrito e que vem se perdurando até os dias atuais, mas nem todos buscamram o saber popular do profeta renegando seus feitos e sua prática. Além desses fatos o trabalho busca transparecer fatos sobre a seca não apenas como fenômeno climático, mas também como ela pode estabelecer relações de exploração de classes e como a "indústria da seca" se mantém ativa causando danos a uma população deixada de lado e que depende dos "profetas" para sobreviver e manter suas pequenas plantações, muitas vezes de subsistência, e criação de animas voltada para alimentação familiar, outro aspecto é a atividade da construção da Transposição do Rio São Francisco que muda a realidade local, além do impacto ambiental e humano ela estabelece uma nova relação com a seca e a exploração dos trabalhadores, pois por conta da falta de água muitos deixaram seus trabalhos e foram ser operários na obra visando à chegada de água do São Francisco à localidade. A Micro-História fornecerá subsídios para a análise das fontes. Esse gênero da historiografia fornece uma redução na escala de observação. Sem deixar de levar em consideração as estruturas estabelecidas pela História Geral, a Micro-História se foca em objetos bem específicos para apresentar novas realidades.

OS PÚBLICOS DA EXPOMORTE: MEMÓRIA E SENSIBILIDADE NA CIDADE DO CRATO-CE.

NÁGILA BATISTA COELHO, URCA - UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, NAGILABATISTACOELHO@HOTMAIL.COM

A finalidade deste estudo é desenvolver uma discussão sobre o senso de passado acerca de uma exposição que acontece no dia dois de novembro, dia de finados, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, na cidade do Crato-CE, situada na região do Cariri cearense. Conhecida como "expo-morte", ela apresenta imagens de mortos conhecidos e desconhecidos do grande público. Usarei depoimentos do idealizador da exposição, para pesquisar sua relação com o espaço do Cemitério, e analisar suas relações com o público. Colherei relatos dos familiares dos mortos expostos nas imagens, bem como dos visitantes e funcionários do cemitério, para assim identificar como as pessoas lidam com essa nova forma de anunciar e cultuar os mortos. Será utilizado depoimentos dos familiares, álbuns de família e depoimentos do idealizador da exposição Roberto de Souza Brito. Taxista conhecido na cidade como "calango", ele fez da exposição uma tradição na cidade e também uma maneira de reverenciar os mortos e lembrar que a morte chega para todos. A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir da análise dos depoimentos feitos com os familiares, visitantes, pessoas que trabalham no local tal como fotografias usadas na exposição que são as "lebrancinhas ou santinhos", que passam todo o dia dois exposto para ser visitado, o retrato é os relatos familiares são maneiras de trazer recordações e sentimentos que muitas vezes estão adormecidos na memória das pessoas, são momentos e lugares que foi parte da vida do falecido, principalmente a importância que tem essas fotos para a recordações dos familiares que estão em busca de lidar com a saudade e até mesmo diminuir a dor de se perder um ente querido onde muitas vezes não deu tempo fazer omenagens ou despedias. Assim a exposição passa a ser uma representação pessoal, sentimental e religiosa, esperada todo ano no Cemitério Nossa Senhora da Piedade.

OS (DES) CAMINHOS DA TORTURA EM NITERÓI: RELATOS OPERÁRIOS

SÉRGIO DE SOUSA MONTALVÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF),SERGIOMONTALVAO@ID.UFF.BR; JOANA D'ARC FERNANDES FERRAZ, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF),JOANADFERRAZ@GMAIL.COM; LUCAS PACHECO CAMPOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ),LUCAS-PCAMOS@HOTMAIL.COM

Os operários da construção naval do Rio de Janeiro viveram um período de muitas conquistas classistas nas décadas de 1950 e 1960, transformando-se, ao mesmo tempo, em um relevante ator político. O entorno da Baía de Guanabara concentrava as maiores empresas públicas e privadas deste setor no país, com destaque para o estaleiro Mauá e as autarquias federais do Lóide e da Costeira. O sindicato da categoria, localizado no bairro do Barreto, em Niterói, congregava nesse momento cerca de 30 mil filiados. Pertencentes aos marítimos, os operários navais participaram da greve nacional de 1953, a partir da qual passaram a confrontar mais diretamente o sindicalismo atrelado às estruturas do Ministério do Trabalho. Com a posse de Irineu José de Souza na direção do sindicato, os operários navais assinaram contratos coletivos que trouxeram melhores condições de vida no trabalho, além de adquirirem formas mais eficazes de organização de base. Logo nos primeiros dias após o golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart, os aparatos de repressão se voltaram contra os setores mais reivindicativos dessa fração do operariado, apoiados em uma amplamente divulgada retórica anticomunista. A comunicação irá apresentar os (des) caminhos a que foram obrigados a seguir alguns dos participantes desse sindicato, ainda no mês de abril de 1964, quando percorreram locais de identificação, interrogatório, reclusão e tortura. O objetivo da pesquisa é mostrar que o golpe criou, imediatamente, as condições necessárias para uma maciça intervenção no mundo trabalhista e sindical, desfazendo formas de associação e identidade que vinham sendo construídas naquele período. A partir de entrevistas realizadas com antigos operários navais, além dos depoimentos apresentados à Comissão Nacional da Verdade (CNV), a pesquisa pretende pôr em evidência esses “lugares de memória”, a serem reconhecidos pelo conjunto mais amplo da sociedade, em meio a disputas memoriais passadas e presentes, nos termos de uma História Pública. Será uma oportunidade também para se iniciar uma discussão em torno do silêncio ainda encontrado na historiografia sobre a violência inaugural da ditadura.

CEMITÉRIOS DE ANJINHOS: TRADIÇÃO ORAL E HISTÓRIA PÚBLICA

CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA, CJOAQUIMS@YAHOO.COM.BR; FRANCISCA EDIVANIA BARROS GONÇALVES, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA, EDIVANIA.BARROS@HOTMAIL.COM; ALISSON BARBOSA XAVIER, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI- URCA,ALISSON.XAVIER@HOTMAIL.COM

A presente pesquisa pretende compreender o senso de passado construído pelos católicos defensores e protetores dos cemitérios de anjinhos na região do Cariri cearense na contemporaneidade. Ela problematiza as disputas pelas memórias referentes aos enterramentos de crianças não batizadas em espaços sem vigilância, controle ou qualquer acompanhamento por parte dos poderes públicos. A partir dos procedimentos metodológicos da história oral, o trabalho vem sendo desenvolvido mediante o entrecruzamento das fontes orais com os escritos dos memorialistas e folcloristas, cujas produções intelectuais versam sobre os ritos fúnebres do passado e do presente da região do Cariri e do Nordeste brasileiro. Vale ressaltar que a pesquisa vem sendo realizada em consonância com o projeto de iniciação científica intitulado “Cemitérios de Anjinhos: história e tradição oral no Cariri cearense”, financiando pelo Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Regional do Cariri (URCA), e que conta com a atuação de dois

bolsistas. No que diz respeito ao público alcançado, foram selecionados alguns idosos, católicos, residentes nos espaços urbanos e rurais da região, principalmente aqueles moradores das proximidades dos cemitérios de anjinhos. Como primeiros resultados, é possível vislumbrar que os enterramentos de crianças mortas em espaços não oficiais são práticas resultantes das antigas tradições dos sepultamentos dos corpos nas proximidades dos túmulos dos mártires, portanto, nos espaços sagrados. No Brasil, até meados do século XIX, a busca pelo descanso eterno nessas espacialidades justificou a realização dos sepultamentos no interior das igrejas e capelas. A Igreja católica definiu limites socioreligiosos para controlar tal ritual. Judeus, “hereges”, suicidas, homicidas, excomungados e pagãos não detinham o mérito do sepultamento no sagrado. De igual modo, após a proibição dos enterramentos nas igrejas e capelas e a consequente sacralização dos cemitérios, essas restrições foram mantidas nos Campos Santos. Da mesma forma que um adulto, a criança pagã não poderia ser inumada nos cemitérios. Como resultados, surgiram cemitérios dedicados exclusivamente às crianças pagãs, hoje identificadas como anjinhos pagãos. Para os narradores, o passado explica o presente religioso e familiar é usado para justificar a necessidade de defender esses espaços perante as atuais tentativas de destruição operadas pela Igreja, pelos poderes públicos e, outrossim, por alguns dos seus vizinhos descontentes com a existências de pequenas cruzeiras nas beiras das suas moradas.

UM TREM PASSOU NO BAIRRO DA ESTAÇÃO: MEMÓRIA E VIVÊNCIAS COTIDIANAS DE UM BARRAQUEIRO DE SOUSA, PARAIBA (1980 A 1990)

JÉSSICA NAIARA SILVA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, JESSICA.UFCG@GMAIL.COM

Fruto de uma pesquisa em processo de caminhada gradual que enfoca o Bairro da Estação em Sousa (PB) nos anos de 1960 a 2000, o presente trabalho busca dialogar com a história oral pensando a formação de um bairro resultado da passagem do trem. Durante suas atividades inúmeros sujeitos participaram do entrelace de enredos, entre eles o barraqueiro, que, num intervalo e outro, do preparo dos seus temperos viu chegar e sair o trem e presenciou as mudanças espaciais e sociais. Em torno da estação desenvolvia-se um bairro peculiar, que na memória dos transeuntes assistiu a passagem do trem, o bairro modificando-se paulatinamente. A escolha do recorte temporal se deu partindo do pressuposto da decadência da ferrovia, mais específico o trem de passageiros, na perspectiva do Barraqueiro o “seu” Martins. Sendo testemunha dos últimos anos da vida ferroviária ele comercializa até hoje seus produtos na decadente estação. Como fonte primária o uso da história oral se faz essencial nesse trabalho, de suma importância, nos faz transitar pelo passado a partir do acionamento do presente, adentrar a um universo de detalhes e cores que o entrevistado nos permite sentir. Pela oralidade notamos na memória de seus antigos transeuntes a transformação de um bairro que até então nenhum documento, nem sequer iconográfico, havia registrado. Acerca disso Alberti (2010) argumenta que por meio da entrevista temos a possibilidade de experimentar as experiências do outro. A partir daí como hermeneuta interpretar e dar luz a um trabalho. Diante disso temos em mãos um documento riquíssimo, de acordo com ela a concretude do passado vem por meio dessa experiência com as vivências descritas. Com a imagem do presente ocasiona a volta ao passado, Bosi (1994) refere que o corpo reage a tudo isso. Na entrevista com o “seu” Martins percebemos os sentidos do velho bairro que o envolvem. A partir da sua visão do bairro da estação e a ferrovia deteriorando-se pela ação do tempo o que não o faz, de toda forma, ausentar-se do espaço. A memória elabora um tempo em que não havia nem mesmo espaço para que pudesse se sentar no seu banquinho, como estava no momento da entrevista. Instante em que o psicológico movido pelas emoções

de uma época envia estímulos ao cérebro, deixando ser visualizado como um movimento que vem de dentro. O bairro como espaço do público ao mesmo tempo particular, ao passo que se utiliza rotineiramente diante a necessidade como aponta Certeau (2008) adentram-se a um complexo, adequando-se ao cotidiano, sobretudo, refletindo formas de ganho. O trem começa a transitar pelo sertão paraibano no início do século XX, como símbolo de urbanização decorrendo uma maior mobilidade pelo sertão nordestino, atravessa a cidade sousense em 1926. Como, diante tal transformação do espaço o homem permanece naquele lugar tendo tantos outros até mais movimentados para realizar seu trabalho?

AS VEIAS ABERTAS DA MIGRAÇÃO HAITIANA: A FORMAÇÃO DE UM NOVO PROCESSO DE IDENTIDADE, TERRITORIALIZAÇÃO E ENRAIZAMENTO

DENIZE RAMOS FERREIRA, GEPHOM-USP, DENIZERAMOSFERREIRA@OUTLOOK.COM

Nesta pesquisa em andamento, utilizo a Micro-história para compreender e problematizar o processo de migração. A partir das narrativas orais de duas mulheres haitianas, pretendo analisar a utilização do espaço público pelo migrante, como elemento de auto aniquilamento para que ocorra o processo de novo enraizamento. Estudo a biografia de Mary Getalejuste e Juliene Getalejuste, duas irmãs haitianas que vivem hoje na cidade de Nova Odessa, no interior do Estado de São Paulo. Através da utilização da metodologia da História Oral, pretendo compreender o que estrutura o 'desfazimento de si", para tornar-se outro a fim de ser aceito dentro da nova estrutura social. Para tanto, estudos relacionados à migração, cidade, deslocamento espacial e borda social, dentre outros serão desenvolvidos para compreender e analisar esta problemática. A História Pública entrará como elemento permeador para a compreensão de que nas fronteiras entre realidades distintas, como cita Pesci (1999), encontra-se as melhores oportunidades para intercâmbio, aproximação e atração, resultando em espaços adaptáveis à distintas dinâmicas. Ao publicizar a estrutura da migração e suas questões através da mídia, poder-se-á inter-relacionar as diferenças em prol de uma relação mais humanitária em relação ao sujeito que está em uma fase de grande de fragmentação tanto como indivíduo como sujeito social. Para analisar esta migração, que especificamente o Brasil vem vivendo a partir de 2000, procurei estudar alguns conceitos, como o público e privado, territorialidade, identidade dentre outros. O território público é uma área instável devido à sua pluridimensionalidade, o que muitas vezes provoca conflito entre o espaço público e o público que o utiliza ou se estabelece nesta dimensão. Na área urbana, tais dimensões se apresentam de diversas formas, com áreas que se auto segregam, através de suas estruturas criadas para auto proteção a fim de preservarem a territorialização e a legitimidade da permanência neste espaço e áreas que são segregadas e efetivamente marginalizadas por terem tantas diferenças da cidade central, que criam uma cidade deslocada, e por tal questão, acabam recebendo os que buscam o enraizamento da sua identidade em uma nova territorialização, já que a diversidade dos sistemas simbólicos nestas áreas de borda social, na qual o sistema pode entrar em crise por ter que estabelecer relações com outras territorialidades e identidade, é extremamente flexível, pois sua construção é permanente. A desterritorialização que pretendo abordar é a que vem como consequência da migração, que carrega dentro de si o não pertencimento, provisoriamente, a um determinado espaço geográfico.

O USO DE UMA NARRATIVA HISTÓRICA COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA LITERATURA DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

LÍNIK SUED CARVALHO DA MOTA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, LSCARVALHO160@GMAIL.COM

O presente projeto se encontra em estado avançado de pesquisa e busca investigar as representações de eventos históricos elaboradas pelas Testemunhas de Jeová com fim de construir uma identidade coletiva com a qual todos os seus membros possam se identificar. Nesse sentido, é uma investigação sobre um tipo específico de história pública produzida sob influência de um grupo religioso que possui interpretações próprias da história e as difundem através de sua editora. Baseados nessa interpretação contata-se um processo de construção de sentido sobre os acontecimentos históricos. Com esse trabalho procuro analisar como se dá esse processo e seus usos, que tem como público tanto os seguidores dessa doutrina, como pessoas de fora. A pesquisa se justifica devido a escassez de material produzido acerca das Testemunhas de Jeová, um grupo mundialmente conhecido e presente na região do Cariri, sendo que essa característica coletiva que possuem, a saber, um pensamento histórico próprio, como representações do período de decadência do Império Romano ou do reinado do Imperador Constantino, abre grande possibilidade para a reflexão acerca das apropriações, produções e usos do pensamento histórico fora da academia e, nesse caso, por um grupo religioso. O recorte temporal da pesquisa é a produção literária feita entre 1990 e 2014. As fontes utilizadas são os livros produzidos pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, a editora e distribuidora do grupo, especificamente os "Testemunhas de Jeová, Proclamadores do Reino de Deus" (1993), "O Homem em Busca de Deus" (1990) e um artigo da revista publicada mundialmente pelas Testemunhas de Jeová mensalmente, "A sentinela" (2014, vol. 135, nº 2). Para tratar das fontes conto com o aporte teórico de BARROS (2011), CERTEAU (1982), JENKINS (2001), HOBBSAWM (2014) e RÜSEN (1996), os estudos dos autores acerca da narrativa histórica e da relevância da História como forma de construção da identidade de coletividades me foram de grande auxílio na análise das fontes e na delimitação do campo de pesquisa histórica ao qual o trabalho se encaixa.

GT 09 - História pública e usos do passado

Dia 29, terça-feira, das 14h às 18h

Dia 30, quarta-feira, das 14h às 18h

Coordenação: Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez, Arthur Lima de Ávila

A "HISTÓRIA PÚBLICA" E A ESCRAVIDÃO NAS CRÔNICAS DE JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

ROBERTO DA SILVA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
- URCA, ROBERTOSILVA-CE@HOTMAIL.COM

Esse artigo tem como objetivo abordar a escravidão nas crônicas machadianas publicadas na Gazeta de Notícias. Essas narrativas ficcionais foram escritas e publicadas por Joaquim Maria Machado de Assis comprometido com a problemática escravista. Com essa prática, tornou-se um literato com verve de "ironia" crítica em contar história por meio da literatura de crônica. Essa experiência implica a preocupação juvenil dele em publicar os próprios escritos para um "leitorado" maior. Porém, a realidade brasileira, "na primeira metade do século 19", era outra, recaindo com outros escritores, no "desconhecimento generalizado" "da situação do país e das condições concretas para a produção e circulação de bens culturais". As atitudes literárias desse "Bruxo do Cosme Velho" podem ser estudadas na crítica literária contemporânea em relação com a história. Na produção crítica, podem ser levados em conta alguns problemas sobre sua própria formação intelectual, envolvendo, ademais, a "produção", "distribuição" e "consumo" das obras dele pelos leitores. A problemática sobre a escravidão nas crônicas de Machado de Assis estar interligada com esses elementos literários. E, em função desses condicionamentos, ele publicou três crônicas, no final do século XIX, na Gazeta de Notícias, as quais são analisadas nessa pesquisa. Nesse ensaio científico, há diálogo com a "História pública". Esse conceito está relacionado com os usos práticos do conhecimento histórico por diversos meios de conhecimento, podendo incluir, no caso machadiano, a crônica no jornal, marcada por experiências históricas. Essa circunstância se constitui nas atuações de Machado de Assis nessas produções intelectuais sobre a escravidão. Assim, a crônica é uma narrativa da qual o escritor se valeu para analisar, de forma literária, sobre as condições sociais dos escravos e escravas. Esse tecido literário instiga reflexões profundas e filosóficas dentro do parâmetro da complexificação advinda dos "procedimentos" intertextuais, sempre permeados pelo social e pela "tradição literária" em termos de "paródia" literária.

A CONSTRUÇÃO DE UM SENSO DE COMUNIDADE NA ESCRITA DE NICODEMOS ARAÚJO

GLEICIANE MARIA SILVEIRA E FREITAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, GLEICIANE_FREITAS10@HOTMAIL.COM

A comunicação em questão tem como proposta apresentar os encaminhamentos da

dissertação de mestrado em História e Culturas intitulada 'A construção de um senso de comunidade na escrita de Nicodemos Araújo'. A discussão gira em torno das obras do belacruzense Nicodemos Araújo, memorialista responsável por grande parte da produção historiográfica dos municípios do Baixo Acaraú (Norte do Estado do Ceará) O autor permanece vivo em um conjunto de práticas, lugares e representações que legitimam a ele e a sua visão sobre o passado. Objetiva-se discutir como o autor constrói em sua escrita um projeto de identidade local/regional entre os municípios sobre os quais escreve projetando entre eles um senso de comunidade. Três questões direcionam nosso olhar: os usos da noção de progresso, a fundamental presença da igreja católica para o desenvolvimento das cidades e a constante referência aos ilustres filhos da terra, pontos recorrentes em todas as obras selecionadas. Nicodemos Araújo privilegia em sua escrita a noção de progresso. Estabelece-o como meta a ser alcançada por todas as cidades sobre as quais escreve. A população deve se unir, entender-se como comunidade, empreender determinadas ações para alcançá-lo. Os livros trazem também longos capítulos dedicados à vida religiosa e parece existir uma relação estabelecida pelo memorialista entre a presença da igreja católica e o desenvolvimento dos municípios. Frases do tipo: "a religião do Calvário triunfou da selvageria, e dessa data em diante, desenvolveu-se a vida, de paz e progresso do município" (ARAÚJO, 1984.p. 12) são constantes nas obras. Outra presença marcante, perceptível num simples folhear das páginas, são as fotografias dos chamados "homens ilustres". Em algumas obras são encontrados títulos como: "Viveiro de homens ilustres". Nicodemos Araújo organiza estas questões num conjunto de produção de sentidos que definem o que é ser cruzense, almofalense, belacruzenso, santanense, acarauense. Nosso recorte temporal compreende parte do século XX, pois analisamos as obras de sua autoria que apresentam narrativas memorialísticas sobre as cidades do baixo Acaraú escritas no período de 1940 a 1990. A primeira, O município de Acaraú, é datada de 1940, depois dela temos: Bela Cruz – de prédio rústico a cidade, de 1967, O município de Acaraú, de 1971, Almofala e os Tremembé, de 1981, Santana do Acaraú, de 1985, Município de Bela Cruz, de 1987, Jericoacoara, de 1987 e por último O município de Cruz, de 1990. Tais obras destacam-se entre os primeiros registros históricos desses municípios, sendo em alguns deles os únicos do período pós-emancipação.

PINTO MADEIRA E A INVENÇÃO DO PASSADO CEARENSE

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ,REGINALDOCIDADE2016@GMAIL.COM

Em 28 de novembro de 1834, Joaquim Pinto Madeira, senhor de terras, antigo coronel de milícia e comandante geral das vilas do Crato e Jardim, no Ceará, foi fuzilado como punição pelo assassinato de Joaquim Pinto Cidade. Entre a data de julgamento e execução da pena passaram-se apenas dois dias. O citado crime foi cometido em meio de uma das mais célebres rebeliões que ocorreu no Ceará do século XIX: a, assim chamada Guerra de Pinto Madeira, se deu na forma de combates dramáticos entre as forças oficiais e o exército de aproximadamente três mil sertanejos, resultando em milhares de mortos na província do Ceará entre fins de 1831, até meados de 1832. Um acontecimento que foi, a época, narrado pelos jornais de praticamente todo o Brasil como um ataque direto a Regência e para restituir o trono de Pedro I, que por sua vez havia abdicado em abril de 1831. Sendo por tanto este o discurso que passou para a história em narrativas produzidas tanto por memorialistas, como por historiadores de todo o país. Todavia, em sua época, esta organização discursiva sobre Pinto Madeira, organizada e difundida pela imprensa liberal de todo o império, a partir do relato de inimigos pessoais do potentado do Cariri, no Ceará, almejava antes de tudo associar, de forma acusatória, o levante daquele potentado do sertão do Ceará, com o projeto político nacional dos caramurus, que então defendiam a

restituição do primeiro imperador. Portanto, o discurso sobre o conflito no sertão cearense de 1832, foi construído não propriamente com a finalidade de entender os acontecimentos e causas deste espaço de disputa de poder, mas antes, como uma acusação dos adversários de Pinto Madeira na província, e uma propaganda de combate aos caramurus na imprensa liberal da Corte. Interpretação esta que foi constantemente reproduzida e pouquíssimamente questionada. Em nossa proposta de análise, no entanto, mergulhamos mais fundo nas relações estabelecidas entre Pinto Madeira e os agentes da formação e afirmação do Estado e governo brasileiro na província do Ceará, identificando tanto as alianças estabelecidas por aquele senhor de terras do Cariri, bem como suas desavenças com outras casas senhoriais, para então confrontamos as diferentes narrativas sobre o tema. Uma abordagem que possibilita revisar tanto o recorte temporal do que comumente se afirma o tempo de acontecimento da chamada Rebelião, assim como a causa da mesma. Inserindo o conflito do Cariri cearense, no contexto de formação e afirmação dos partidos ou grupos políticos durante o Império, bem como no projeto liberal de se constituir um discurso nacional, aliado às lutas locais por espaço de poder entre parentelas dos sertões cearense dos oitocentos.

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM TORNO DO FENÔMENO PARNAÍBA

JOSEFA NUNES PINHEIRO, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, KACILDANUNES@UOL.COM.BR

Trata-se de um estudo biográfico que procura identificar e reconstruir os nexos simbólicos que tornam possível a constituição dos sentidos em torno das construções discursivas que aludem ao fenômeno Parnaíba. No município de Baixio no sertão do Ceará, em fins da era do algodão, era a chegada do trem que anunciava o porvir, e quando se ouvia o apito do trem as pessoas iam para a calçada olhar a multidão descendo na estação, se atropelando, rumo a ladeira de Parnaíba. Todos os dias chegavam dezenas de pessoas a cavalo, a pé e de trem, para serem atendidas por ele. Suas roupas finas, seu jaleco, o cabelo sempre arrumado, e perfume eram suas marcas. Até a entonação de sua voz era diferente e causava um impacto naquela audiência em sua maioria composta de ciganos, pequenos comerciantes e trabalhadores rurais que viajavam no trem até o Baixio em busca de um alívio para seus sofrimentos físicos e/ou mentais. Parnaíba, no entanto era um prático, além das consultas em que receitava fármacos, ele também manipulava plantas, atuava com a imposição das mãos, hipnose e fazia partos. Esse fenômeno que arrastava multidões de seguidores era construído sobre uma encenação de si, uma performance. O Baixio à época era um município próspero que concentrava um comércio de algodão favorecido pela passagem da estrada de ferro, a memória de uma vivência industrial e o desejo de retomá-la. O horizonte cultural da modernidade passava pela linha do trem, pela sala de projeção de cinema, pelo Serviço Radiofônico, que convidava a patota legal da linha a viver enquanto a luz estava acesa. Nesse cenário buscou-se compreender como as construções discursivas estruturadas para explicar as experiências temporais pautadas nas idéias de progresso e modernidade daquele lugar responderam a esse novo fenômeno marcado por símbolos tão diversos e associados à cultura popular e ao misticismo? Em que sentido essa performance da construção da identidade de Parnaíba dialogava com o tempo vivido com as percepções acerca do saber expresso?

CITICISMO RELIGIOSO- ANJINHOS SERAFIM: A GÊNESE DA PRÁTICA

ANA VIVIANE LUCENA VIEIRA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO
CARIRI- URCA, ANAVIVIANELVIEIRA@GMAIL.COM

O presente trabalho pretende fazer uma análise de um estudo de caso: a construção de um

espaço para o sepultamento de crianças recém-nascidas, que por motivos de cunho sociais e religiosos não podiam ser enterradas em cemitérios convencionais. Principalmente pelo fato de serem crianças pagãs ou fetos que foram abortados. Para a igreja católica, esses hereges iriam “perturbar” a alma dos cristãos mortos, e tirar o “sossego” dos vivos. A partir desta afirmativa, pretendo fazer uma análise temporal, partindo da gênese desta prática, respondendo o porque e como aconteceram as primeiras práticas, quais os motivos que lavaram a escolha específica do lugar, levantando problemáticas como por exemplo qual foi a media de tempo que este cemitério permaneceu ativo. Quais as praticas, que envolviam ou envolvem esses espaços. Especificamente procuro entender como a comunidade em geral mantém relações com o local, transformando-o de tempos em tempos em um lugar de memória e de veneração religiosa. Abordando principalmente o conceito de símbolos: signos, atos, objetos, figuras intelectuais e ou representações coletivas segundo a linha de pensamento de Roger Chartier que está inserido na historia cultural. Por fim entender o motivo pelo qual não se utilizam mais esse espaço para o sepultamento dessas crianças. Quais os motivos que envolvem o fim desta pratica. Utilizarei a historia oral como uma ferramenta e fonte para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Sobre o enfoque da história cultural, fazendo uma ponte com o conceito de praticas, segundo Pierre Bourdieu, pretendo em linhas gerais fazer uma análise de um exercício muito comum, todavia por muito foi ocultado principalmente por motivos sociais e religiosos, em uma comunidade do cariri cearense, entre as décadas de 80 e 90, período de funcionamento do cemitério, até os dias atuais, sobre a hipótese de que ainda é feita a conservação do local por meio de praticas culturais e religiosas da comunidade em que se encere este cemitério.

A FESTA DA BAIXA RASA EM CRATO/CE: USOS DA MEMÓRIA NO SÉCULO XXI

ANA CRISTINA DE SALES, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
- URCA, CRISTINA_HI_STORIA@HOTMAIL.COM

O texto faz uma reflexão dos temas Memória Social e Festas Religiosas, discutindo e problematizando os usos da memória no século XXI, tendo como objeto de estudo o culto religioso à Cruz da Baixa Rasa, localizada na Floresta Nacional do Araripe - FLONA, zona rural do Município de Crato, no Sul do Ceará. O mito fundador da festa religiosa em questão, se constitui a partir da origem da morte de um homem que teria se perdido no mato em meio à floresta, com seu cavalo e um cachorro a procura de uma boiada. Acontecimento que teria ocorrido no final do século XIX, foi responsável por despertar na população do Cariri cearense múltiplas sensibilidades, que deram origem à crença de que o morto passara a realizar milagres, havendo narrativas que retroagem ao ano de 1914 como marco do alcance de graças por parte dos fiéis. Estabelece-se em tal caso uma tradição na forma de um culto e, desde então, os devotos passaram a celebrar o monumento erigido no local e a realizar homenagens póstumas todo dia 25 de janeiro, alimentando um ciclo de romarias naquele espaço. Para o trabalho, selecionamos os indivíduos que participam da romaria, neste entendimento, citamos: os vaqueiros, algumas autoridades políticas, os vendedores ambulantes, os proprietários rurais, os Padres que celebram as missas no dia do evento e os devotos da Cruz da Baixa Rasa, base que nos permitiu construir nosso acervo de fontes para subsidiar as compreensões a que chegamos dos usos da memória. Desse modo, os diferentes usos das memórias sobre a festa religiosa da Cruz da Baixa Rasa, bem como, as tensões sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas produzem conhecimentos sobre os modos pelos quais a memória assume papel de destaque nas afirmações de grupos em disputas e como o passado é usado e legitimado no presente. Pensar e problematizar essas memórias, significa refletir sobre o direito de “ser outro”, emerge o trabalho crítico para se compreender que as lembranças se constituem em tensões sociais, em situações ligadas aos conflitos de valores e perspectivas. Assim, no século XXI, os diferentes usos da

memória sobre a festa religiosa analisada, envolvem além dos devotos, do turismo cultural, dos padres, dos vendedores ambulantes e dos políticos, os fazendeiros que confeccionam camisas para fazer propagandas de suas respectivas fazendas. Neste entendimento, percebe-se que muitos dos sujeitos compartilham da festividade religiosa e aproveitam a oportunidade para delinear e tecer relações, sejam elas com o santo intercessor, com os eleitores e/ou candidatos, com os clientes, enfim, têm um celeiro de possibilidades para questionarmos os usos mnemônicos sobre a festa.

A LUTA DA ESQUERDA ARMADA NO CEARÁ DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR

JOSÉ AIRTON DE FARIAS, DINTER UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI-
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, AIRTONDEFARIAS@YAHOO.COM.BR

Diante uma historiografia que centrou a atenção da luta armada das esquerdas no sudeste brasileiro, surgem produções sobre o tema em outros locais do País. No Ceará, foi comum a visão de que a Ditadura fora “branda”, sem maiores violências, não existindo, por outro lado, ações de grupos armados. No máximo, teriam acontecido algumas poucas ações terroristas feitas por pessoas vindas de fora. Nossa pesquisa buscou mostrar que a Ditadura não foi tão branda, havendo torturas e vítimas fatais. Centramos a atenção na luta armada no estado, na qual se destacaram militantes da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). O PCdoB, influente no meio estudantil, atuou no recrutamento e treinamento de militantes visando à futura guerrilha do Araguaia. Afora o contexto nacional e internacional, tão abordado pela historiografia nacional, entendemos que no Ceará uma tradição de violência política, tradição em que estava inserida também a esquerda local. Assim, a luta armadas das esquerdas não estava longe do jeito de “fazer política” no estado. No geral, os militantes da guerrilha atuantes no Ceará eram jovens, de idade inferior a 25 anos, pertencentes à classe média intelectualizada, estudantes, sobretudo, do sexo masculino. Trata-se de alguns aspectos do cotidiano dos militantes, como seu pouco preparo para a luta armada, o planejamento e realizações de suas ações e as “quedas” (prisões). Eram, em sua maioria, cearenses natos, os quais procuraram os agrupamentos armados para trazer a revolução também para a “Terra da Luz”. O texto também aborda algumas das ações da esquerda local, com destaque para o ruidoso “caso de São Benedito”, em 1970, quando a ALN “justiciou” um comerciante naquela cidade cearense, acusando de delatar os militantes à repressão. A partir daí, começaram as prisões dos guerrilheiros, submetidos a torturas e condenados a longas penas. O “caso de São Benedito” se tornou um trauma para as esquerdas locais, ainda hoje repercutindo e apresentando várias versões em embates de memórias.

O HUMOR COMO DIMENSÃO DO DISCURSO POLÍTICO. CEARÁ (1916-1930)

EDUARDO LÚCIO GUILHERME AMARAL, INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ (IFCE), EDUARDOLUCIO@IFCE.EDU.BR

Este artigo procura discutir a relevância do humorismo como dimensão fundamental do discurso político. Para tal, lança mão das “Cartas a Cunceição”, coluna humorística de Deolindo Barreto, publicada no jornal A Lucta de Sobral (CE) entre os anos de 1919 e 1923. A partir dessas colunas, discutem-se os espaços de transação política entre eleitor e chefes políticos no Ceará no período em questão. O objetivo do artigo é revelar as situações do cotidiano, encobertas pelo humorismo, da vida política cearense. Por intermédio do humor, é possível ver a política sob um novo ângulo: principalmente aquele desvinculado da ideia do sério e do formal que tanto marcaram o compromisso político e todas as suas representações. Subversivo ao extremo, Deolindo Barreto ousou

enfrentar os “donos do poder”, ridicularizando as convenções de que tanto se valeram. Ao mesmo tempo, explora o universo complexo do eleitor “matuto” no que diz respeito as suas relações políticas: à sua inteligência peculiar, aos seus métodos de convencimento e estratégias de sobrevivências num mundo marcado por ambiguidades. O artigo visa a revelar aspectos insuspeitos acerca da relação entre eleitor e candidato, acerca da validação das estratégias de vinculação e fidelidade. Na medida em que a historiografia tradicional pouca relevância concede ao eleitor, à sua margem de ação, este artigo quer revelar as formas pouco usuais mediante as quais o eleitor “matuto” alcança alguma relevância no debate público e no processo de formação das lideranças políticas. Longe de ser uma vítima do “voto de cabresto”, o eleitor “matuto” encontra alternativas para impor a sua vontade no plano político, por intermédio do transacionamento dos favores, lógica irremediável do mercadejamento do voto. Assim, tal escrito quer colocar-se no desvendamento das lógicas subjacentes ao processo político da república velha, tão estigmatizada como infensa à decisão do eleitor. Mas, somente pelo humorismo, é que tais questões podem vir à tona, livrando-se dos estigmas tradicionais da análise histórica e recolocando a relação política entre eleitor e candidato em novas bases.

EDUCAÇÃO, INTERVENÇÃO PÚBLICA E RELIGIOSIDADE NO BRASIL DOS OITOCENTOS: AS CASAS DE CARIDADE DO PADRE IBIAPINA

NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG), NOEMIA_OLIVEIRA@HOTMAIL.COM

As Casas de Caridade do Padre Ibiapina foram instituições públicas que intervieram na sociedade do Nordeste do Brasil dos oitocentos, através da educação direcionada a meninas pobres e órfãs. Essas instituições tiveram fundamental importância para a dinâmica socioeconômica das regiões em que estiveram localizadas, devido o seu papel de educar e profissionalizar as mulheres que não dispunham de outro meio de subsistência. As províncias da Parahyba, Pernambuco, Ceará, Piahy e Rio Grande do Norte totalizavam 22 casas de apoio e assistência social aos mais vulneráveis, além de açudes, hospitais, cemitérios e escolas. A ação do Padre Ibiapina nesses espaços representou o ápice de suas obras, cujo método de ensino relacionava o trabalho e a doutrina cristã como ferramenta da emancipação feminina. Após sua morte, as casas se mantiveram com muita dificuldade, sendo a maioria delas destinadas a outros fins públicos que pouco ou nada tinha a ver com a sua intenção inicial. Das poucas casas que se mantiveram, a de Santa Fé/PB é a que mais guarda semelhanças com o seu criador e suas intervenções, provavelmente por ser lá onde ele passou maior parte de sua vida. As Casas de Caridade foram vistas singularmente pela Igreja, uma vez que elas não estavam diretamente ligadas ao controle da Cúria, portanto, não poderiam mediar as ações dos envolvidos e nem o que elas poderiam acarretar na sociedade. Na província do Ceará, por intervenção do bispo Dom Luis Antônio dos Santos, o Padre Ibiapina foi afastado das posses dessas Casas, que foram imediatamente redirecionadas a administração e organização da Igreja Católica. Nesse sentido, objetivamos analisar como se deu o impacto das Casas de Caridade na vida social dos nordestinos, tendo em vista que esses espaços educacionais e de práticas religiosas se diferenciavam das convencionais no Brasil do século XIX. Para tanto, recolhemos documentos que conferem características desses espaços, bem como do público que esteve envolvido em suas dinâmicas. Concluímos que a história das Casas de Caridade representa a ação do Padre Ibiapina frente ao vácuo de políticas governamentais que se estendia pelo Brasil dos oitocentos.

"VERDADEIRO FLAGELO TEM CEIFADO MUITAS VIDAS, QUER PELA FOME, QUER PELA MOLÉSTIA". OS DISCURSOS SOBRE A SECA NA REGIÃO DO CARIRI NO PERÍODO DE 1877-1879

JULIANA DO NASCIMENTO FARIAS, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, JULIANAFARIAS542@GMAIL.COM

O presente trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos sócio-históricos da seca de 1877-1879 na região do Cariri. Primeiramente será feita uma discussão de como essa seca sai da vida privada do cotidiano das pessoas e alcança a esfera pública suscitando novos estudos e até mesmo um novo olhar sobre a sua ocorrência para a sociedade em geral. Tentando perceber como a seca ocorre nesta região, já que, conforme o discurso de intelectuais que versaram sobre o local, foi descrito como uma parte da Província de exuberâncias naturais e de vales férteis e por tais fatores era privilegiada e tida como um zona de refrigério e fuga para a população de outras partes da província. Porém, conforme os Relatórios dos Presidentes da Província do período é possível constatar que houve ocorrência periódicas de fortíssimas estiagens, não caracterizando-se apenas como espaço de refrigério e fuga, mas que também sofreu com episódios de seca e com sua consequências. Outros períodos de estiagens já haviam assolado a região, no entanto vai ser justamente pelo número de perdas, desde materiais até mesmo vidas, que esta vai se destacar suscitando assim medidas paliativas que buscassem atender a população atingida. Visto que a sua ocorrência obrigou muitos sertanejos a deixarem as suas casas e migrarem para outras regiões ou cidades próximas que ofereciam melhores condições de sobrevivência nesse período. Outro aspecto que merece destaque foi à criação de inúmeras frentes de trabalho que sob o slogan: "o trabalho eleva e a esmola acanha", criou formas de não distribuir os auxílios do governo imperial sem antes os flagelados darem a sua contribuição na forma de trabalho em diversas atividades, tais quais: construção de açudes, casas de câmara e cadeia, igrejas e dentre outras obras empreendidas para a época. Portanto nesse trabalho buscarei mostrar como a seca influenciou na vida da população Cearense e principalmente Caririense, não podendo ser analisada somente na perspectiva ambiental, mas como um fator que merece devido destaque pelos inúmeras mudanças históricas, econômicas e sociais provocadas na vida da população e na sociedade em geral. Para mediar esta discussão utilizarei alguns autores como Frederico de Castro Neves, Mike Davis, Simone de Souza que fomentaram discussões sobre a temática em questão e contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa para pensar algumas questões sobre a temática.

PRISÕES PÚBLICAS E DITOS LOUCOS: A CASA DE DETENÇÃO DO RECIFE COMO UM ESPAÇO DE INTERNAMENTO PARA DOENTES MENTAIS NO RECIFE OITOCENTISTA (1860-1865)

ALEXANDRE EVANGELISTA DA SILVA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE CAA), GRAFITICINZA@GMAIL.COM

Este trabalho aborda o recolhimento dos ditos loucos no Recife do século XIX. Para tanto, usamos como referencial teórico as obras "Vigiar e Punir" e "História da Loucura", do filósofo francês Michel Foucault. Os manuscritos da Casa de Detenção do Recife, onde se incluem os ofícios expedidos pelo então diretor desta instituição, Rufino Augusto de Almeida, ao chefe de polícia da província, forneceu-lhe o corpus documental basilar. A documentação primária pesquisada ajuda a resgatar o sujeito dito louco ou alienado, mostra discussões pouco conhecidas no meio acadêmico, mais uma possibilidade de valorizar os materiais armazenados nos arquivos históricos na busca de reencontrar experiências

e resistências. Observamos os considerados loucos transformados em problema pelas autoridades públicas oitocentistas, pois os espaços hospitalares que deveriam recolhê-los nem sempre tinham disponibilidade de vagas e ainda eram incipientes, tinham destino o internamento em espaços para presos comuns na Casa de Detenção do Recife. Mostramos enquanto o sujeito reagia e resistia, por gestos, debates e fúria contra a ordem do sistema prisional, a convivência limitada e vigiada impostas pelas autoridades policiais. Por um lado essa prática gerava dificuldades operacionais, pois os alienados provocavam o aumento da população carcerária, e por outro lado, era ineficaz em melhorar o seu estado de saúde. Uma vez recolhidos à prisão, sem acompanhamento constante do médico, a prática do internamento se restringia ao isolamento mais tempo amarrados nas celas que na enfermaria, carente e pequena, condição depressiva e temerária à vida dele, punha em perigo os demais detentos e guardas que o vigiavam. Identificamos o discurso das autoridades jurídicas sobre os doentes mentais classificados como os piores encarcerados devido as reações, incidentes, também aos gastos desproporcionais, numa realidade perversa resultante no agravamento dos sintomas, as mortes por definhamento e suicídios. Uma prática não-terapêutica, sem efeito de cura e causadora de sofrimentos, fazia a cadeia funcionar como um “depósito de alienados”.

CATÁLOGO DE FONTES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: NOTÍCIAS SOBRE EDUCAÇÃO NA REVISTA A PROVÍNCIA – CARIRI – CEARÁ

FRANCISCA ALICE DE SOUZA GONÇALVES, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, ALICESOUZA1989@BOL.COM.BR; ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI, ZULEIDEFQUIROZ@GMAIL.COM

O estudo realizado se constitui em um catálogo de notícias sobre educação no cariri cearense, como parte de uma pesquisa realizada por alunos de graduação em Pedagogia, durante a Disciplina de História da Educação Brasileira, ofertada no segundo semestre. Os alunos fizeram um levantamento com base nas notícias da Revista A Província, publicada no Crato por intelectuais da região. Nosso objetivo com o artigo é apresentar as notícias sobre a educação escolar e como esta vem se desenvolvendo, tomando como referência o período de 2000 a 2011. A metodologia utilizada se baseou no estudo das notícias publicadas nas revistas. De base qualitativa privilegia a busca de uma historiografia da educação no Cariri cearense. Buscamos mostrar, inicialmente, um pouco dessa história, das instituições escolares da região do Cariri, especificamente a do município do Crato. Procuramos salvaguardar a documentação e as fontes históricas da educação escolar presentes nas notícias e constituir um espaço de produção de conhecimento historiográfico a disposição da comunidade de estudantes, professores e pesquisadores. Foram catalogadas 58 notícias sobre escolas, comemorações, atividades docentes, formação de professores, visitas escolares, formaturas e legislação do ensino. A catalogação de fontes e as contribuições do uso destas na pesquisa histórica é um chamamento à reflexão acerca do imenso campo de possibilidades que temos hoje para a escrita da história, para a qual nosso trabalho tem contribuído com grande riqueza, requerendo da mesma uma interlocução com outras disciplinas das ciências sociais, lançando luz sobre debates a respeito da própria produção das fontes, da relação entre pesquisador e pesquisados e um diálogo entre história e memória, o que, com frequência, tem exigido mudanças profundas nos aspectos conceituais e metodológicos das pesquisas. A História se constrói como resultado de uma atividade intelectual que seleciona registros históricos, possibilitando conhecer as mais variadas contradições do espaço urbano, com as quais, aliás, deparamos cotidianamente, e assim compreender como as pessoas vivenciaram os conflitos cotidianos e como se acomodam ou buscam alternativas de vida. No contexto escolar

o estudo da história a partir do cotidiano da educação escolar pública de um lugar nos permite recuperar, preservar e divulgar a memória destas escolas na região do Cariri.

COLÉGIO MADRE ANA COUTO: A EDUCAÇÃO DIRECIONADA À MOCIDADE FEMININA DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE

ANTONIELE SILVANA DE MELO SOUZA, -, ANTONIELESOUZA@HOTMAIL.COM; ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, ZULEIDEFQUEIROZ@GMAIL.COM

O presente artigo faz uma análise do papel do Colégio Madre Ana Couto, no que concerne o seu percurso histórico-educacional, compreendendo o período de sua fundação (1958) ao ano de encerramento de suas atividades educacionais (1998), destacando, para tanto, a educação direcionada à mocidade feminina carente da região. O estabelecimento de ensino era localizado em Crato, na região do Cariri Cearense, sendo parte integrante da Fundação Padre Ibiapina, entidade sócio-educacional da Diocese do Crato, tinha como princípios basilares o espírito humanitário, cristão – católico e missão comunitário envolvendo ações para um feminino socioeconomicamente desfavorecido. Nesse sentido, o estudo teve por objetivo investigar a formação das educandas e os aspectos referentes à reconstrução do universo feminino da época. A metodologia se baseia na pesquisa qualitativa apoiada nos estudos bibliográficos e documental, pautados em arquivos históricos, documentos escritos, relatórios, livros de matrículas e reuniões, atas, publicações impressa em jornais locais, fotografias pertencentes ao acervo da escola e outras de particulares, além de registros oficiais da instituição supramencionada, que possibilitaram a compreensão da realidade do cotidiano escolar da prática pedagógica e das políticas educativas que marcaram a História da Educação do Brasil. Como referencial teórico utilizamos os estudos de Saviani (2008-2014), Magalhães (1999-2004), Louro (2001), Le Goff (1994), Della Cava (1976), entre outros pesquisadores que forneceram auxílio às ideologias e concepções pedagógicas. Como resultados da pesquisa, encontramos registros de uma instituição escolar para mulheres, que inicialmente, obtinham a formação "Humanista", classificação que discorria as concludentes do Ensino Ginasial. Contemplava ainda, um currículo de formação para professoras primárias, que incidia sobre o modelo de profissionalização feminina da época. Portanto, a educação ofertada no Colégio Madre Ana Couto, desvelava uma dinâmica sócio-cultural-histórico de uma sociedade, permeada, geralmente, pelo Estado, Igreja Católica e grupos sociais de tradição de origem portuguesa, cujas práticas escolares mostravam o papel do feminino em uma sociedade patriarcal.

"REINVENTAR-SE SEMPRE": A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PADRE CASADO NO CEARÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

MARIA ARLEILMA FERREIRA DE SOUSA, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA, ARLEILMASOUSA@HOTMAIL.COM

Na Igreja Católica Romana, ao ser ordenado, o sacerdote recebe o sacramento da ordem e a partir daí não se pode voltar atrás, não existe um ex - padre. O Movimento dos Padres Casados do Brasil se baseia nisso para formular suas propostas. A sua militância é para a aceitação do celibato opcional e para a manutenção do seu exercício sacerdotal. É sobre o Movimento dos Padres Casados do Ceará, a partir da segunda metade do século XX, que trabalhamos nessa pesquisa. O intuito é identificar como esse grupo vivenciou suas novas subjetividades a partir de um novo modelo de construção de identidade: a de padres casados. Além disso, analisamos como se reconhecem enquanto grupo e como partilham essa experiência através dos usos da mídia. Utilizamos como fonte o Jornal Rumos que

é produzido pelo Movimento das Famílias de Padres Casados no Brasil e as narrativas de memória. Para discussão desse tema nos aportamos no campo da história das religiões, dialogamos com os recentes debates da história pública e utilizamos como arcabouço teórico-metodológico a História Oral. As discussões em relação à obrigatoriedade do Celibato religioso vêm sendo a muito tempo debatidas por uma ala liberal do Clero que tem como objetivo a implantação do Celibato opcional e não obrigatório. Tal grupo tem seus maiores expoentes entre os Padres Casados do Brasil. O contexto dos anos de 1960 e 1970 foi protagonizado pela diminuição da influência da Igreja Católica Romana no mundo moderno, esse momento possibilitou a construção de um catolicismo progressista. Suas prerrogativas se destacavam pela busca de implantação do celibato opcional. Os progressistas, apesar de terem ideais inovadores que condiziam com os discursos modernos da época, não conseguiram romper com o modelo de Igreja tradicional adotado pelo Catolicismo Romano. A maioria acabou se desvinculando da Igreja Católica, casando e constituindo família. No Brasil, esse grupo foi responsável pela criação do Movimento dos Padres Casados. Anualmente, promovem um encontro para debater suas questões e utilizam o Jornal Rumos para expor as suas lutas e suas opiniões. Os Padres Casados buscam estabelecer as mudanças implementadas a partir do Concílio Vaticano II. Esses padres estão em constante processo de reinvenção de suas identidades. São sacerdotes casados almejando a implantação de um novo modelo de Igreja.

GREVISTAS/MILITARES VS. GOVERNO: UM PANORAMA HISTÓRICO DA GREVE POLICIAL MILITAR DA BAHIA ENTRE 1981 E 2014

ARETUZA PEREIRA DOS SANTOS, UNEB, ARETUZAP@YAHOO.COM.BR

Nos últimos tempos, considerados o grande número de greves no serviço público e as recorrentes dissenções políticas sobre os seus procedimentos e a sua legitimidade, o grau de tensionamento social e político se amplia bastante quando a categoria em litígio é formada por policiais. Afinal, a Polícia Militar pode ou não pode fazer greve? Suas greves são legítimas ou não? Nossa história contemporânea, desde o limiar do século XXI, tem sido palco significativo de um grande número de protestos, revoltas populares, movimentos reivindicatórios e posicionamentos diversos que caracterizam o processo de resistência e revolta da luta ideológica e política de classes. Assim, a hegemonia nas formações sociais capitalistas é posta à prova nos confrontos entre capital e trabalho, configurando os delineamentos mais gerais dos embates entre ideologia dominante e ideologias dominadas. Todo movimento reivindicatório requer bastante poder de organização, articulação e estratégia. Os métodos utilizados obedecem a regularidades que abarcam, de um lado, passeatas, piquetes, faixas, avenidas interditadas e ocupação de espaços públicos e privados; e, de outro, patrões e representantes estatais comumente negam, reprimem e impedem as reivindicações. Essas ações, que já caracterizam os modos de confrontação entre o capital e o trabalho, têm contribuído para que a submissão econômica seja desestabilizada, haja vista que o lugar do dominado, no caso os trabalhadores explorados pelo modo de produção, sustenta a posição do dominador, a elite capitalista e seu Estado. No caso, na esfera trabalhista, o lugar de "patrão", gestor estatal, e o lugar de operário, funcionário público, são marcados distintamente por relações de força de dominação onde um subjaz ao outro. Daí podemos depreender o quanto o poder da linguagem no interior de uma luta de classes tem seu lugar representado constitutivamente por tensões e conflitos. Nesse sentido, propomos discutir a relação construída entre grevistas/militares e o governo ao longo da história dos movimentos reivindicatórios da polícia militar da Bahia compreendido entre 1981 e 2014. Durante os movimentos reivindicatórios da Polícia Militar do Estado da Bahia, a relação que se estabeleceu entre grevistas/militares e representantes do governo fora marcada por fortes tensões, bem como na sociedade e na mídia, de modo

geral, há crescente efervescência nas discussões sobre a PM poder ou não poder fazer greve, e sobre a greve da polícia ser ou não ser legal, legítima.

A CONSTRUÇÃO DE FERROVIAS E O PROJETO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL PARA O BRASIL (1870-1930)

DAVI TAYLOR MARQUES FRANKLIN, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA),DAVI.4950@GMAIL.COM; ANA ISABEL RIBEIRO PARENTE CORTEZ, UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA),

A partir de meados da década de 1870 começaram a ser elaborados no Brasil o desenvolvimento de uma série de projetos que tinham como finalidade a construção de um novo ordenamento político-cultural para o país. Diante desses projetos de construção de uma nação moderna e integrada, a construção de ferrovias foi apontada como uma das estratégias que deveriam garantir a centralização do império brasileiro através da integração das províncias. Diante da discussão e implantação desses projetos de integração e modernização, no Brasil, toda discussão que era realizada por engenheiros, políticos brasileiros e também participantes da elite letrada foram registradas e guardadas em diferentes suportes de caráter burocrático e administrativo, como os relatórios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (MACOP), que foi depois denominado de Ministério da Viação e Obras Públicas. Os relatórios falavam sobre tudo o que estava sendo discutido e desenvolvido nos projetos de modernização do Brasil. Assim, esta pesquisa busca um estudo cada vez mais aprofundado dos projetos de integração nacional do Brasil através da construção de ferrovias, no final do século XIX e início do XX. Esse estudo ocorre através da análise dos relatórios do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas que fazem parte de um imenso acervo, composto pela documentação produzida trâmites burocráticos e administrativos do Estado Imperial, e depois republicano, este acervo foi digitalizado e disponibilizado na internet, o que facilitou o acesso a essas fontes. Nos relatórios estão presentes todas as estratégias de consolidação do Estado Nacional colocadas em prática pelo governo Brasileiro no final do século XIX e início do XX. Além da análise deste processo, o levantamento, leitura e fichamento de bibliografia especializada sobre os temas da consolidação do Estado Nacional, da historiografia brasileira da segunda metade do século XIX, da expansão ferroviária, da produção capitalista do espaço, entre outros darão o suporte necessário para análise e compreensão das fontes.